

Lanzilina Netto Duque

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INCLUSÃO DE ALUNOS
ESPECIAIS NO COLÉGIO MILITAR**



Universidade Fernando Pessoa

Orientadora: Professora Doutora Fátima Paiva Coelho

Porto, 2018

Lanzilina Netto Duque

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INCLUSÃO DE ALUNOS
ESPECIAIS NO COLÉGIO MILITAR**



Universidade Fernando Pessoa

Orientadora: Professora Doutora Fátima Paiva Coelho

Porto, 2018

Lanzilina Netto Duque

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INCLUSÃO DE ALUNOS ESPECIAIS
NO COLÉGIO MILITAR**

Assinatura: _____

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação – Educação Especial, sob orientação da Professora Doutora Fátima Coelho.

Universidade Fernando Pessoa,
Porto 2018

RESUMO

A formação de professores para o atendimento de alunos com necessidades especiais é um tema de grande valor devido a expansão do acesso destes alunos às classes regulares. O presente estudo tem como objetivo geral verificar se os professores receberam formação para atender e saber atuar no dia a dia com alunos com necessidades educativas especiais na educação regular. Trata-se de um estudo descritivo de cariz qualitativo, no qual participaram 14 profissionais da educação sendo desde os dirigentes, os psicólogos e os professores que foram inquiridos através de uma entrevista. Conclui-se que embora o Colégio tenha sua estrutura adaptada, um planeamento para atender as demandas pedagógicas dos alunos com necessidades educacionais especiais e que forneça curso de Libras para seus professores e profissionais da educação, incluir está para além da estrutura física e material da instituição. Os professores têm que buscar constantemente formação que venha contemplar todas as particularidades e especificidades das deficiências, para que em seu cotidiano, possa agir e contribuir com a formação desse educando com qualidade.

Palavras-Chave: Formação do Professor. Inclusão Social. Inclusão pedagógica.

ABSTRACT

The training of teachers for the care of students with special needs is a topic of great value due to the expansion of access of these students to the regular classes. The present study has as general objective to verify if the teachers received training to attend and to be able to act in the day to day with students with special educational needs in the regular education. It is a descriptive study of qualitative character, in which they participated 14 professionals of the education being from the leaders, the psychologists and the teachers who were interviewed through an interview. It is concluded that although the College has its structure adapted, planning to meet the pedagogical demands of students with special educational needs and providing Pounds course for their teachers and education professionals, include is beyond the physical and material structure of the institution . Teachers have to constantly seek training that comes to contemplate all the particularities and specificities of the deficiencies, so that in their daily lives, they can act and contribute to the education of this educated person with quality.

Keywords: Teacher Training. Social inclusion. Pedagogical inclusion.

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus filhos Eloy, Elroy e Leroy. Os três filhos amados eternamente.

Dois estão no outro lado da vida. E Eloy, meu filho querido, que me presenteou com Camila e meus dois netos - Ângelo e Cecília, e que sempre me incentivou a realizar o mestrado.

AGRADECIMENTOS

A Deus por conceder- me sabedoria e paciência para realizar este trabalho.

À minha orientadora, Professora Doutora Fátima Paiva Coelho, não tenho palavras para expressar tamanha gratidão e, pelos conhecimentos e rigor científico, mas sobretudo por ter acreditado em mim, pela disponibilidade, conselhos, sugestões e orientações que me foi dando ao longo da orientação desta dissertação.

À minha família pela ausência do convívio em muitos momentos.

Aos amigos Alley Cândido Junior e Wagno Vasques de Aguiar que me incentivaram a caminhar e concluir o mestrado.

A todos os amigos do Colégio Militar de Brasília, especialmente ao SEAN –Sistema de Ensino- aprendizagem por Níveis – que colaboraram direta ou indiretamente para o meu crescimento.

INDÍCE GERAL

RESUMO.....	VI
ABSTRACT	VII
DEDICATÓRIA.....	VIII
AGRADECIMENTOS	IX
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XV
INTRODUÇÃO.....	- 1 -
1.1 Contextualização e Pressupostos da Investigação	- 1 -
1.2 Problema, Questões de Investigação e Objectivos	- 2 -
1.3 Relevância e Contribuição da Investigação	- 3 -
1.4 Estrutura do Trabalho	- 3 -
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	- 5 -
CAPÍTULO I: FORMAÇÃO DE PROFESSORES	- 6 -
1.1. Visão sobre a formação dos professores.....	- 6 -
1.2 A formação dos professores no Brasil	- 10 -
CAPÍTULO 2 - INCLUSÃO	- 15 -
2.1 Conceitos de inclusão	- 15 -
2.2. Educação Especial e Inclusão social.....	- 18 -
2.3 Benefícios da Inclusão	- 20 -
2.4 Necessidades Educacionais Especiais	- 24 -
2.5. Inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular	- 28 -
2.6 O atendimento educacional especializado – (AEE).....	- 30 -
2.7 A formação dos professores para a inclusão.....	- 32 -
2.8. Necessidade de formação de professores para inclusão	- 34 -
PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO	- 37 -
CAPÍTULO III: ESTUDO EMPÍRICO	- 38 -
1 Problemática	- 39 -
2 Objetivo do Estudo	- 39 -
3 Metodologia	- 40 -

4 Contexto Espacial e Socioeconómico da Pesquisa	- 44 -
5 Caracterização dos Participantes	- 49 -
6- Instrumentos e Procedimentos.....	- 51 -
CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	- 53 -
CAPÍTULO VI –CONCLUSÕES	- 79 -
REFERÊNCIAS	- 83 -
ANEXOS	- 96 -
ANEXO 01 – AUTORIZAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO	- 96 -
ANEXO 02 –DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	- 97 -
ANEXO 03 –QUESTIONÁRIOS PARA DIRIGENTES E PROFESSORES	- 98 -
ANEXO 04 –RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS	- 101 -

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Desenho da Investigação.....	- 41 -
Figura 02: Mapa do Brasil sinalizando Brasília	- 44 -
Figura 03: Arquitetura de Oscar Niemayer	- 44 -
Figura 04: Mapa de Brasília em formato de avião	- 45 -
Figura 05: Fachada do Colégio Militar de Brasília	- 46 -
Figura 06: Fachada do Colégio Militar de Brasília	- 47 -
Figura 07: Estrutura Física do Colégio.....	- 47 -
Figura 08: Estrutura Física de Acessibilidade a Deficientes.....	- 48 -

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Distribuição dos inquiridos por género	- 50 -
Gráfico 02: Formação Académica dos Profissionais da Educação	- 51 -
Gráfico 03: Formação académica na área da Educação Especial?	- 55 -

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Tamanho da população participante	- 49 -
Tabela 02: Tempo de Experiência com a Educação.....	- 50 -
Tabela 03: Tempo de Experiência com Educação Especial	- 53 -
Tabela 04: Formação Acadêmica em Educação Especial	- 55 -
Tabela 05: Suporte Pedagógico para Trabalhar com alunos de Inclusão	- 57 -
Tabela 06: Encontros e Reuniões para troca de experiências.....	- 58 -
Tabela 07: As dificuldades de trabalhar com Educação Especial	- 60 -
Tabela 08:Entendimento sobre inclusão.....	- 62 -
Tabela 09: Integração X Inclusão na Educação Especial	- 64 -
Tabela 10: Possibilidade de receber alunos deficientes.....	- 66 -
Tabela 11: Sugestões para a Inclusão de Alunos no Ensino Militar	- 68 -
Tabela 12: Vantagem de um aluno regular estudar com um deficiente	- 70 -
Tabela 13: O que é Inclusão Social?	- 72 -
Tabela 14: O que pensam sobre a Educação Especial no Sistema Militar?	- 73 -
Tabela 15: Como o Colégio Militar vê os alunos Especiais?	- 75 -
Tabela 16: Os professores estão preparados par receber os alunos de Educação Especial no Sistema do Colégio Militar.....	- 76 -

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE	Atendimento Educação Especial
CAPI	coordenação de atendimento pedagógico de Inclusão
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação
CM	Colégio Militar
D	Dirigentes
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DEC	Departamento de Engenharia e Construção
EPC	Estatuto da Pessoa com Deficiência
FUNDEB	Fundação
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
NEE	Necessidades Educacionais Especiais
P	Professores
PNE	Plano Nacional de Educação
S	Psicólogo
SAP	Seção de apoio Pedagógico
SAEE	Serviço de atendimento de Educação Especial
TODA	Transtorno de Déficit de Atenção
TDAH	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização e Pressupostos da Investigação

Há poucos anos que o colégio Militar recebe alunos de Educação especial, e atende todos sem distinção. Porém, poucos professores sabem como agir com o currículo e o aluno especial. Esta investigação, intitulado: “*Formação de Professores e a Inclusão de alunos especiais no Colégio Militar*”, visa Verificar se os professores receberam formação para atender e saber atuar no dia a dia com alunos com necessidades educativas especiais na educação regular.

Para o professor que todos os dias, está na sala de aula, que deve ter ideias e criatividade sobre como ensinar, a questão curricular deve necessariamente direcionar sua capacidade de trabalho, ou seja, deve tornar seu trabalho mais eficaz e também mais abrangente a todos. A inclusão de alunos especiais tem se tornado uma discussão entre os educadores nos últimos tempos, e existem muitas razões para que isto esteja acontecendo. Uma delas relaciona-se ao fato de que educadores, especialmente, os professores, aqueles que são profissionais da sala de aula, que contribuem para promover a formação integral do cidadão, atendam a todos os alunos e os de educação especial também (Passos, 2009).

Atualmente, poucas faculdades, oferecem a formação de professores com disciplinas relativas a Educação Especial. É necessário um novo planejamento para a formação inicial e permanente do professorado.

A formação continuada do professor deve ser um objetivo do sistema educacional comprometido com a qualidade do ensino que, nessa perspectiva deve assegurar que seja apto a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seu aluno, incluindo aqueles evidenciados com necessidades educacionais especiais (Mantoan, 2015).

Assim, o professor deve ser capaz de analisar os domínios de conhecimentos atuais dos alunos, as diferentes necessidades demandadas nos seus processos de aprendizagem, bem como, elaborar atividades, criar ou adaptar materiais, além de prever formas de avaliar os alunos para que as informações sirvam para retroalimentar seu planejamento aprimorar o atendimento aos mesmos.

O Colégio militar de Brasília tem acompanhando as leis e todas as mudanças relacionadas à educação, e atualmente a inclusão nas escolas regulares.

1.2 Problema, Questões de Investigação e Objectivos

Propor investigar um tema que envolve um Colégio Militar, se tornou um desafio. Para isso, colocamos a seguinte questão de investigação norteadora deste estudo: qual a visão e a disponibilidade dos professores, psicólogos e dirigentes do Colégio Militar para a inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE).

Tendo-se de seguida definido como objetivo geral: Verificar se os professores e Dirigentes estão disponíveis e sentem que dispõem das condições para atender e saber atuar no dia a dia com alunos com necessidades educativas especiais na educação regular.

E, como objetivos específicos:

- Compreender se o professor tem experiência, formação em educação especial ou suporte pedagógico para atuar na área e quais as dificuldades sentidas no processo de inclusão de alunos especiais;
- Buscar evidências sobre a visão dos professores sobre a inclusão e a sua disponibilidade para enfrentar esta realidade
- Compreender qual a visão e disponibilidade dos dirigentes para a Inclusão de alunos com Necessidades Educativas especiais no Colégio Militar

1.3 Relevância e Contribuição da Investigação

A investigação trará contribuições imensuráveis aqueles que buscam aprofundar sobre a inclusão dos alunos com necessidades especiais na educação regular. A pesquisa trará benefícios àqueles que estão diretamente desenvolvendo um trabalho pedagógico com os alunos de Inclusão, e a todos os profissionais da educação que tenham interesse em aprofundar na temática da nossa pesquisa.

Para professores que busca atender as legislações que contemplam a inclusão e que permitem que o aluno especial possa ter acesso a uma educação de qualidade e com um atendimento que venha proporcionar uma mudança significativa no ambiente no qual ele se encontra inserido.

Esta dissertação é recomendada a todos os profissionais da educação que de uma forma ou de outra, buscam conhecer todas as vertentes que abarcam o processo de ensino aprendizagem do aluno. Espera-se também que o teor dessa pesquisa empírica possa contribuir também com uma sociedade mais acolhedora, que possa ao mesmo tempo proporcionar a inclusão e contribuir para novas reflexões.

1.4 Estrutura do Trabalho

O trabalho de pesquisa foi estruturado em duas partes, sendo que a primeira compõe o referencial teórico, dividindo-se em 2 capítulos. O primeiro versa sobre a formação dos professores, a visão sobre a formação dos professores e a formação dos professores no Brasil. O segundo capítulo vem discorrer sobre o contexto de inclusão, os benefícios de incluir os alunos com Necessidades Especiais, a inclusão no sistema regular de ensino, o atendimento especializado, a formação de professores para a inclusão e a necessidade de formação continuada.

Na segunda parte, discorreremos sobre o Marco Metodológico, onde justifica a investigação, apresentando o contexto histórico da região, do colégio e da caracterização da amostragem, além de demonstramos as técnicas e os instrumentos da

coleta de dados, os procedimentos para realização dessa coleta de dados e as técnicas de análise e interpretação desses dados.

Por fim, apresentaremos os resultados bem como um projeto de intervenção pedagógica, as referências bibliográfica que foram utilizadas no projeto e os anexos que contribuíram para a efetivação da investigação e que pode proporcionar uma formação continuada e sólida no Colégio Militar, que visará promover a interação, troca de experiências e conhecimento contínuo referente a todo o processo de ensino aprendizagem de alunos com NEE na educação regular.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Neste capítulo apresentam-se os pilares teóricos que servem como suporte para a discussão da temática central do trabalho, de modo específico a formação de professores voltada para a inclusão no Colégio Militar.

1.1. Visão sobre a formação dos professores

Nesta primeira parte da pesquisa, é importante salientar o que é, para que serve e como é feita a formação dos professores, pois nas discussões políticas educacionais em todo país, a formação de professores tornou-se temática central dos estudos da realidade, intervenções e medidas que sempre procuram melhores condições de práticas pedagógicas no cotidiano escolar e na formação do professor para atuar de maneira competente e segura nas situações desafiadoras de sua profissão. Nesse sentido,

A formação continuada do professor deve ser um compromisso dos sistemas de ensino comprometidos com a qualidade do ensino que, nessa perspectiva, devem assegurar que sejam aptos a elaborar e a implantar novas propostas e práticas de ensino para responder às características de seus alunos, incluindo aquelas evidenciadas pelos alunos com necessidades educacionais especiais. (Mantoan, 2006, p.57)

Seguindo o viés interpretativo de Mantoan (2006) “o vocábulo formação significa ato, efeito de formar; constituição. E formar dar a forma; conceber; constituir” (Ferreira, 2001 p. 355). A formação docente diz respeito ao movimento de formar, de constituir o professor de torná-lo profissional, dotado de saberes inerentes ao desenvolvimento da sua profissão.

“Essa constituição docente liga-se à ideia de inacabado. É inconcluso (...)”. (Veiga, 2009, p.26). Esse processo de formação de professores pode ser inicial ou continuado. A primeira é condição para que o sujeito possa ingressar na profissão; a segunda encontra-se na condição de pesquisador, investigador dos fundamentos para sua prática.

É a formação primeira, aquela que habilita profissionalmente, que “ permite a inserção no campo profissional da docência, a educação básica, assegurada pela respectiva titulação legal”. (Borges, 2010 p.53).

A formação inicial vai levar o indivíduo que não possui nenhuma experiência profissional a uma profissão, dando-lhe a base para o desenvolvimento profissional comprometido com as exigências sociais, que se desenrola na etapa introdutória para a vida adulta, na qual “o indivíduo assume seu papel na sociedade, requerendo autonomia econômica, independência social e afetiva”. (Menestrina & Menestrina, 1996, p. 22).

A formação continuada diz respeito às atividades formativas desenvolvidas pelo profissional que possui titulação, que-lhe foi conferida na formação inicial. Com ela, o sujeito é capaz de adquirir conhecimentos teóricos e práticos para que possa subsidiar uma educação de qualidade, àqueles que de alguma forma, necessitam de um atendimento especial. Nesse ínterim, Mantoan (2006, p.59) vem complementar que

Ainda é preciso conjugar os objetivos maiores para a educação naquele sistema de ensino ao que se pretende oferecer enquanto conteúdo nos programas de formação, visando a que as mudanças sejam refletidas pelo conjunto dos professores e acompanhadas de sustentação teórico-prática, e não imposta à sua revelia. Não há como mudar práticas de professores sem que os mesmos tenham consciência de suas razões e benefícios, tanto para os alunos, para a escola e para o sistema de ensino quanto para seu desenvolvimento pessoal.

A formação continuada oportuniza repensar sua maneira de atuar na escola e principalmente, com objetivo de ensinar seus alunos, modificando suas aulas. A formação continuada possibilita ao docente a aquisição de conhecimentos específicos da profissão, tornando-se assim, mais capacitado a atender as exigências impostas pela sociedade, exigências estas que se modificam com o passar dos tempos, tendo então o educador que estar constantemente atualizado. Ainda salienta Sousa (2008, p.42) “ser professor, hoje, significa não somente ensinar determinados conteúdos, mas, sobretudo em um ser educador comprometido com as transformações da sociedade, oportunizando aos alunos o exercício dos direitos básicos à cidadania”.

Nesse sentido, o conhecimento adquirido na formação inicial se reelabora e se especifica na atividade profissional, por isso esta é considerada como etapa insuficiente para atender as exigências impostas pela sociedade atual.

Existem várias concepções em torno do conceito de formação de professores. No entender de Fernández (2009) constitui uma fonte de seleção de conteúdos conceptuais, procedimentais e atitudinais. Segundo Alarcão (2001), deve servir para desenvolver nos docentes, competências para investigar sobre e para a ação educativa e para partilhar recursos e processos com os outros. Já para Roldão (2001), deve ser vista como construção social num processo de desenvolvimento contínuo e de contextualização.

Uma vez que a formação continuada é um fator essencial para uma constante ressignificação da prática pedagógica, reforçando e atualizando sua formação inicial, deve servir de base para o desenvolvimento da vida profissional, a partir do domínio de uma série de saberes que o torna competente no exercício da docência. Segundo Coelho (2012, p.16) “hoje, sabemos que a formação é um processo contínuo, sistemático e organizado que dura enquanto durar a carreira do docente”.

Nesse viés, Nóvoa (1999), vem demonstrar que a necessidade de se conceber uma formação contínua deverá contribuir para a mudança educacional, para a redefinição da profissão docente encarando os professores em todas as suas dimensões (individual, coletiva, profissional e organizacional).

Percorrendo o passado e olhando para o futuro, percebemos os altos e baixos da formação docente, suas fragilidades, seus caminhos e descaminhos. “A afirmação profissional dos professores é um percurso repleto de lutas e de conflitos, de hesitações e de recuos” (Nóvoa, 1995, p.21).

Nóvoa (1995, p.26) ainda vem complementar que “ a formação de professor precisa de ser repensada e estruturada como um todo, abrangendo as dimensões da formação inicial, da indução e da formação contínua”.

Na perspectiva da inclusão, a formação dos professores torna-se um item essencial, postulado pela LDB de 1996, em seu artigo 59, que prevê os “professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns” (MEC, 1996, p.22).

Dentro deste contexto, a escola deve rever a formação de seu corpo docente e os sistemas de ensino devem comprometer-se com a formação continuada dos mesmos. O professor deve estar apto a elaborar e implantar novas propostas de ensino de forma a atender as necessidades dos alunos, estimular a aprendizagem e assegurar sua permanência na escola. Nesse contexto, (Mantoan, 2006, p.60) refere que

Uma das competências previstas para os professores manejarem suas classes é considerar as diferenças individuais dos alunos e suas implicações pedagógicas como condições indispensáveis para a elaboração do planejamento e para a implantação de propostas de ensino e de avaliação de aprendizagem, condizentes e responsivas às suas características. Todo plano de formação deve servir para que os professores se tornem aptos ao ensino de toda a demanda escolar. Dessa forma, seu conhecimento deve ultrapassar a aceitação de que a classe comum é, para os alunos com necessidades educacionais especiais, um mero espaço de socialização.

Diante o exposto, Xavier (2002, p.19) ainda vem nos colocar a luz do processo de formação

a construção da competência do professor para responder com qualidade às necessidades educacionais especiais de seus alunos em uma escola inclusiva, pela mediação da ética, responde a necessidade social e histórica de superação das práticas pedagógicas que discriminam, segregam e excluem, e, ao mesmo tempo, configura, na ação educativa, o vetor de transformação social para a equidade, a solidariedade, a cidadania.

Com isso, fica evidenciado que atender a um grupo multicultural, na qual tenhamos pessoas de diferentes culturas, religiões, contexto social e de inclusão, coloca os professores em um campo de planejamento que possa contribuir tanto com o processo de ensino aprendizagem, quanto com a socialização dos seus pares.

1.2 A formação dos professores no Brasil

Para falar da formação de professor é necessário recordar um pouco da história da educação no Brasil, visando o aparecimento de formação de docente desde o período Colonial com os Jesuítas ao período atual com a formação universitária.

Os estudos sobre a história da educação no Brasil, em particular sobre a formação de professores, referem-se à influência de estrangeiros. O estabelecimento das escolas destinadas ao preparo específico dos professores, para o exercício de suas funções, chegou juntamente com os jesuítas, em 1549, quando os princípios cristãos cultivados em Portugal impregnaram cada momento da educação no Brasil (Dutra, 2015). No final do século XVII, as influências iluministas na cultura portuguesa refletiram na educação brasileira, reproduzindo a formação dos professores que se praticava em Portugal.

As primeiras escolas normais brasileiras foram estabelecidas por iniciativa nas Províncias, após o Ato Adicional de 1834. A primeira escola Normal foi criada na Província do Rio de Janeiro, pela Lei nº10, de 1835, que determinava: ‘Haverá na capital da Província uma escola normal para nela se habitarem as pessoas que se destinarem ao magistério da instrução primária e os professores atualmente existentes que não tiveram adquirido necessária instrução escolar de ensino mútuo, na conformidade da Lei 15/10/1827’ (Dutra, 2015, p. 279).

Aranha (2006, p.300) explica que na Proclamação da República, com a Reforma de Benjamin Constant em 1890, foi presente a influência dos princípios positivistas, que dentre outros aspectos, visava à formação de professores capacitados para o ensino.

Guimarães (2006, p.179), afirma que em 1939 foi criado o curso de Pedagogia, com vistas à dupla função de formar bacharéis para atuar como técnicos de educação e licenciados, destinados à docência nos cursos normal. Nesse período inicia-se um esquema de Licenciatura que passou a ser conhecida como ‘3+1’, ou seja, três anos dedicados às disciplinas de conteúdo no caso Pedagogia, os fundamentos da Educação, e um ano do curso de Didática, para a formação a formação de licenciado.

O decreto-lei 8530, de 2 de janeiro de 1946, oficializou como finalidade do curso normal, “promover a formação do pessoal docente necessário às escolas primárias; habilitar administradores escolares destinados às mesmas escolas; desenvolver e propagar os conhecimentos e técnicas relativas à educação da Infância” (Romanelli,1984, p.164).

A Lei 5.692/71 aboliu a Escola Normal e a formação dos professores passou para o curso de Pedagogia. A partir de 1980, surgiu um movimento pela reformulação do curso de Pedagogia e Licenciatura, que adotou o princípio da “ docência com base de identidade profissional de todos os profissionais da Educação’. (Silva, 2003, p.68 - 79).

A Constituição Federal de 1988, vem respaldar e avançar com a inclusão das pessoas com necessidades especiais. Mantoan (2015), vem discorrer sobre a valorização que a Constituição de 88 deu em relação a dignidade da pessoa humana, em seu art. 1º, incisos II e III, garantindo também em seu art.5º o direito à igualdade, demonstrando também em seu art. 205, “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”(Presidência da República, 1988, p.2).

Em 1990 foi publicada a Declaração Mundial sobre educação para todos: plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, elaborada pela UNESCO. A declaração em seu Art. 3, vem:

UNIVERSALIZAR O ACESSO À EDUCAÇÃO E PROMOVER A EQUIDADE 1. A educação básica deve ser proporcionada a todas as crianças, jovens e adultos. Para tanto, é necessário universalizá-la e melhorar sua qualidade, bem como tomar medidas efetivas para reduzir as desigualdades. 2. Para que a educação básica se torne equitativa, é mister oferecer a todas as crianças, jovens e adultos, a oportunidade de alcançar e manter um padrão mínimo de qualidade da aprendizagem. A prioridade mais urgente é melhorar a qualidade e garantir o acesso à educação para meninas e mulheres, e superar todos os obstáculos que impedem sua participação ativa no processo educativo. Os preconceitos e estereótipos de qualquer natureza devem ser eliminados da educação. 4. Um compromisso efetivo para superar as disparidades educacionais deve ser assumido. Os grupos excluídos - os pobres: os meninos e meninas de rua ou trabalhadores; as populações das periferias urbanas e zonas rurais os nômades e os trabalhadores

migrantes; os povos indígenas; as minorias étnicas, raciais e linguísticas: os refugiados; os deslocados pela guerra; e os povos submetidos a um regime de ocupação - não devem sofrer qualquer tipo de discriminação no acesso às oportunidades educacionais. 5. As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial. É preciso tomar medidas que garantam a igualdade de acesso à educação aos portadores de todo e qualquer tipo de deficiência, como parte integrante do sistema educativo.(UNESCO, 1990, p.4)

Saviani (2009, p.143) destaca: “[...] sem professores bem preparados, praticamente instruídos nos modernos processos pedagógicos e com cabedal científico adequado às necessidades da vida atual, o ensino não pode ser regenerado e eficaz”.

Em 2008, foi materializado a institucionalização de um duplo financiamento, no qual o FUNDEB- Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, passou a garantir verbas em relação as matrículas dos alunos com NEE. Assim,

O Decreto n. 6.571/2008, além de instituir o duplo cômputo das matrículas no âmbito do FUNDEB, estabelece ações fundamentais para a inclusão escolar: programas de formação continuada de professores na educação especial e de acessibilidade arquitetônica dos prédios escolares e a disponibilização de recursos de tecnologia assistiva para assegurar a oferta do atendimento educacional especializado nas escolas com matrícula de estudantes público-alvo da educação especial. (Mantoan, 2015, p.45)

Esse decreto contribuiu muito com a inclusão dos alunos com necessidades especiais, e após ele, as Diretrizes operacionais para o atendimento educacional especializado na educação básica, modalidade de educação especial, vem sendo considerado um divisor de águas para aqueles que pesquisam sobre o processo de inclusão. Essa diretriz, tem em sua Resolução CNE/CEB n.4/2010,

Art. 1º A presente Resolução define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para o conjunto orgânico, sequencial e articulado das etapas e modalidades da Educação Básica, baseando-se no direito de toda pessoa ao seu pleno desenvolvimento, à preparação para o exercício da cidadania e à qualificação para o trabalho, na vivência e convivência em ambiente educativo, e tendo como fundamento a responsabilidade que o Estado brasileiro, a família e a sociedade têm de garantir a democratização do acesso, a inclusão, a permanência e a conclusão com sucesso das crianças,

dos jovens e adultos na instituição educacional, a aprendizagem para continuidade dos estudos e a extensão da obrigatoriedade e da gratuidade da Educação Básica.

Em consonância com esses princípios, em 2010 surge também do Decreto n.7.611/2011, que dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências, em seu art.1º:

Art. 1º O dever do Estado com a educação das pessoas público-alvo da educação especial será efetivado de acordo com as seguintes diretrizes:

I - garantia de um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidades;

II - aprendizado ao longo de toda a vida;

III - não exclusão do sistema educacional geral sob alegação de deficiência;

IV - garantia de ensino fundamental gratuito e compulsório, asseguradas adaptações razoáveis de acordo com as necessidades individuais;

V - oferta de apoio necessário, no âmbito do sistema educacional geral, com vistas a facilitar sua efetiva educação;

VI - adoção de medidas de apoio individualizadas e efetivas, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, de acordo com a meta de inclusão plena;

VII - oferta de educação especial preferencialmente na rede regular de ensino; e

VIII - apoio técnico e financeiro pelo Poder Público às instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial.(Presidência da República,2011)

Já com o Plano Nacional de Educação (PNE, 2014, p.2) , vem caracteriza-se com a valorização dos profissionais da Educação que diz:

fortalecer a formação dos professores da escola pública de Educação básica, por meio da implantação das ações do Plano Nacional do livro e leitura e da instituição de programa nacional de disponibilização de recursos para acesso a bens culturais pelo magistério público.

A nova LDB (Lei de Diretrizes e bases) traçou diretrizes inovadoras para a formação dos professores da educação brasileira, a partir de 2002, foi promulgada as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação de Professores (DCN) e então, foram feitas as primeiras adaptações nos currículos de formação docente com maior preocupação no desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais. Logo, foi concebida às universidades a possibilidade de organização de cursos de formação de professores.

Assim, conforme acima à história brasileira, as políticas sobre formação de professores evidenciam sucessivas mudanças e reformas para preparação do docente na educação escolar. E atualmente, a luta pela inclusão de alunos especiais na escolar regular.

Em 2015, surge o Estatuto da Pessoa com Deficiência, composto na Lei n. 13.146/2015, que vem postular em seu art. 27

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistemas educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único: É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. (Presidência da República, 2015, p.19)

Esse dispositivo vem assegurar a todas as pessoas com necessidades especiais a garantia de uma educação inclusiva e de qualidade. O documento ainda obriga todos os sistemas educacionais de ensino a se adequarem para atender os alunos nos diversos níveis e modalidades de ensino.

CAPÍTULO 2 - INCLUSÃO

2.1 Conceitos de inclusão

A educação caminha sempre com as mudanças para o crescimento do ensino e aprendizagem principalmente ao que diz respeito ao âmbito social quanto no educacional. E nos últimos anos, no que diz respeito à inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais na escola. Assim,

Tomando como base os indicadores de qualidade de vida da população nas últimas décadas e as consequências da adoção da agenda econômica neoliberal em países com características como as do Brasil, com elevadíssima desigualdade social, o discurso em prol de uma escola que acolha a todos parece caminhar na contramão do que vem sendo instituído, ou seja, preconizamos a inclusão escolar como componente da inclusão social um contexto histórico e social em que estamos constantemente ameaçados pela expansão da exclusão econômica e social (Mantoan, 2006, p.66)

O princípio da inclusão baseia-se na premissa de que a escola é para todos, possibilitando aos alunos com deficiência a frequência e permanência nas turmas regulares, onde têm o direito de beneficiar de todos os serviços adequados às suas características e necessidades (Correia, 2003).

Incluir vem do latim *includere*; que significa compreender, abranger; conter em si, envolver, implicar; inserir, intercalar, introduzir, fazer parte, figurar entre outros; pertencer juntamente com outros. O adjetivo inclusivo é usado quando se procura qualidade para todas as pessoas, quer tenham ou não deficiência. No entender de Sanches (2005), a UNESCO tem desempenhado um papel preponderante no desenvolvimento de conceitos inerentes ao campo educativo, inicialmente com a integração, passando depois pela inclusão, pelo movimento da escola inclusiva e, posteriormente, pela educação inclusiva.

Goffredo (2001), aponta-nos uma possibilidade similar sobre a relação inclusão e integração:

Na tentativa de eliminar os preconceitos e de integrar os alunos portadores de deficiências nas escolas comuns do ensino regular, surgiu o movimento de integração escolar. Esse movimento caracterizou-se, de início, pela utilização das classes especiais (integração parcial) na “preparação” do para a “integração total” na classe comum. Ocorria, com frequência, o encaminhamento indevido de alunos para as classes especiais e, conseqüentemente, a rotulação a que eram submetidos. O aluno, nesse processo, tinha que se adequar à escola, que se mantinha inalterada. A integração total na classe comum só permitida para aqueles alunos que conseguissem acompanhar o currículo ali desenvolvido. Tal processo, no entanto, impedia que a maioria das crianças, jovens e adultos com necessidades especiais alcançassem os níveis mais elevados de ensino. Eles engrossaram, dessa forma, a lista dos excluídos do sistema educacional (...). Inclusão: Representando um avanço em relação ao movimento de integração escolar, que pressupunha o ajustamento da pessoa com deficiência para sua participação no processo educativo desenvolvido nas escolas comuns, a inclusão postula uma reestruturação do sistema educacional, ou seja, uma mudança estrutural no ensino regular, cujo objetivo é fazer com que a escola se torne inclusiva, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve não só ser aceita como desejada. (Goffredo, 2001, pp. 25 e 33),

Também Carvalho (2003, p.50) nos traz, com base em suas experiências em cursos de capacitação de professores, a confirmação da existência, na prática, da dualidade integração – inclusão, afirmando que:

Integração e inclusão certamente são termos diferentes, e têm gerado modelos de organização político-administrativa distintos. Já tive o desprazer de ouvir, em uma das turmas que visitei, (...) uma professora dizer que havia alunos com deficiência incluídos em sua sala, contra sua vontade. Devido a isso eles estavam inseridos, colocados lá, mas constituíam um grupo à parte, até porque ela tinha ouvido que não devemos mais falar de integração. Estavam, portanto, segregados, na inclusão!

Contudo, Aranha (2004, p.2) nos apresenta o seguinte entendimento para a inclusão escolar como,

a ideia de inclusão se fundamenta em uma filosofia que reconhece e aceita a diversidade na vida em sociedade. Isto significa garantia de acesso de todos a todas as oportunidades, independente das peculiaridades de cada indivíduo ou grupo social.

A questão da inclusão tem vindo a ser abordada por vários autores tais como: Correia, (1999, 2001, 2003, 2008) , Morgado (2003, 2004) , Sanches, (2001, 2005) , defendendo o movimento da escola inclusiva onde se preconiza uma educação inclusiva e reconhecendo as mudanças necessárias para que, de acordo com Ainscow e Ferreira (2003, p.114), coloca: “(...) alcançar a educação de qualidade de todas as crianças, independente de quem eles são de onde e como eles vivem, e quais são as suas necessidades ou potenciais habilidades”.

Assim como é referido por Aguiar (2009, p.15): “A inclusão de alunos portadores de necessidades especiais na escola regular constitui uma perspectiva para o século XXI, cada vez mais firme, nos diferentes sistemas e níveis educativos”.

No entender de Leitão (2010, p.1), inclusão é:

(...) um esforço de mudança e melhoria da própria escola, de forma a proporcionar a todos as melhores condições de aprendizagem, sucesso e participação, na base das circunstâncias específicas de cada um. Inclusão é, antes de tudo, uma questão de direitos e valores, é a condição da educação democrática.

O paradigma da inclusão vem ao longo dos anos, procurando dar uma resposta para a exclusão escolar e propondo ações que garantam o acesso e permanência do aluno com deficiência no ensino regular. Silva (2009) aponta que ao estabelecer a educação como direito de todos na sociedade brasileira, a constituição Federal de 1988 e as reformas educacionais contidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB nº 9.396/96 (Brasil, 1996) – estimularam, pelo país movimentos em prol do direito à educação para pessoas com deficiência.

Mendez, Rodrigues e Capellini (2003) destacam que cada indivíduo, com sua singularidade, usufrui o bem comum na sociedade atual, e essa ideia traz um novo conceito, que é a inclusão. Já Para Mitler (2003) Inclusão escolar consiste em assegurar a todos o acesso à gama de oportunidades educacionais e sociais oferecidas pela escola.

Stainback & Stainback (1999) destacam que o ensino inclusivo e a prática da inclusão implicam considerar as potencialidades do aluno independente do seu talento,

deficiência, origem socioeconômica ou origem cultural, onde todas as necessidades dos alunos são satisfeitas. Para Mendes (2002, p. 16):

A educação inclusiva é uma proposta de aplicação prática ao campo da educação de um movimento mundial, denominado de inclusão social, o qual é proposto como um novo paradigma e implica a construção de um processo bilateral no qual as pessoas excluídas e a sociedade buscam, em parceria, efetivar a equiparação de oportunidades para todos. Portanto, o movimento pela inclusão social está atrelado à construção de uma sociedade democrática, na qual todos conquistam sua cidadania e na qual a diversidade é respeitada e há aceitação e reconhecimento político das diferenças.

Essa parceria proposta por Mendes é que irá impulsionar todo o processo de construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva. Aquela na qual buscará atender todas as demandas que o indivíduo com necessidades educacionais especiais, aferir.

2.2. Educação Especial e Inclusão social

De acordo com Lima (2002), a educação inclusiva refere-se a uma modelo de educação realizado na escola, cuja abrangência de atendimento não é limitada a um ou outro grupo – acolhe a todos os indivíduos independentemente de suas qualidades ou características físicas, sociais, culturais ou mentais, universalizando o acesso a todos.

A Educação Especial, por sua vez, segundo o conceito estabelecido pela Lei Federal n.9394/96, nomeada de Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu artigo 58, é disciplinada como modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino para educandos com necessidades especiais, tendo início durante a educação infantil.

A política nacional da educação especial na perspectiva da educação inclusiva estabelece que a Educação Especial é uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da educação básica e ensino superior, e realiza o atendimento educacional especializado, devendo o aluno receber atendimento de acordo com suas necessidades educacionais específicas. Esse documento também define quem são os alunos atendidos

pela Educação Especial: alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento a altas habilidades/superdotação.(PNE, 2014)

Em relação ao atendimento educacional especializado há a função de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. Essas necessidades específicas serão abordadas a seguir:

A educação inclusiva é uma educação onde os alunos não portadores de deficiência e os portadores de algum tipo de deficiência poderão aprender uns com os outros. Uma depende da outra para que realmente exista uma educação de qualidade. A educação inclusiva no Brasil é um desafio a todos os profissionais de educação.

Diante deste desafio é importante esclarecer que a Educação Inclusiva para (Mrech,2017, p.2) é:

- atender aos estudantes portadores de necessidades especiais na vizinhança da sua residência;
- propiciar a ampliação do acesso destes alunos às classes regular;
- propiciar aos professores da classe regular um suporte técnico;
- perceber que as crianças podem aprender juntas, embora tendo objetivos e processos diferentes;
- levar os professores a estabelecer formas criativas de atuação com as crianças portadoras de deficiência;
- propiciar um atendimento integrado ao professor de classe comum do ensino regular.

A educação especial trata-se de uma educação voltada para os portadores de deficiências como: auditivas, visuais, intelectual, física, sensorial, surdo, cegueira e as múltiplas deficiências.

Para que esses educandos, tão especiais possam ser educados e reabilitados, é de extrema importância à participação deles em escolas e instituições especializadas. E que eles disponham de tudo o que for necessário para o seu desenvolvimento cognitivo.

Para atingir a proposta da Educação Inclusiva são necessárias muitas mudanças, no campo educacional, social, político e, principalmente, no formativo. Quando se refere

ao formativo, reporta-se à formação do cidadão como pessoa não apenas em seus aspectos culturais, sociais e políticos, mas também em sua formação como profissional habilitado que atuará na educação.

2.3 Benefícios da Inclusão

A inclusão de pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação em escolas comuns de ensino regular ampara-se na Constituição Federal/88 que define em seu artigo 205 “a educação como direito de todos, dever do Estado e da família, com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (MEC, 2014 p.1).

Isso implica numa sociedade onde cada um é responsável pela qualidade de vida do outro, mesmo quando esse outro é muito diferente de nós. A escola é o espaço de construção de personalidades. E é no ambiente educativo, que a inclusão vai passar para os alunos a valorizar as diferenças pela convivência, o espírito solidário e participativo, e todos na mesma turma.

Com a convivência com os colegas com deficiência, o aluno sem deficiência pode desenvolver compreensão, o respeito e aprender a considerar como naturais as semelhanças e as diferenças entre os indivíduos (Stainback; Stainback, 1999). E para que isso aconteça é necessário, a orientação do professor e dos profissionais da escola. Além de desenvolver atitudes de respeito e solidariedade, de acordo com Marchesi (2001), os alunos com deficiência também se beneficiam porque passam a receber metodologias de ensino diversificadas e individualizadas e a dispor de mais recursos. De acordo com Selau (2007) as crianças conseguem se adaptar bem e se relacionar com o grupo, independente de suas capacidades e dificuldades. Desenvolvem a criatividade na relação com o grupo e se adaptam as mais diferentes situações, percebem as diferenças e aprendem com isso. “Somos diferentes. Essa é a nossa condição humana” (Carvalho, 2005, p.11).

O processo de inclusão é um processo muito benéfico que pode trazer ganhos, não apenas para os alunos que são incluídos, mas certamente para todos que convivem no espaço escolar, vejamos alguns benefícios a seguir de acordo com Bereta e Viana (2015, p. 125):

- os alunos com deficiência passam a exercer seus direitos e tornam-se cidadãos convivendo com todos os alunos da escola.
- a socialização da criança especial o estimula a vencer novos desafios, fazendo-a se sentir cada vez mais capaz.
- a criança cresce e aprende a viver em ambientes integrados, encontrando nos demais colegas modelos. (Bereta e Viana ,2015, p. 125)

Bereta e Viana (2014, p. 125) ainda vêm complementar que

Em pouco tempo de convivência com os alunos ditos normais, o aluno deficiente torna-se mais social, mais comunicativo e reduz significativamente os comportamentos considerados inapropriados para a convivência e participação na sala de aula regular. Percebe-se que os alunos desenvolvem seu senso de auto-aceitação e auto-valorização, ou seja, eles percebem que são diferentes dos demais, mas aceitam e não se sentem inferiores por isso. A inclusão também afeta os outros alunos sem deficiência, pois eles aprendem a lidar com o “diferente”, deixam os preconceitos de lado e aceitam as pessoas do jeito que são. Eles passam a serem mais tolerantes, solidários e comprometidos com o próximo, e ajudam sempre que necessário.

Ao conviver com deficientes, as demais crianças tornaram-se mais sensíveis as questões de discriminação que acontecem no cotidiano. Desenvolvem-se mais flexíveis e valorizam as pessoas pela contribuição que elas têm a dar. Passam a aceitar com mais naturalidade a presença de pessoas que usam cadeiras de rodas, aparelhos de surdez, bengalas, etc. As escolas são construídas para promover educação para todos, portanto todos os indivíduos têm o direito de participação como membro ativo da sociedade na qual estas escolas estão inseridas. Todas as crianças têm direito a uma educação de qualidade onde suas necessidades individuais possam ser atendidas e aonde elas possam desenvolver-se em um ambiente enriquecedor e estimulante do seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. (Barbosa, 2010, p.1)

De forma geral todos os alunos podem se beneficiar muito com as metodologias de inclusão, pois o processo estimula a compreensão e aceitação das diferenças e a

construção de uma sociedade solidária. A escola passa a ser um lugar de aprendizagem para todos. De acordo com Bereta e Viana (2014). Incluir crianças deficientes em escolas regulares melhora a vida profissional dos professores, pois os desafia a desenvolverem abordagens mais centradas nessas crianças, ajudando-as a serem participativas, e com ensino ativo. Permite a experimentação de várias metodologias e também a convivência com outros profissionais como: médicos, psicólogos e fisioterapeutas. Essa oportunidade de trabalhar com outros profissionais é muito benéfica, pois o trabalho em colaboração torna o ensino mais estimulante.

Certamente para os professores, o maior ganho no processo de inclusão está em garantir a todos o direito à educação. Para finalizar conclui-se que a inclusão de alunos com deficiência pode gerar benefícios para toda a sociedade, pois, aprende-se que apesar das diferenças, todos têm direitos iguais. A inclusão reforça a prática de que as diferenças devem ser aceitas e respeitadas.

Os benefícios da inclusão atingem também os professores, que passam por experiências que fortalecem e amadurem o profissional. Ajuda a combater a insegurança e o medo da experiência de tê-los em sala de aula. Os desafios de ensinar para alunos especiais, dá ao professor a oportunidade de crescer como ser humano e como cidadão. Além de trabalhar com diversas metodologias, permite compartilhar experiências com os demais profissionais que auxiliam no atendimento especializado, com psicólogos, neuropedagogos, fisioterapeutas, entre outros.

A formação de professores também pode ajudar a garantir que os programas inclusivos beneficiem todos os alunos (Sharma *et al.*, 2008). Estudos sugerem uma correlação positiva entre níveis de habilitação ou formação de professores em educação para estudantes com deficiência e atitudes positivas em relação à inclusão. A formação de professores e as intervenções apropriadas também podem reduzir a externalização de comportamentos que afetam negativamente outros estudantes.

Gottfried (2014) concluiu que professores mais experientes e aqueles com maior formação em educação de alunos com deficiência, eram mais capazes de mitigar os impactos negativos de alunos com deficiência sobre os resultados comportamentais de

seus pares. Abordagens coordenadas para a escola como um todo em relação ao comportamento de alunos com e sem deficiência também podem apoiar a inclusão de alunos com comportamentos difíceis. Sem dúvida, o principal benefício da inclusão é o resultado trazido pela socialização entre pessoas. A escola deve rever a formação de seu corpo docente os sistemas de ensino devem comprometerem-se com a formação continuada dos professores. O professor deve estar apto a elaborar e implantar novas propostas de ensino de forma a atender as necessidades dos alunos, estimular a aprendizagem e assegurar sua permanência na escola.

A construção da competência do professor para responder com qualidade às necessidades educacionais especiais de seus alunos em uma escola inclusiva, pela mediação da ética, responde a necessidade social e histórica de superação das práticas pedagógicas que discriminam, segregam e excluem, e, ao mesmo tempo, configura, na ação educativa, o vetor de transformação social para a equidade, a solidariedade, a cidadania. (Xavier, 2002, p. 19).

Crochik (2002, p. 295) salienta que, compartilhar atividades com crianças com deficiência permitiria as demais “auxiliar os que não sabem com o seu saber e aprender pela própria experiência, os seus limites e o dos outros, experiências que podem dar-lhes algo que a busca da perfeição impede: o entendimento da vida e a possibilidade de vivê-la”.

Uma escola inclusiva só existe na medida em que se aceita que é preciso tirar proveito das diferenças. O posicionamento a favor da inclusão vem de dentro de cada pessoa, mas na escola pode e deve incentivar a comunidade escolar a aceitar e a enfrentar o medo da inclusão. Assim poderão entender que todos só têm a ganhar e jamais perder ao conviver com alguém com alguma deficiência. (Bereta & Viana, 2014).

Trabalhar com diferença é compreender que o ensino, o apoio, os recursos didáticos-pedagógicos, a metodologia, a proposta curricular e avaliação devem beneficiar a todos em sala de aula não apenas com os alunos de educação especial ou os inclusos mais todos.

Conforme a Lei nº 9.394 (2008) todas as crianças têm o direito de frequentar uma escola regular, em que possam conviver com outras crianças e demais membros da

comunidade escolar, socializando-se e aprendendo aquilo que for capaz de absorver esse momento, sempre dentro de suas possibilidades.

Pessoas com incapacidades são beneficiadas quando frequentam uma escola regular, onde recebem informações iguais as recebidas pelos colegas, mesmo que tenham um tratamento diferenciado e, onde terão condições propícias para construir uma posição subjetiva que dê conta da alteridade. Uma vez que é função da escola colocar limites, interditar, mostrar a lei da sociedade. E, dessa forma estará contribuindo para uma melhor qualidade de vida a essas pessoas.

Como qualquer cidadão, a pessoa com incapacidades de qualquer natureza tem direito à educação pública e gratuita assegurada por lei, preferencialmente na rede escola regular de ensino e, se for o caso, à educação adaptada às suas características em escolas especiais, conforme estabelecido nos artigos 58 e seguintes da Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro. (MEC-SAADE, 1996)

2.4 Necessidades Educacionais Especiais

“Necessidade” trata-se de um termo que se presta a muitas definições. E, remetendo as necessidades ao campo da educação avalia-se muitos aspectos, porém aqui, há a ideia clara que “necessidades” dá suporte aos instrumentos utilizados com vantagens ou sem vantagens para a educação especial.

Durante as diferentes épocas da história a educação especial recebeu diferentes conceitos. Freire (1998) mostra a força operacional dos conceitos e suas consequências, abordando a importância de rever nomenclaturas empregadas pessoas que apresentam alguma diferença. Como relata Fonseca (1997), designações “humilhantes” recebidas em décadas passadas encerravam julgamentos e critérios sociais de rendimento e normalidade. Remetiam a uma visão médico-organicista, que priorizava a deficiência em si. Os termos utilizados muitas vezes refletiam concepções preconceituosas, indicando a visão que se faz sobre o sujeito que apresenta de forma permanente ou temporária alguma diferença em seu desenvolvimento.

Atualmente, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial (2001) sugerem um novo termo, de refletir a partir dele a real necessidade educacional propondo as possibilidades de desenvolvimento derivando o termo pessoa com necessidades educacionais especiais. E assim, a terminologia atual (MEC, 1999, p.5) retrata o sujeito que :

por apresentar, em caráter permanente ou temporário, em alguma deficiência física, sensorial, cognitiva, múltipla, condutas típicas, ou ainda altas habilidades, necessita de recursos especializados para desenvolver mais plenamente o seu potencial e/ou minimizar suas dificuldades.

O suporte especial que deve subsidiar o trabalho, tanto no âmbito educacional, social ou profissional, incluindo as adaptações curriculares nas instituições de ensino que atendem a alunos com necessidades especiais, como nas medidas de acessibilidade em vários locais dessas pessoas.

Especiais devem ser as alternativas educativas que a escola precisa organizar, para que qualquer aluno tenha sucesso; especiais são os procedimentos de ensino; especiais são as estratégias que a prática pedagógica deve assumir para remover barreiras para a aprendizagem. Com este enfoque temos procurado pensar no especial da educação, parecendo-nos mais recomendável do que atribuir esta características ao alunado. (Carvalho, 2000, p.17).

Para Vygotsky (1993) no trabalho educacional a aprendizagem de crianças com necessidades Educacionais especiais concentrar-se nas habilidades dessas crianças e deter-se no “como” ocorre seu processo de desenvolvimento, uma vez que o desenvolvimento de uma pessoa não é menos favorecido, mas ocorre de forma diferente de crianças normais.

Para ele, “o aprendizado é uma das principais fontes da criança em idade escolar ; e é também uma poderosa força que direciona o se desenvolvimento, determinando o destino de todo o seu desenvolvimento mental”. (1993, p.74). E, ainda acredita que a intervenção pedagógica na vida das crianças com algum tipo de deficiência seja fundamental e vê a escola como instituição social, um espaço privilegiado de desenvolvimento, que oportuniza saberes por meio das mediações significativas entre o professor-aluno e das trocas mediadas entre os colegas mais experientes, gerando a

participação ativa na apropriação dos conhecimentos, de modo a possibilitar a sua inserção no plano sociocultural e exercer ação transformadora nas relações de produção.

Sua influência na educação especial defendeu a função pedagógica da instituição escolar em detrimento da terapêutica, centrada no que falta no sujeito. Como lembra Monteiro (1998, p. 78):

Vygotsky sugere atividades que tenham sentido para a vida do aluno, relacionadas a jogos, ao trabalho, ao desejo, a vivência de uma linguagem viva, enfim, ato de aprender e de ensinar com significado e sentido. Assim, a educação da criança com necessidade especial, como a de qualquer outra, precisa estar voltada para o desenvolvimento das funções que ajudem o aluno a superar suas dificuldades, a formar uma concepção de mundo e, a partir dela, a aquisição de conhecimentos fundamentais para o entendimento das suas relações com a vida.

As necessidades educacionais especiais são definidas conforme os problemas de aprendizagem apresentados pelos alunos, podendo ser de caráter temporário ou permanente. De acordo com o Conselho Estadual de Educação do Paraná-Brasil (Deliberação nº 02/2003). Foram estabelecidas normas para educação especial, passando ser elegíveis para o atendimento em educação especial as seguintes problemáticas, segundo o Art. 6

Art. 6º Será ofertado atendimento educacional especializado aos alunos com necessidades educacionais especiais decorrentes de: I. dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares, não vinculadas a uma causa orgânica específica ou relacionadas a distúrbios, limitações ou deficiências; II. dificuldades de comunicação e sinalização demandando a utilização de outras línguas, linguagens e códigos aplicáveis; III. condutas típicas de síndromes e quadros psicológicos neurológicos ou psiquiátricos; IV. superdotação ou altas habilidades que, devido às necessidades e motivações específicas, requeiram enriquecimento, aprofundamento curricular e aceleração para concluir, em menor tempo, a escolaridade, conforme normas a serem definidas por Resolução da Secretaria de Estado da Educação.

A Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC- 2010) propõe a uniformização dos termos para necessidades educacionais especiais, definindo como adiante se expõe as seguintes:

Superdotação ou talentosos – apresentam alto nível de desempenho em diferentes potencialidades, podendo ocorrer isoladamente ou de forma combinada.

Surdez – perda auditiva significativa que pode ser leve, moderada ou profunda.

Deficiência visual – redução ou perda total da capacidade de ver manifestando-se como cegueira ou visão reduzida.

Deficiência física – existe variadas condições que afetam a mobilidade e a coordenação motora geral, de modo a apresentar algum tipo de paralisia, limitação do aparelho locomotor, amputação, má formação congênita ou qualquer tipo de deficiência que interfira em sua locomoção, coordenação e fala.

Paralisia cerebral – resultado de uma lesão ou mau desenvolvimento do cérebro, de caráter não progressivo, porém permanente.

Deficiência mental – apresenta funcionamento intelectual geral significativo abaixo da média.

Condutas típicas – indivíduos que apresentam síndrome e quadros psicológicos, neurológicos e psiquiátricos, que ocasionam atrasos no desenvolvimento e prejuízos no relacionamento social, em grau que requer atendimento educacional especializado.

Dificuldades de aprendizagem – o indivíduo não consegue dar prosseguimento à aprendizagem por não possuir ferramentas para transpor o obstáculo.

Para Smith e Strick, (2001, p.15) “ o termo dificuldade de aprendizagem refere-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho acadêmico. Raramente, elas podem ser atribuídas a uma única causa”.

2.5. Inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino regular

A inserção de alunos com deficiência em classe comum é uma conquista feita com muito estudo, trabalho e dedicação de todos seja aluno com deficiência ou aluno sem deficiência.

A estabilidade é algo que buscamos frequentemente, pois ela nos dá segurança. Quanto mais conhecemos determinado fato ou assunto, mais nos sentimos seguro diante dele. O novo gera insegurança e instabilidade, exigindo reorganização, mudança. É comum sermos resistentes ao que nos desestabiliza. Sem dúvida, as ideias inclusivas causam muita desestabilidade e resistência (Minetto, 2008, p.17)

O medo de mudar, de abandonar o que por muito tempo nos dá segurança faz com que a educação inclusiva ainda encontre algumas resistências. Aos poucos, a luta por uma escola que não discrimina, não rejeita nenhum aluno será para todos.

O artigo 1º da resolução nº 2 /2001 estabeleceu que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento aos estudantes com necessidades educacionais especiais de modo a assegurar condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. A cada novo artigo na legislação ponderava uma nova conquista como o atendimento aos alunos com necessidades especiais deveria ser realizado em “classes comuns do ensino regular”.

A convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU,2006, p.1), promulgada no Brasil com status de Emenda Constitucional por meio do Decreto legislativo nº 186/2008 e Decreto Executivo nº 6.949/2009, estabelece o compromisso dos Estados-Parte de assegurar às pessoas com deficiência um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino, em ambientes que maximizem o desenvolvimento acadêmico e social, compatível com a meta de inclusão plena, com a adoção de medidas para garantir que as pessoas com deficiência não sejam excluídas do sistema educacional geral, sob a alegação de deficiência e possam ter acesso ao ensino de qualidade de condições com as demais pessoas na comunidade.

O motivo que sustenta a luta por uma nova perspectiva para as pessoas com deficiência é sem dúvida, a qualidade de ensino nas escolas de modo que respondam às

necessidades de cada um dos seus alunos, de acordo com as suas especificidades, sem recorrer a educação especial e suas modalidades de exclusão.

Transformar a escola significa, portanto criar as condições para que todos os alunos possam atuar efetivamente nesse espaço educativo, focando as dificuldades do processo de construção para o ambiente escolar e não para as características particulares dos alunos (Sassaki, 2010, p.34).

No entender de Correia (2003, p.75), a escola deve assumir os seguintes princípios:

Considerar a totalidade dos alunos; considerar e respeitar os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos; acolher e dirigir a diversidade de interesses, motivações, expectativas, capacidades e ritmos de desenvolvimento de todos os alunos.

Zabalza (2013) vem demonstrar que a escola inclusiva é aquela que inclui e dá uma resposta educativa de qualidade a todas as crianças e jovens, sejam elas “normais” ou de “inclusão”. Para o autor, as escolas inclusivas desenvolvem uma filosofia pedagógica que valoriza positivamente a diversidade. Nesta perspectiva, Fonseca (2002) vem complementar que “a escola inclusiva significa assegurar a todos os estudantes, sem exceção, (...) a igualdade de oportunidades educativas (...)” . (Fonseca, 2002, p. 12)

O conceito de inclusão implica que a escola se organize de modo a eliminar barreiras, preencher as dificuldades e adaptar-se aos seus alunos atendendo às diferenças de cada um e às necessidades individuais apresentadas. Neste sentido, a escola tem de identificar e satisfazer as necessidades de todos os seus alunos, pois “Nas escolas inclusivas, os alunos com necessidades educativas especiais devem receber o apoio suplementar de que precisam para assegurar uma educação eficaz” (UNESCO,1994, p.12). É através de currículos adequados, de uma organização pedagógica flexível, de uma utilização eficaz de recursos e da articulação apropriada com a comunidade que a escola, enquanto instituição, promove o desenvolvimento harmonioso dos seus alunos (UNESCO,1994, 12).

Ainda, segunda a UNESCO (1994, p.5), para maior igualdade de direitos:

as escolas regulares com uma orientação inclusivas são os meios mais eficazes de combater às atitudes discriminatórias, criando comunidades de acolhimento, construindo uma sociedade

inclusiva e alcançando a educação para todos; além disso, proporcionar uma educação mais eficaz para a maioria das crianças e melhoram a eficácia e, por último, a relação custo-eficácia de todo o sistema educativo.

Assim, foi reconhecido a importância da escolarização dos alunos com NEE no sistema regular de ensino e a necessidade das escolas se adaptarem a todos eles. A escola é o local onde as crianças convivem lado a lado, uma pedagogia inclusiva é a melhor forma de promover a solidariedade entre os alunos com necessidades educacionais especiais e os seus pares, desenvolvendo nestes a capacidade de aceitação e valorização das diferenças.

Priorizar a qualidade do ensino regular é, pois, um desafio que precisa ser assumido por todos os educadores. As escolas têm o árduo trabalho de se reinventar e buscar novos meios de promover uma assistência focada no deficiente e que tenha aprendizado. Não só para o deficiente, mas também, para os demais alunos regulares. Na realidade, a ideia de inclusão nas escolas gira em torno de um sistema educacional único, que atenda a todos sem distinção. Isso vai desde um portão de entrada mais largo para o cadeirante até a qualificação profissional para proporcionar aprendizagem mesmo diante da limitação do aluno.

2.6 O atendimento educacional especializado – (AEE)

Segundo Costa (2011), o atendimento educacional especializado identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando as suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, não sendo substitutivas à escolarização. Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela. Assim,

Incluir é necessário, sobretudo, para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para levar a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos e barreiras. Não podemos contemporizar soluções, mesmo que o preço que tenhamos de pagar seja bem alto -afinal, ele nunca será tão alto quanto o resgate de uma vida

escolar marginalizada, uma evasão, uma criança estigmatizada sem motivos. (Mantoan, 2015, p.59)

Ainda, segundo Costa (2011), o atendimento educacional especializado também disponibiliza programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagens e códigos específicos de comunicação e sinalização, ajudas técnicas e tecnologia assistiva, dentre outros. Para Bereta e Viana (2014, p.123) “o atendimento Educacional Especializado é o atendimento realizado por um professor com formação específica e oferecida aos alunos no turno inverso de seu horário de aula”.

A oferta de ambientes ricos em estímulos favorece, indubitavelmente, o desenvolvimento democrático da inteligência. Considerando a necessidade de uma política educacional que favoreça, de modo geral, a ampla evolução das capacidades de todos os alunos.

AEE visa promover acessibilidade, atendendo às necessidades educacionais específicas dos estudantes público alvo da educação especial, devendo a sua oferta constar no projeto Político pedagógico da escola, em todas as etapas e modalidades da educação básica, afim de que possa efetivar o direito destes estudantes à educação. Para tanto,

Nas redes de ensino público e particular que resolveram adotar medidas inclusivas de organização escolar, as mudanças podem ser observadas de três ângulos: o dos desafios provocados por essa inovação; o das ações no sentido de efetivá-la nas turmas escolares, incluindo o trabalho de formação de professores; e, finalmente, o das perspectivas que se abrem à educação escolar com a implementação de projetos inclusivos. Na base dessas mudanças está o princípio democrático da educação para todos. (Mantoan, 2015, p.62)

Nessa linha é que percebemos que um Atendimento Educacional Especializado, reque muito mais que a aceitação das normas existentes. É preciso acima de tudo de um preparo no qual a inclusão de pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação em escolas comuns de ensino regular e no atendimento Educacional especializado, sejam ofertados em salas de recursos multifuncionais, como ampara-se na Constituição Federal/88 que define em seu artigo 205 “a educação como direito de todos, dever do Estado e da família, com a

colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, garantindo no artigo 208, o direito ao “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência” (MEC,2014).

Desse modo, o atendimento educacional especializado visa promover acessibilidade, atendendo as necessidades educacionais específicas da educação especial, devendo a sua oferta constar no projeto político pedagógico da escola, em todas as etapas e modalidades, a fim de que possa efetivar o direito destes estudantes à educação.

O professor de AEE, dependendo da necessidade do aluno, organiza atividades e recursos pedagógicos e de acessibilidade a fim de facilitar o processo de construção da aprendizagem. As atividades oferecidas pela AEE são diferentes daquelas realizadas em sala de aula, são atividades e recursos que estimulam o aprendizado do aluno nas áreas em que ele encontra dificuldades.

Por fim, o artigo 9 do Conselho Federal de Educação, n. 4/209 atribui aos professores que atuam na sala de recursos multifuncionais ou centros de AEE em articulação com os demais professores do ensino regular, com participação dos demais serviços setoriais da saúde para prescrever a elaboração e execução do AEE.(MEC, 2014)

2.7 A formação dos professores para a inclusão

A formação de professores é um aspecto que merece ênfase ao se abordar a inclusão. Muitos professores ainda se sentem inseguros e ansiosos diante da possibilidade de receber uma criança com necessidades especiais na sala de aula. Há uma queixa dos alunos de pedagogia, de licenciatura e dos professores: “Não fui preparado para lidar com crianças com deficiência” (Lima, 2002, p.40). Diante disso que Mantoan (2015, p. 73) vem discorrer que

Ensinar a turma toda, sem exclusões nem discriminações, exige dos professores o compromisso de apresentar os conteúdos curriculares aos alunos após estudo e atualização de seus conhecimentos, por mais elementar que seja o nível explicativo desses conteúdos. O professor deixará de ser um mero repetidor do que o aluno pode encontrar como informação e conhecimento em um livro didático, em uma apostila. Ele precisa conhecer muito sobre o

conteúdo que ensina para que os alunos tenham o que aprender e possam se saciar do conhecimento disponibilizado de diferentes ângulos e perspectivas.

Nesse contexto, a Constituição Federal de 1988, vem garantir as pessoas com necessidades especiais, o direito à educação de qualidade no ensino regular em instituições públicas de ensino. Contudo, sabe-se que os direitos constitucionais dessas pessoas não estão sendo respeitados, pois, a capacitação de professores para receber alunos com necessidades educativas especiais ainda é precária.

De acordo com Bueno (1999, p.20) “dentro das atuais condições da educação brasileira, não há como incluir crianças com necessidades educacionais especiais no ensino regular sem apoio especializado, que ofereça aos professores dessas classes, orientação e assistência”.

O autor vem demonstrar que um apoio na hora de incluir, faz toda a diferença, contudo a educação inclusiva é aquela que oferece um ensino adequado às diferenças e às necessidades de cada aluno e não deve ser vista lateralmente ou isolada, mas, parte do sistema regular. É nesse campo que o acompanhamento se faz indispensável para a efetivação deste conceito é a formação adequada e contínua do professor (Sant’ana et al Glat & Fernandes, 2005) .

Acredita-se que a formação docente e a busca da qualidade do ensino para a criança com necessidades educativas especiais envolvem pelo menos, dois tipos de formação profissional: a primeira é a dos professores do ensino regular que conte com o conhecimento mínimo exigido, uma vez que há a possibilidade de lidarem com alunos com “ necessidades educativas e/ou para auxiliar o professor do ensino regular em sala de aula (Bueno, 1993, p.25). Para que haja o sucesso na qualidade do ensino, Mantoan (2015, p.74) vem postular que

As atividades precisam ser desafiadoras para estimular os alunos a realiza-las, segundo seus níveis de compreensão e desempenho. Portanto, não se excluirá nenhum aluno das atividades nem serão oferecidas a alguns (os que sabem menos) atividades adaptadas, facilitadas. Toda atividade deverá suscitar exploração, descoberta, com base nas possibilidades e nos interesses dos alunos, que optaram por desenvolvê-las em pequenos grupos ou por si mesmos. Como o

ensino não é diferenciado para os mais avançados ou com menos capacidade, é importante lembrar que ensinar é um ato coletivo, mas o aprender sempre é individualizado.

Apesar de muitos avanços nos projetos político-pedagógico para inclusão, muitas instituições de ensino ainda não implementaram ações que favoreçam a formação de seus professores para trabalharem com a inclusão. Para tanto, é importante que eles compreendam o contexto sócio-histórico da exclusão e o da proposta de inclusão. Além disto, que possuam o domínio básico de conhecimentos que os auxiliem a se aproximarem das pessoas com deficiência, no sentido de integrarem com elas, obtendo assim subsídios para atuarem pedagogicamente (Lima, 2002).

A ausência de conhecimento do professor sobre as peculiaridades das deficiências, o não reconhecimento das potencialidades dos alunos com necessidades especiais são fatores que deveriam ser abordados em qualquer formação profissional.

Existem muitos documentos oficiais a serem incluídos nos cursos de Licenciaturas. Disciplinas que ajudem na formação de professores em suas práticas profissionais e novos saberes sobre inclusão de alunos com necessidades especiais.

2.8. Necessidade de formação de professores para inclusão

No que diz respeito à educação de pessoas com necessidades educacionais especiais, o ensino era realizado em instituições especializadas. A educação especial se organizou como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levaram à criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. Contudo, os professores esperam que haja

Uma formação que lhes ensine a dar aulas para os alunos com deficiência, dificuldades de aprendizagem e/ou problemas de indisciplina. Ou melhor: anseiam por uma formação que lhes permita aplicar esquemas de trabalho pedagógico predefinidos às suas salas de aula, garantindo-lhes a solução dos problemas que presumem encontrar nas escolas ditas inclusivas. (Mantoan, 2015, p.79)

Contudo, faz-se necessário salientar que grande parte dos professores que buscam um curso de formação o encara apenas como um mero curso de aperfeiçoamento, que ao final lhe venha apenas oferecer um título para dizer ser especializado em tratar as questões voltadas para a inclusão.

Porém, a busca pela formação dos profissionais da educação vem desde 1990, no qual busca-se a inclusão plena para todos os educandos nas classes regulares, desde a educação infantil. Todos devem aprender juntos, independente da sua diferença.

Em 1999, a Política Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência define a educação Especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

O conceito de necessidades educacionais especiais, que passa a ser amplamente disseminado após à Declaração de Salamanca, ressalta a interação das características individuais dos alunos com o ambiente educacional e social. Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial passa a integrar a proposta pedagógica da escola regular, promovendo o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação.

Considerando preparar professores em nível superior e demais profissionais de ensino a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nr. 9.394/1996, no artigo 62, situa:

A formação dos docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em ensino médio, na modalidade normal.

A formação de professores a partir da Portaria 1973 foi reconhecida a formação dos docentes e de outros profissionais que atuam em áreas afins, sendo recomendada a inclusão da disciplina específica, focalizando aspectos éticos-políticos-educacionais às pessoas com necessidades especiais, principalmente nos cursos de pedagogia, psicologia e em outras licenciaturas. Que segundo Mantoan (2015, p. 80)

Se de um lado é preciso continuar investindo maciçamente na formação de profissionais qualificados, de outro não se pode descuidar da realização dessa formação. É preciso estar atento ao modo como os professores aprendem ao aperfeiçoarem seus conhecimentos pedagógicos, e também ao modo como reagem às novidades, aos novos possíveis educacionais suscitados pelo ensino inclusivo.

Nesse sentido, a inclusão educacional requer professores preparados para atuar na diversidade, compreendendo as diferenças e valorizando as potencialidades de cada aluno de modo que o ensino favoreça a aprendizagem de todos, visto que a legislação brasileira garante a todo cidadão o acesso à escola e ao cidadão com deficiência o atendimento educacional, e em escolas regulares.

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO III: ESTUDO EMPÍRICO

Toda investigação nasce de um problema observado ou vivenciado no dia a dia do pesquisador, “de tal modo que não pode prosseguir a menos que se faça uma seleção da matéria a ser tratada. Essa seleção requer alguma hipótese ou pressuposição que vai orientar e, ao mesmo tempo, delimitar o assunto a ser investigado” (Cervo, 2007,p.29).

A justificativa da investigação, segundo Severino (2016, p. 138), “cabe adiantar a contribuição que se espera dar com os resultados da pesquisa, justificando-se assim a relevância e a oportunidade de sua realização, mediante o desenvolvimento do projeto” Ou seja, é a parte em que o pesquisador busca demonstrar a importância do objeto de estudo.

Nesse contexto, a presente dissertação intitulada: “*Formação de Professores e a Inclusão de Alunos Especiais no Colégio Militar*”, responde à importância de obtermos uma formação continuada dos educadores, com o intuito de contribuir com o Ensino Aprendizagem do aluno de inclusão.

A proposta se faz relevante por se tratar de uma temática atual que busca por meio de políticas públicas, garantir ao aluno com necessidades especiais, uma qualidade de ensino dentro de uma educação regular. A relevância social da investigação consiste em suscitar reflexões críticas sobre como trabalhar com a inclusão na sala de aula e o que fazer para que os alunos que não sejam de inclusão, possam incluir seus pares sem excluir.

Nesse ínterim, considera-se que o resultado desse estudo certamente trará consequências positivas, tanto para os educadores que almejam um conhecimento para além dos muros da escola, quanto para os alunos e familiares que vivem constantemente em busca de uma educação de qualidade.

1 Problemática

A problemática dessa pesquisa surgiu das experiências, vivências e observações enquanto professora de um Colégio Militar no que diz respeito a formação continuada de professores para que possam atender com qualidade, os alunos de inclusão na educação regular.

A escolha e formulação do problema de investigação “consiste em dizer, de forma explícita e clara, compreensível e operacional qual a dificuldade com a qual nos confrontamos e que pretendemos resolver, limitando o seu campo e apresentando as suas características”. (Freixo, 2011, p 157)”

Já Charoux (2006) , vem postular que o problema é um delimitador da área de pesquisa, que conduzirá o trabalho e a coleta de dados. Segundo Amado (2014, p.199), “a função, mais imediata e pragmática é a de explicitar o que se pretende aprender ou entender e ajudar a estruturar as linhas mestras da estratégia a seguir”.

Assim, o que se pretende essa investigação é entender o que poderá causar na inclusão de alunos de educação especial no sistema colégio militar, para dessa forma, se poder intervir no sentido de melhorar a educação escolar para todos.

Os Colégios Militares que presta ensino preparatório e assistencial aos dependentes dos militares, busca a inserção dos alunos público alvo da educação especial em sua prática pedagógica, com o objetivo de promover o desenvolvimento, a aprendizagem, e a acessibilidade plena e a inserção social.

2 Objetivo do Estudo

Define-se como objetivo geral da pesquisa: Verificar se os professores e Dirigentes estão disponíveis e sentem que dispõe das condições para atender e saber atuar no dia a dia com alunos com necessidades educativas especiais na educação

Objetivos específicos:

- Compreender se o professor tem experiência, formação em educação especial ou suporte pedagógico para atuar na área e quais as dificuldades sentidas no processo de inclusão de alunos especiais;
- Buscar evidências sobre a visão dos professores sobre a inclusão e a sua disponibilidade para enfrentar esta realidade
- Compreender qual a visão e disponibilidade dos dirigentes para a Inclusão de alunos com Necessidades Educativas Especiais no Colégio Militar.

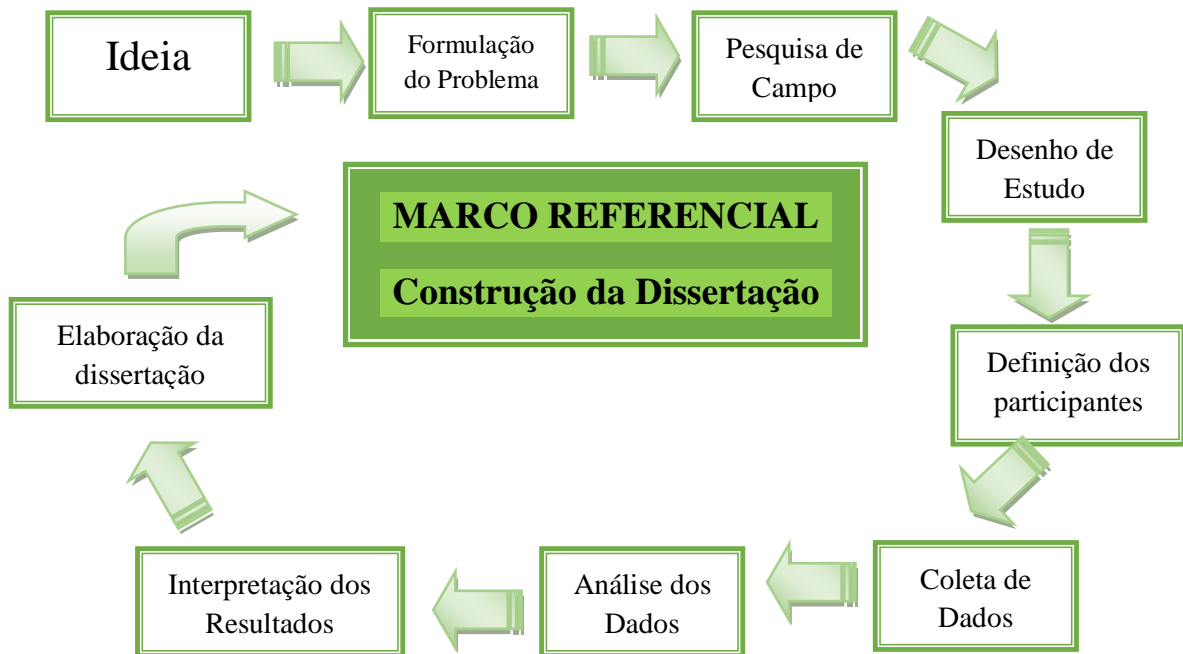
3 Metodologia

A investigação é de caráter descritivo, que vem proporcionar a investigação detalhes aprofundados da relação do professor/aluno deficiente, com o meio em que se encontra inserido. Nesse sentido, Triviños (1987, p. 112),

os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação. Ainda para o autor, às vezes não existe por parte do investigador um exame crítico das informações, e os resultados podem ser equivocados; e as técnicas de coleta de dados, como questionários, escalas e entrevistas, podem ser subjetivas, apenas quantificáveis, gerando imprecisão.

O tipo de estudo desenvolvido nesta pesquisa é descritivo de cariz qualitativo. Segundo Cervo (2007,p. 32) “os estudos descritivos constituem a habilidade de fazer com que o outro veja mentalmente aquilo que o pesquisador observou.” Neste sentido, a pesquisa tem que ser clara para que o leitor seja capaz de compreender todo o caminho que foi percorrido pelo pesquisador e interpretar cada parte existente na investigação.

Figura 01: Desenho da Investigação



O enfoque qualitativo selecionado na investigação, vem buscar compreender

a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam, aprofundar em suas experiências, pontos de vida, opiniões e significados, isto é, a forma como os participantes percebem subjetivamente sua realidade. (Sampieri, et al, 2017, p.376)

Esse tipo de enfoque é utilizado para mostra abordagens diferentes da investigação que vão desde a coleta de dados, análise a interpretação dos resultados (Creswell, 2010). Para Creswell (2010, p.52), na pesquisa qualitativa “os investigadores usam a literatura de maneira consistente com as suposições de conhecimento do participante, e não para prescrever questões que precisem ser respondidas pelo ponto de vista do pesquisador”.

Ainda, dialogando com a pesquisa, utilizamos a metodologia de pesquisa qualitativa, para que possamos atender a todos os objetivos na coleta de dados, que segundo Sampieri; Collado & Lucio (2013, p.447):

No processo qualitativo coletamos todos os dados e ao mesmo tempo acontecem a análise. Os dados são bem variados, mas eles são essencialmente narrações dos participantes: a) visuais

(fotografias, vídeos, pinturas, entre outros), b) auditivas (gravações), c) textos escritos (documentos e cartas) e d) expressões verbais e não verbais (como respostas orais e gestos em um entrevista ou grupo focal), além das narrações do pesquisador (anotações ou gravações no diário de campo, seja em um pequeno caderno de apontamento ou um dispositivo eletrônico)

Outro conceito em referência a pesquisa qualitativa é que o pesquisador pode ter contato mais próximo com o objeto de estudo e com os participantes, fazendo com que as respostas possam ser mais precisas. (Prodanov, 2013). O autor ainda complementa que

Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (Prodanov, 2013, p.70)

Com isso, a metodologia escolhida permitiu aprofundar sobre o fenômeno investigado, possibilitando assim, a compreensão acerca dos objetivos propostos no projeto, demonstrando assim, as características particulares do fenômeno a ser estudado, possibilitando a observação e o entendimento de sua realidade. Tal afirmação vem ao encontro do objetivo dessa pesquisa que é obter os dados sobre as práticas docentes em inteligências múltiplas através das respostas dos professores da escola, fundamentada em suas práticas e vivências diárias em sala de aula.

De acordo com Albarello (1997), a escolha da metodologia deve ter em conta os objetivos do estudo, o tipo de resultados esperados e o tipo de análise que desejamos efetuar. Uma pesquisa é sempre uma nova busca até mesmo por lugares já estudados. É um modo particular de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento.

Tendo em conta que o propósito é estudar a formação dos professores do sistema militar que receberão ou já recebem alunos especiais, compreender a sua essência, do ponto de vista dos diferentes atores do/no processo de ensino e aprendizagem, no contexto de uma escola militar e que se pretende estudar esta problemática “ no meio natural e

interpretar os dados com base nos significados que os participantes dão a este mesmo fenômeno” (Fortin, 2009, p.29), de maneira interpretá-lo no seu meio, considerou-se adequado.

Como ferramenta de investigação, utilizamos um Guião de Perguntas (Cf. anexo 03) que foram utilizadas na entrevista feita aos professores, psicólogos e dirigentes do Colégio Militar. Contudo, antes do início da pesquisa, solicitamos ao Colégio a autorização para a realização do estudo e a participação dos representantes da educação da escola (Cf. anexo 01) . Foi também descritos a todos os participantes da amostragem, os objetivos que versam a pesquisa e o termo de consentimento livre esclarecido (Cf. anexo 02) , no qual os inquiridos tiveram a oportunidade de conhecerem seus direitos, assinando o termo o aceite voluntário que os resguardou quanto aos aspectos jurídicos e de sigilo.

Compondo ainda o cenário investigativo, utilizou-se como instrumento de pesquisa um guião com questões semi-estruturada que foram utilizadas na Entrevista, bem como a observação de aulas e o registro através de fotografias da estrutura da Instituição de Ensino.

A entrevista foi utilizada como recurso de pesquisa, com o objetivo de delimitar o volume de informações, tendo o direcionamento para o tema, intervindo a fim de que os objetivos sejam alcançados. Para Manzini (1990/1991, p.154) “a entrevista semi-estruturada está focalizado em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.

Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Participantes

4 Contexto Espacial e Socioeconômico da Pesquisa

O Colégio é localizado em Brasília, capital do Brasil, sede do governo. A capital está localizada na região Centro-oeste do país, e é conhecida como planalto central. Segundo o IBGE, sua população até 2016 era de 2.977.216 habitantes, sendo considerada a terceira maior cidade populosa do país.

Figura 02: Mapa do Brasil sinalizando Brasília



Sendo a capital nacional, Brasília foi construída para atender a demanda do poder legislativo, executivo e judiciário. Sua construção tem a assinatura do renomado arquiteto brasileiro Oscar Niemayer, com suas arquiteturas arrojadas e contemporâneas.

Figura 03: Arquitetura de Oscar Niemayer



Congresso Nacional



Catedral Metropolitana



Supremo Tribunal Federal



Palácio da Alvorada

A política de planejamento da cidade, como a localização de prédios residenciais em grandes áreas urbanas, a construção da cidade através de enormes avenidas e a sua divisão em setores, tem provocado debates sobre o estilo de vida nas grandes cidades no século XX. O projeto da cidade a divide em blocos numerados, além de setores para atividades pré-determinadas, como o Setor Hoteleiro, Bancário ou de Embaixadas, compondo assim, o curioso formato de avião.

Figura 04: Mapa de Brasília em formato de avião



O Colégio Militar de Brasília, objeto da nossa investigação, surgiu pelo Decreto Imperial Nr 10202, de 09 de março de 1889, com o nome de Imperial Colégio Militar da Corte, hoje o tradicional Colégio Militar do Rio de Janeiro. O Colégio fazia parte dos sonhos de Duque de Caxias e do Marquês de Herval, para acolher os órfãos daqueles militares que serviram a guerra.

Figura 05: Fachada do Colégio Militar de Brasília



Quase cem anos depois, surgiu o Colégio Militar de Brasília. O Colégio atendia naquele contexto, os desejos dos altos chefes. Em 31 de março de 1976, “visando à construção do Colégio Militar de Brasília, foi assinado um distrato de convênio entre o Chefe do Departamento de Engenharia e Construção (DEC) e o Governo do Distrito Federal, tendo como base o anteprojeto apresentado pelo arquiteto Hélio Ferreira Pinto”. (Colégio Militar de Brasília, 2017).

Foi em dezembro de 1977, que o Departamento de Ensino e Cultura do Exército Brasileiro, determinou o seu funcionamento, a partir de 1979. Nesse ano, foram matriculados 720 alunos que atendiam os seguimentos do 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, sendo implantado nos anos seguintes a modalidade do Ensino Médio.

Figura 06: Fachada do Colégio Militar de Brasília



Figura 07: Estrutura Física do Colégio



Foi em 1982 que o Colégio Militar de Brasília conseguir concretizar o ciclo da organização com a implantação da 3ª Série do Ensino Médio. O Colégio ocupa hoje uma área de aproximadamente 240.000 metros quadrados das quais 60.000 em alvenaria, abriga em suas instalações um efetivo aproximado de 3.100 alunos, distribuídos em cerca de 100 salas de aula.

Toda a infraestrutura foi pensada nos alunos que possuem necessidades especiais de locomoção. Mesmo aqueles ambientes que possuíam uma estrutura mais antiga, conseguiu se adequar ao projeto de inclusão, proporcionado pela instituição, conforme verificamos na figura 5:

Figura 08: Estrutura Física de Acessibilidade a deficientes



Atendendo, prioritariamente, ao ensino preparatório e assistencial, em nível de ensino fundamental e médio, o Colégio ainda possui as tradições dos Colégios Militares. O Colégio Militar de Brasília tem como objetivo a Educação Básica nos Ensinos Fundamental e Médio, ministrada aos filhos de militares das três Forças Armadas e Forças Auxiliares, além de estudantes oriundos do meio civil que ingressam através de Concurso Público realizado anualmente nas cidades em que estão sediados os CM.

O Sistema Colégio Militar do Brasil, compõe-se de 13 Colégios, possuindo atualmente cerca de 14.500 alunos de ambos os sexos dos quais 3.000 estudam no Colégio Militar de Brasília.

5 Caracterização dos Participantes

Visando atender os objetivos da pesquisa, temos como participantes 6 professores, 2 psicólogos e 6 dirigentes, sendo que 1 dirigente é o Coronel Geral, que com suas respostas poderão contribuir com a maior confiabilidade e validade para a análise proposta. Assim, segue a tabela abaixo com a caracterização possível dos participantes da presente investigação.

Tabela 01: Tamanho da população participante

<i>População participante</i>	Quantidade
<i>Professores</i>	6
<i>Psicólogos</i>	2
<i>Dirigentes</i>	6
<i>Total</i>	14

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2018.

Vale ressaltar que após a escolha dos participantes, foram coletados os dados no ano de 2017, no segundo semestre, tempo esse que foi suficiente para efetuar as entrevistas. Quanto a caracterização por sexo dos participantes

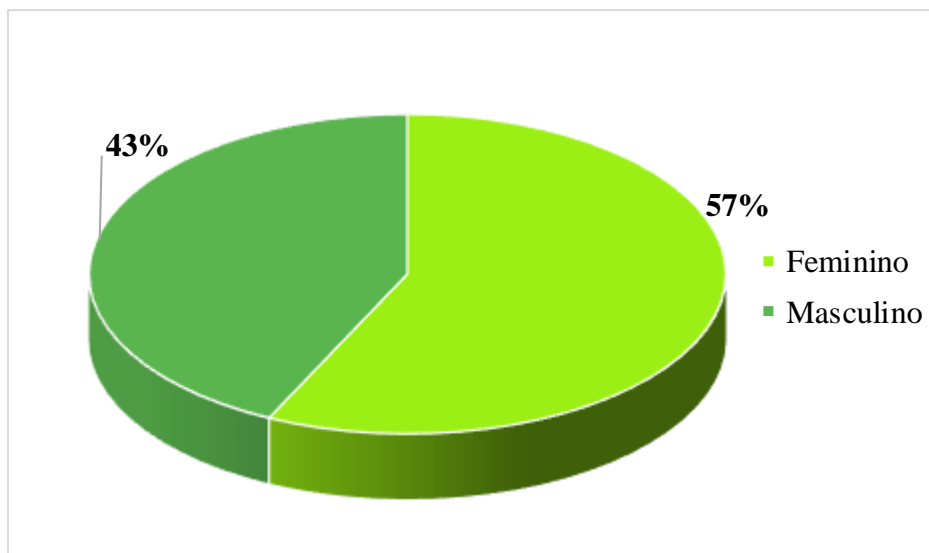


Gráfico 01: Distribuição dos inquiridos por gênero

No gráfico 1, pode-se perceber que 57% dos inquiridos são do sexo feminino, que corresponde a 8 mulheres, e 43% são do sexo masculino, 6 homens.

Tabela 2: Tempo de Experiência com a Educação

<i>População participante</i>	Anos
<i>P 1</i>	20
<i>P2</i>	25
<i>P3</i>	27
<i>P4</i>	25
<i>P5</i>	17
<i>P6</i>	8
<i>S1</i>	8
<i>S2</i>	5

No que tange ao tempo de experiência com a Educação, percebemos que grande maioria dos inquiridos, cerca de 5 pessoas, possuem entre 17 e 27 anos, 2 pessoas têm menos de 10 anos e 1 não respondeu. Tais experiências envolvem tanto o corpo docente quanto aos psicólogos que trabalham diretamente com os alunos. Em relação a formação dos professores, pode-se conferir abaixo:

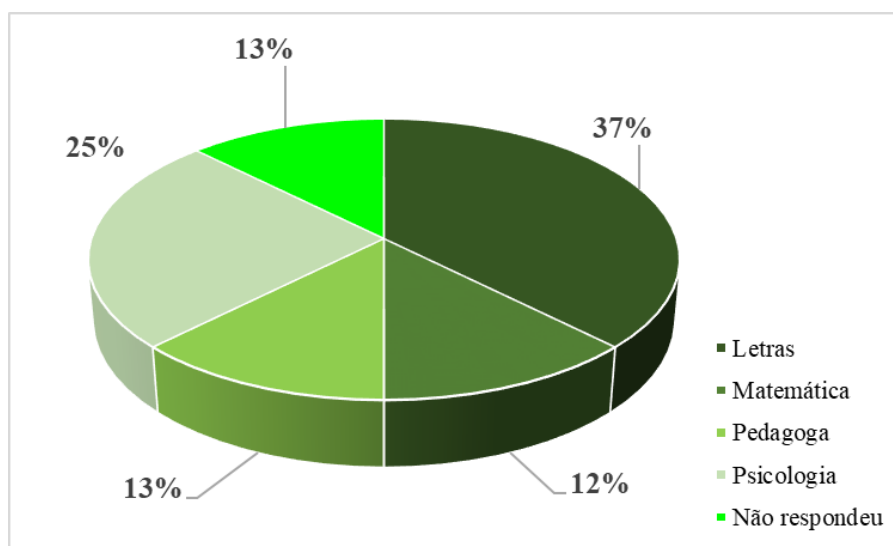


Gráfico 02: Formação Acadêmica dos Profissionais da Educação

No gráfico 2, quanto a formação acadêmica dos profissionais da educação cerca de 37% (3) possuem graduação em Letras, 25% (2) Psicologia, 13% 1 Matemática, 13% (1) Pedagogia e 1 participante não revelou a sua formação.

6- Instrumentos e Procedimentos

Este estudo foi autorizado pela Professora Doutora Leocádia / UFP e Tereza Ventura/ UFP. E os dados foram recolhidos através de duas entrevistas construídas com base nos objetivos propostos na investigação. A construção do roteiro das entrevistas estruturadas resultou dos objetivos definidos na investigação , bem como da literatura existente.

Assim, a entrevista para os professores foi construída com base em estudos de Mantoan, (2015) e de Passos, (2009). Depois da resposta positiva de 14 profissionais da educação sendo eles professores, psicólogos e dirigentes as entrevistas foram agendadas de acordo com a disponibilidade manifestada, tendo sido realizadas durante o mês de outubro e novembro de 2017.

A entrevista também estruturada para os dirigentes foi construída com base em estudos de Mantoan, (2015) e de Passos, (2009). Os Dirigentes foram inquiridos no mês de novembro de 2017.

Estas entrevistas foram validadas por dois professores doutores especialistas na área, tendo-se assim chegado à versão final. Assim, o guião da entrevista dos profissionais da educação que foram os professores e os psicólogos ficou com 12 perguntas na sua versão final (anexo 03) , enquanto o guião para os dirigentes ficou com 4 perguntas (anexo 03) , com exceção do Dirigente Coronel, que incluímos mais 2, totalizando 6 perguntas que contemplasse a função dele.

As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos participantes e posteriormente transcritas para o computador (anexo 04)

Aos 14 participantes foram entregues uma declaração de consentimento informado . Para não se identificarem os participantes anexa-se apenas o modelo utilizado (anexo 02).

Os dados foram tratados com base numa análise de conteúdo, utilizando o modelo de Bardin (2011) , com categorias atribuídas à priori, baseadas nos objetivos definidos.

Assim para o grupo dos profissionais da educação, professores e psicólogos foram definidas as seguintes categorias

- A- Experiência em Educação especial
- B- Formação na área da Educação Especial
- C- Suporte pedagógico para atuar na área
- D- Dificuldades sentidas no processo de inclusão
- E- Visão sobre a inclusão
- F- Disponibilidade para a inclusão

Já para o Grupo dos Dirigentes definiram-se também à priori as seguintes categorias:

- G- Visão sobre a inclusão
- H- Disponibilidade para a inclusão

CAPÍTULO IV: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesse capítulo, irão ser apresentados os resultados que foram obtidos neste trabalho, que envolveram os professores, os psicólogos e os dirigentes do Colégio Militar. Para mais fácil compreensão e leitura os dados serão apresentados relacionados com os objetivos específicos e as categorias definidas à priori. Seguidamente serão discutidos após apresentação, relacionado-os com outros estudos encontrados sobre a temática.

Assim em relação ao primeiro objetivo específico: **Compreender se o professor tem experiência , formação em educação especial ou suporte pedagógico para atuar na área e quais as dificuldades sentidas na sala de aula para a inclusão de alunos especiais** e para as categorias **Experiência em Educação especial; Formação na área da Educação Especial; Suporte pedagógico para atuar na área e Dificuldades em sala de aula para a inclusão**, encontraram-se os seguintes resultados :

Categoria : Experiência em Educação especial

Em relação ao questionamento: *Quanto tempo o senhor/a trabalha com aluno de Educação Especial no sistema militar?* Obtiveram-se as seguintes respostas:

Tabela 03: Tempo de Experiência com Educação Especial

Respostas	
P 1	Eu acredito que não de forma explícita, mas dentro do processo da minha entrada aqui no colégio há nove (9) anos atrás.
P 2	(...) No ensino no Colégio Militar, eu nunca trabalhei com qualquer aluno que tivesse deficiência.
P 3	Eu acho que desde sempre, né? Sempre nós temos (...) TDAH, TDA.
P 4	Aqui no sistema é.. na verdade,eu acho que trabalho desde o dia que eu entrei no Colégio. Agente trabalha com aluno é...nas suas diferenças, né? mas...é... não se falava muito em educação especial. Então, agente tem esse vulto depois de 2000 e.....na minha vida depois de 2012,que foi quando eu comecei a estudar o tema, mas, que no Colégio,eu acho que 2014 e 2013.

P5	Olha (...), oficialmente, até porque o colégio ainda esta em transição pra Educação Inclusiva. (...) estava recebendo algum aluno que tinha necessidade educacional diferenciada foi em 2006.
P6	Agente iniciou tem dois anos nos estudos. Esse ano de fato agente começou a receber os alunos de Educação Especial.
S1	Desde setembro do ano passado. Então, no Colégio Militar de Brasília sou muito nova. Não é mais com o aluno de aluno de Educação Inclusiva no consultório, eu já trabalho há 6 anos.
S2	(...) Eu já lidava com alunos que tinham alguma dificuldade e até deficiência. Eu lembro de aluno é ... com hemiplegia.

Podemos verificar na tabela 3 que embora haja professores como o P2 que não trabalhou com alunos com deficiência no Colégio Militar, os demais relatos demonstram que a inclusão é uma realidade no Colégio, mesmo que de forma “não oficial”, como foi descrito pelo professor P5.

Tal como os resultados obtidos neste estudo, verifica-se também que outros estudos de outros autores, nomeadamente Coelho (2012), Matos et al (2016), referem que a maior parte dos professores hoje tem ou já teve alunos com necessidades educativas especiais na sua sala de aula .

Para a **Categoria : Formação na área da Educação Especial** foi perguntado aos professores e aos psicólogos: se durante a sua formação acadêmica tiveram alguma formação na área da educação especial . Podem ver-se no gráfico seguinte as percentagens de respostas obtidas :

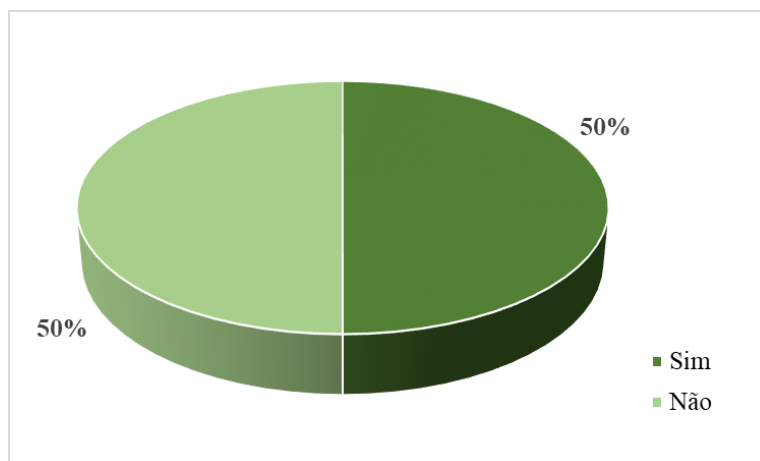


Gráfico 03: Formação acadêmica na área da Educação Especial?

No gráfico 3 pode observar-se que 50% dos inquiridos, cerca de 4 profissionais da educação não obtiveram nenhuma formação em Educação Especial em sua formação acadêmica, e os outros 50% , afirmam que houve uma formação, o que pode-se conferir na transcrição dos itens abaixo:

Tabela 04: Formação Acadêmica em Educação Especial

Respostas	
P 1	(...) Nada que eu me recorde.
P 2	Não. (...) naquela época, nem se falava em Educação Especial
P3	Tive básicos e fiz um estágio lá no Rio de Janeiro, lá no Benjamin Constant, que trabalha com cegos. Nós tivemos que fazer uma aulas lá . Vê como era as aulas deles. Nós tivemos que preparar uma aula de Inglês para eles.
P4	Não. Minha formação acadêmica, terminei em 94. Naquela época na minha faculdade, nem se falava em Educação Especial.
P5	Na graduação não. No mestrado também não, porque a minha área de pesquisa não foi na Educação Especial. Eu fui ter o primeiro contato mesmo academicamente, Estudar Educação Especial , primeiro contato foi em 2014, quando eu fui estudar. Quando eu fiz um curso de extensão sobre transtornos globais do desenvolvimento que

	hoje chamam de transtornos invasivos do desenvolvimento, o autismo, né? Eu fiz um curso de 300 horas, por minha conta, interesse meu mesmo na área, e depois, eu fiz uma especialização inclusiva. Aí sim, eu fui ter contato com a área da inclusão. Mas essa...essa especialização lato senso, eu a fiz em 2015 e conclui em 2016, por minha conta.
P6	Sim. (...) uma disciplina exclusiva de Ensino Especial.
S1	Sim. Durante a faculdade (...) tínhamos disciplinas relacionadas a Educação Especial Inclusiva.
S2	Sim. Era a disciplina que eu fiz, era uma disciplina só semestral. Era as pessoas com necessidades especiais-PNE, o nome da disciplina.

Cruzaram-se estas respostas com o tempo em que os inquiridos tinham feito a sua formação. Verificou-se que disseram não possuir formação em Educação Especial, os que tinham frequentado a formação inicial num período entre 17 e 20 anos atrás e já aqueles que disseram ter estudado uma disciplina referente a formação especial, tiveram a sua formação à menos de 10 anos.

Estes resultados são corroborados por Coelho (2012), Pereira e Serra (2016) , que embora noutra nível de ensino verificaram também que os professores com mais anos de formação obtiveram menos informação na área da Educação especial na formação inicial. Por outro lado Lopes e Silva (2010), afirmam que a formação inicial de professores deve preparar estes profissionais para que tenham uma prática mais adequada e reflexiva, incluindo duas áreas de formação: uma área mais generalista visando uma formação cultural e uma área mais científica virada para uma área disciplinar, nomeadamente a educação especial

Para a **Categoria : Suporte pedagógico para atuar na área** foi feita a pergunta: *Qual é o tipo de suporte pedagógico que o/a senhor/a recebe para atuar com aluno de Educação Especial?* Diante desse questionamento, pode-se conferir as respostas na tabela seguinte:

Tabela 05: Suporte Pedagógico para Trabalhar com alunos de Inclusão

Respostas	
P 1	É ainda do meu ponto de vista é uma coisa escassa, porque a necessidade é urgente (...) precisamos discutir práticas em rodas de conversas que sejam com a educação motivada.
P 2	Ainda não. (...) Uma coisa é estudar, outra coisa é você dominar a linguagem de sinais.
P 3	A gente tá tendo capacitações. Já teve workshops. O Colégio oferece curso de Libras grátis.
P 4	O suporte pedagógico, eu acho que hoje, aqui na escola é um pouco deficitário.
P 5	Bom, como eu ainda não recebi aluno, oficialmente nesta perspectiva, é digamos eu ainda não tive suporte. O que eu sei que tem aqui na escola e que está sendo criado uma sala de recursos, está sendo criado uma seção de atendimento educacional especializado mas quê que eu vejo que ainda esta tendo um desvio muito grande do que é essa sala de recurso.(...)
P 6	Então, o colégio vem oferecendo é... há mais de dois cursos de qualificação, capacitação dentro dessa área. Agente já viu alguns atendimentos educacional especializado. Agora está tendo Libras e diversas palestras que o colégio vem oferecendo também há algum tempo. Além da pós-graduação que também já foi oferecido pelo colégio.
S 1	Atualmente, eu faço um curso de especialização. Então, eu busco esse suporte pedagógico fora do colégio e aí é querendo ou não parte de suporte também é dado quando agente conversa com pessoas que já tem um certa experiência, ou então a troca de conhecimentos também me dá esse suporte.

S 2	O colégio tem oferecido é.. algumas capacitações. Eu cheguei conversar com o gestor de capacitação e na pessoa dele, mais especificamente na seção de atendimento especial especializado, eles têm um planejamento de atividades nas quais os docentes vão se voluntariando a fazer o curso, agora tem o curso de pós-graduação em educação inclusiva da Uninter. É...já tivemos seminários, tivemos jornadas. O colégio vem oferecendo oportunidades de cada com o perfil, a pessoa vai se voluntariando de acordo com esses eventos.
------------	--

Na tabela 05 percebe-se na fala dos inquiridos que embora a escola forneça um curso de Libras, e alguns Workshops, o suporte pedagógico oferecido pelo Colégio ainda é deficitário, tendo em vista que a Educação Inclusiva necessita muito mais do que um curso de libras, pois existem alunos com diversas necessidades educativas especiais.

Ainda para esta categoria e porque a troca de experiências em um cenário inclusivo, tem um valor significativo para ajudar os educadores em suas práticas pedagógicas, principalmente para aqueles que embora tenham a formação teórica, não saberiam lidar com o caso concreto, foi perguntados aos professores: *O/a senhor/a já participou de encontros, reuniões com outros professores organizados pelo colégio com o objetivo de troca de experiências bem sucedidas ou não para atuar com aluno de Educação Especial?* Podemos ver na tabela seguinte os resultados obtidos

Tabela 06: Encontros e Reuniões para troca de experiências

Respostas	
P 1	Ainda não. Embora ah... eu tenha ficado um período ausente do colégio com uma licença de 2 (dois) anos, mas ouvi notícias que isso aconteceu no colégio. Mas eu não tive a oportunidade de participar. Somente de palestras expositivas sobre as questões principalmente ligadas a avaliação desses alunos ao adentrarem no Colégio Militar.
P 2	Sim. (...) A escola tem começado já oferecer alguns encontros.
P 3	Sim. A gente teve ano passado, em 2016 um

	workshop.
P 4	Já. Eu já...eu já fui visitar o Centro de Ensino. O Centro de de Altas Habilidades em Taguatingá. Já participei de seminário de Altas Habilidades que o colégio me proporcionou e já fui é... fiz visitas no....no....na sala de ensino especial de Sobradinho II, também com...com..., assim trabalhando pelo Colégio, inclusive com viagens, com a companhia dos meus chefes.
P 5	Eu particularmente não. Mas já houve momentos em que o Colégio trouxe pessoas, professores que trabalham em outras instituições.
P 6	Sim. Teve um seminário de Educação da DEPA que foi realizado em Juiz de Fora. Lá, agente encontrou com outros profissionais da área prá conversar e e aconteceram algumas oficinas que agente pode discutir ali também experiências vividas.
S 1	Sim. Agente já participou de alguns seminários. O colégio também já proporcionou com a participação de alunos, profissionais em eventos fora do colégio com seminários sobre surdez que teve ano passado. Então, alguns encontros profissionais fora do colégio com profissionais do CAIS, agente teve um encontro com profissionais do INES. Lá no Rio de Janeiro, e com os profissionais da APAE que trabalha com deficiências múltiplas, com APADA que é associação de cegos é..é.. a ABPC, associação brasileira de cegos. O colégio, ele vive constantes proporcionando essas interações.
S 2	Sim, sim,sim. Agente tem uma parceria com o Cais- que é Centro de atenção a pessoa surda aqui de Brasília. E ...e.. a sempre que tem algum evento,,né? Ainda que não seja de modo oficial, conversa informal com esses profissionais acabam possibilitando troca de experiências.

Na tabela 6 verifica-se pelas respostas dos inquiridos, um movimento significativo do Colégio em promover a formação, os encontros e as trocas de experiências entre os educadores, o que demonstra a busca pela formação continuada desses profissionais.

Santos (2010) vem corroborar com as respostas dos inquiridos acerca da promoção, formação e trocas de experiências entre os professores. Para o autor, as reuniões pedagógicas além de ser um espaço privilegiado para a implementação de discussão, ele pode ser também propício para a reflexão acerca dos temas mais diversos que permeiam a educação, dentre eles, a inclusão na sala de aula.

Para a **Categoria: Dificuldades sentidas no processo de inclusão** perguntou-se aos participantes *Quais as dificuldades e desafios enfrentados na Educação Especial?* Poderão ver-se na tabela seguinte os resultados obtidos:

Tabela 07: As dificuldades de trabalhar com Educação Especial

Respostas	
P 1	(...) uma das principais dificuldades que a gente encontra é além da formação é teórica na área, pois nós precisamos de modelos práticos e de depoimentos de pessoas que trabalham na área e que deram certo.
P 2	Habilitar professores, adequar as próprias dependências físicas da escola, pra poder receber (...) seria a formação tanto intelectual quanto do corpo docente(...).
P 3	Eu acho que o maior desafio é justamente justamente você não ter preconceito. É você tratar as diferenças de modo, né? Os pais não aceitam isso. Os pais querem diferenças né?. Então, eu vejo problema com os pais porque eles acham que eles tem mais direitos né?
P 4	Eu acho que os desafios é você se reinventar a cada dia. Porque cada pessoa que você recebe é diferente. Você pode receber um TGD hoje e amanhã você recebe outro TGD, e são indivíduos muito diferentes. Então é você ...é... se moldar se reestrutura cada dia para poder contar. É...é reinventar a cada dia para trabalhar as diferenças.
P 5	Olha, eu acho que são vários. O primeiro deles, que para mim se torna mais

	complicado é quando a família fica no quadro de negar a deficiência. Então, a família nega que a criança tem deficiência porque na verdade, aquela deficiência de uma certa forma, ela quebra toda uma expectativa.(...)
P 6	Os desafios são muitos, né? Na verdade, e a maioria das pessoas não tem conhecimento do que está por vir e nem agente também, é agente ouve muito na teoria, mas na prática, agente só vai descobrir quando começar a receber a individualidade, né?(...)
S 1	Aqui no colégio Militar de Brasília, eu acredito que seja, principalmente, a mudança de alguns paradigmas e agente tem alguns conceitos que já estão culturalmente arraigados, então modificar esses conceitos prá que as pessoas passem a trabalhar com essas...com esses novos conceitos de Educação inclusiva, mesmo sendo em se tratando um colégio bem tradicional. Essa para mim, ..minha ...minha.... é a maior dificuldade trabalhar com esses novos conceitos e fazer com que as pessoas se conscientizem com relação a isso.(...)
S 2	Tá. Desafios nossos é... cada pessoa é uma pessoa dentro do seu transtorno, então, ainda que se leia muito sobre o tema, nós tenhamos critérios diagnósticos, cada pessoa vai ter uma forma diferente de dispor, apresentar esses diagnósticos, esses sintomas dela.(...)

É percebido nas respostas constantes da tabela 7 que a principal dificuldade não se encontra apenas na formação para atender a demanda dos alunos de Educação Especial, a dificuldade também permeia no campo do conhecimento, tendo em vista que muitos dos educadores que dão aula para o Ensino Fundamental II e Médio, não tem a formação para a alfabetização e quando deparam-se com a necessidade de trabalhar a alfabetização com um aluno de NEE, que se encontra no Ensino Fundamental II ou Médio, ele se vê sem estrutura material e de formação para atender a essa demanda com qualidade.

Em consonância com o que os inquiridos responderam, tanto Mantoan (2015) quanto Silva et all (2014) demonstraram em seus estudos que as são muitas vezes visíveis na

prática escolar não apenas pela ausência de formação, mas pela forma em que os professores se deparam diante a problemática das diversas necessidades especiais que existem na sala de aula.

Em relação ao Segundo objetivo específico **Buscar evidências sobre a visão dos professores sobre a inclusão e a sua disponibilidade para enfrentar esta realidade e para as categorias Visão sobre a inclusão e Disponibilidade para a inclusão**, obtiveram-se os seguintes resultados:

Para a Categoria **Visão sobre a inclusão** foi perguntado aos participantes *O/a senhor/a entende por inclusão social?* Pode-se conferir as respostas na tabela seguinte:

Tabela 08:Entendimento sobre inclusão

Respostas	
P 1	(...) é uma maneira pelo qual (...) o professor e a turma é (...) apoia de forma plena a participação da pessoa que tem necessidades especiais.
P 2	Inclusão social...é ... é uma maneira pelo qual é.. o professor e a turma é... apoia de forma plena a participação da pessoa que tem necessidades especiais.
P 3	A inclusão é agente não ter preconceito com as diferenças entre nós. Então, Nós vamos incluir o aluno e não é dando regras para um e regras para outro porque aí você estaria excluindo os alunos. É incluir todos os alunos na mesma regra.
P 4	A inclusão é muito ampla. (...) tem a inclusão do índio... a do negro, por conta do longo período de escravidão,(...) também a inclusão das pessoas com baixa renda.
P 5	Olha. Se você pensa no termo inclusão social, eu acho que ele....ele... abre vários leques. Eu poderia pensar em inclusão social no sentido de incluir as pessoas menos favorecidas economicamente. Eu poderia pensar na inclusão social pensando nas minorias que de certa forma estão

	desconsiderados, nos processos de interação, mas pensando na escola, eu penso que a inclusão social pode também estar ligada aos alunos com necessidades especiais ou as pessoas com deficiências. (...)
P 6	Inclusão social é tudo aquilo que faz o indivíduo se sinta inserido em determinado lugar, né?É ...seja na escola, seja no meio social, de forma que ele consiga participar também, né?
S 1	Inclusão Social na minha percepção, e relacionada especificamente a escola ou não de uma forma bem abrangente?(...)
S 2	Social. Inclusão social. Inclusão social é dar....ah, desculpe, é dar condições igualitárias as pessoas e a sociedade respeitando as suas diferenças.

Diante do exposto, é percebido que a maior dificuldade encontrada pelos inquiridos foi definir a palavra inclusão. Para eles, esses termos se demonstram muito amplo, causando assim, uma certa confusão diante da resposta dada. Foi possível perceber um certo desconhecimento acerca do que de facto seria incluir. Isso se deu em virtude da mistura de outras etnias.

Foi possível evidenciar nos estudos de Passos (2009) e Mantoan (2015) que a inclusão ainda mexe profundamente com os paradigmas que a sociedade impôs ao longo dos anos. A dificuldade dos profissionais da educação que foram descritas pelos inquiridos na tabela 08, são as mesmas dificuldades apontadas pelos autores.

Assim, percebe-se que a inclusão social pode abarcar muitas possibilidades que não se encontram apenas na Inclusão daquele com Necessidades Especiais, o que viabiliza uma educação pela diversidade.

Para a Categoria: **Disponibilidade para a inclusão** foi feita a pergunta: *Questão 07: Qual a sua visão de integração e inclusão na Educação Especial?* Diante essa questão que envolve a diferenciação entre a Integração e a Inclusão.

Tabela 09: Integração X Inclusão na Educação Especial

Respostas	
P 1	É as questões é...referentes ao processo de inclusão são mais profundas do que o processo de é..de integração. Integrar seria simplesmente abrir as portas da escola e receber estes alunos. E inclusão seria esse processo de estender as potencialidades daqueles que a escola adentra.
P 2	Ah... Bom. Integração eu diria... É... seria é..trazer todos para o sistema. Sabendo que a inclusão nem sempre é... Ocorre é... principalmente, com relação a comunidade de surdos que tem a sua própria comunidade que não se ver incluídos, integrados no sistema regular de ensino. Então, eles não se sentem incluídos, pelo contrário para nós, podemos chama de inclusão, para eles seriam uma exclusão. Eles querem serem incluídos, mais dentro da sua própria comunidade tendo suas próprias escolas, né? Então para surdo enfim, eu falo por que fiz estudo nessa área da inclusão que eu diria ah... De surdos. Eu vejo assim uma certa diferença e uma certa dificuldade de incluir a todos,tá. E fazer todos ficarem intergrados enfim.
P 3	(...) Para mim, a integração e a inclusão tem que andar juntos. O aluno tem que tá integrado e incluso na aula. Participando, fazendo atividades, tendo as avaliações.
P 4	A integração é você fazer meio de conta... Você coloca o aluno na escola mas você não adapta a escola para atender as necessidades reais daquele menino. E a inclusão não, você coloca e dar condição para ele se desenvolver.
P5	Na verdade são duas coisas diferentes, né? Na integração você vai receber o aluno num turno e no outro que ele terá a atividade diferenciada. (...) na inclusão é acertar, é agregar, é acolher.
P 5	É que na verdade são duas coisas bem diferentes, né? Na integração, você vai receber muitas vezes o aluno é... num turno e no outro turno ele vai ter uma atividade diferenciada voltada para o tipo de

	deficiência que ele tem ou mesmo no próprio turno, ele vai ter alguns momentos com os colegas e os momentos fora.
P 6	Integração está muito mais voltado para o indivíduo dentro do local mais ele não participa do processo. A inclusão não. A inclusão ele vai tá participando do processo. E ele é ativo do sistema e e ele vai se sentir realmente de fato incluído quando ele est participar das atividades propostas e não ele ficar ali no canto isoladamente desenvolvendo uma atividade diferente do dos demais colegas.
S 1	Bem meu conceito de integração, então, é .. na verdade, é...é ...são palavras similares, mas tem diferenças consideráveis, então, é para mim a diferença de integração e inclusão, hoje em dia, agente deva trabalhar, ou deve ser trabalhado com inclusão, porque eu aceito o aluno é a fala especificamente da escola,.A escola se prepara para esse aluno. Como eu falei, integração, o aluno é que tem que mudar comportamentos para se integrar a esse novo contexto. Na inclusão não. A escola, ela, ela se prepara, faz toda uma mudança para receber esse aluno. Então, parte-se do pré suposto que quando trabalho com aluno de inclusão, agente, esse... esse aluno, ele não tem uma dificuldade ou necessidade específica e sim é a escola quem precisa é... trabalhar essas adequações.
S 2	Eu acho que a inclusão é ... se for para diferenciar, eu não entendi muito bem a pergunta. Diferenciar a integração e inclusão ou..ou como que a senho....(repeti a questão)

Na tabela 09, foi possível identificar através das respostas dos inquiridos que a definição de integração e inclusão não estão interligados, embora sejam próximos, a maioria demonstraram que integrar nem sempre acolhe a todos com necessidades especiais, são inseridos apenas os que conseguem acompanhar a educação regular, já no campo da inclusão, todos os alunos com NEE são incluídos e tem garantido as adequações

necessárias para a sua deficiência que possa corroborar com o seu aprendizado ao longo dos anos.

Contribuindo com o que foi exposto na tabela, os autores Borges, Pereira e Aquino (2012) e Mantoan (2015) demonstraram em seus estudos, que a integração na escola não abrange todos os alunos com necessidades especiais e sim, aqueles que conseguem se adaptar às classes regulares, já no campo da inclusão, eles demonstraram que embora seja um conceito permeado de desafios, ele se encontra mais propício para incluir a todos na educação regular.

Sobre o questionamento: *Questão 08: Como o/a senhor/a se sente diante da possibilidade de receber aluno deficiente?* Obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 10: Possibilidade de receber alunos deficientes

Respostas	
P 1	É..como eu disse na primeira questão. Agente já trabalha nesta perspectiva desde o começo desde minha atuação aqui no Colégio Militar. Não de forma explícita, mas trabalhamos com algumas deficiências, principalmente com questões relacionadas aos comportamentos, como déficit de atenção, como entre outras coisas menores (entre aspas). Mas é.. nós sentimos que ainda não estamos preparados para receber toda sorte de alunos com deficiências especiais. O colégio só agora começou a tomar conta dessa questão preparando material fazer e salas, e fazer treinamento dos professores. Mais ainda: é coisa muito nova ainda no colégio.
P 2	Totalmente despreparado. Por que eu creio que escola ainda está engatinhando nesse processo e falta muito ainda para nós termos é... Está é... Capacidade de recebermos. Estou vendo algumas mudanças, é... Principalmente no aspecto da locomoção. Tudo. Muita coisa está sendo feita para receber aluno que vem com alguma

	deficiência física tipo né? De locomoção, seja cego seja cadeirante, então existe algum...há investimento sendo feito, ainda pouco, mais eu volto a dizer falta .. falta bastante, falta tudo. Poderia dizer com relação a preparação do corpo docente. O corpo docente, eu vejo que está despreparado para qualquer tipo de inclusão nesse momento.
P 3	Agora eu sinto um pouco de receio porque justamente os pais tem que tá adequado e aceite as ... as regras do jogo, né? Então os pais também tem que confiar na gente. Então, isso que eu ainda me sinto receosa.
P 4	Eu... eu particularmente me sinto motivada. Porque o professor, ele já tem um ... uma especificidade que é não ter nenhum igual ao outro.
P 5	(...) fico com uma certa ansiedade. (...) mas sempre pensando assim: será que eu vou ter condições de trabalhar com ele da melhor forma?
P 6	Ansiosa (riso). É o que agente comentou antes, né? É porque agente não sabe o que vai enfrentar, lidar. Aprende-se muito na teoria mais na prática é que agente vai descobrir como funciona realmente.
S 1	É...eu me sinto um pouco insegura., mas feliz pelo colégio está trabalhando com isso de insegurança por talvez é... o colégio ainda tem um grupo pequeno pensando é.. a respeito disso.
S 2	A possibilidade , ela sempre foi presente, na verdade. Ela...ela existe e ao mesmo tempo demanda da gente uma é..uma constante abertura e revisão das nossas práticas. Então, eu me sinto, na verdade, é inspirado em continuar tentando me capacitar em acolher, e é essas dificuldade , e tentar junto com a equipe pensar em estratégias para ajudar prá...prá acolher essa pessoa que chega. Eu me sinto inspirado na verdade.

Embora temos muitos professores motivados e confiantes em uma educação inclusiva. Foi possível perceber nas falas dos inquiridos, na tabela 10, que a maioria deles

demonstraram uma certa preocupação em acertar no processo de inclusão. E, ainda se sentem receosos com o resultado e com o acompanhamento dos pais/responsáveis dos alunos com Necessidades Especiais, tendo em vista que a sociedade hoje se vê muito mais preparada e que vem cobrar das instituições de ensino um acompanhamento mais eficaz com seus filhos (as), atendendo desde a necessidade educacional de cada sujeito, como a sua inclusão no meio da educação regular.

Nessa linha, Mantoan (2015) e Camargo (2016) discorrem que a inclusão escolar deve ser acolhida com naturalidade para que o processo de compreensão dos sujeitos com necessidades especiais, possa ser de facto respeitada, embora frente ao desconhecido, o professor e todos aqueles que irão atender esses alunos, possam sentir inseguros diante da possibilidade de receberem os alunos de inclusão.

Ainda diante da categoria: **Disponibilidade para a inclusão**, foi perguntado ainda: *Questão 11: O/a Senhor/a poderia dizer algumas sugestões no sentido de tornar eficaz a inclusão de um aluno com deficiência na escola regular do sistema militar?*

Tabela 11: Sugestões para a Inclusão de Alunos no Ensino Militar

Respostas	
P 1	Eu acho que primeira, a primeira questão importante é trabalhar com o processo de inclusão e não com o resultado da inclusão. Então, quando se discute, por exemplo, inicialmente a questão da avaliação. Ah... é... como se o objetivo fosse tocar a sensibilidade dos professores prá que eles fossem mais lenientes no processo de avaliação. Então o foco deve ser no processo que é ... o que acontece durante o processo e quais são os alcances e as fronteiras que precisam ser erguidas para que haja de fato aquisição de conhecimento plena.
P 2	Eu gostaria que você repetisse a pergunta. Bom a minha primeira e talvez até a única sugestão nesse momento seria é... Chama todos, o corpo docente e pensa num... Num processo a capacitação. Se não houver isto de nada adianta toda a preparação física então minha sugestão nesse momento. E que não é fácil por que temos que ter tempo

	para isso, e temos portanto uma formação preparação capacitação do corpo docente. Para mim essas as necessidades básicas do momento.
P 3	Acho que a gente tem que implementar muitas coisas aqui na sala, muitos projetos, muito, muito mais capacitação, visitas a outras instituições para ver como é que é.
P 4	(...) é, eu acho que a gente tem que começar atuando com o que a gente tem. Porque a gente já tem aluno. A gente tem uma aluna cadeirante. Então, ela já é a realidade.
P5	Eu acho que a primeira coisa eu tenho que pensar é que toda essa legislação que existe que ampara os colégios militares, prá aquele aluno, ela tem que ser flexibilizada primeira coisa porque aqui nós temos aquela questão:: o aluno reprovou um ano se ele reprova no segundo ano, ele é jubilado.
P 6	Repete a pergunta. Ah...primeiramente agente precisa é.. incentivar os professores a participarem prá prá que realmente funcione, né? Porque agente vê como em qualquer outro lugar muitas pessoas são resistentes às mudanças, né? Às vezes, em medo de se comprometerem e isso virar contra a pessoa. Então, o primeiro passo, eu acho que é a motivação, né? Incentivar realmente os profissionais mais a quererem a aprender prá poder auxiliar a Educação Inclusiva e segundo, são as capacitações mesmo que já ocorrendo, né? Prá que os professores possam participar para trabalhar com essas pessoas.
S 1	Eu acho que a primeira...a senhora me perguntou sobre a sugestão? A primeira sugestão que eu dou é as pessoas que, na verdade, não seria somente a SAEE – seção de atendimento educacional especializado ou professor dentro da sala de aula que trabalhará com esse aluno.(...)
S 2	Hum... as sugestões pelo menos, eu não sei se consigo elencar são muitas. Mas ...é ...uma ...revisão de algumas questões talvez,mais meritórias, porque o aluno que tem uma dificuldade ou uma deficiência é... ele provavelmente não, não. O sistema de

avaliação dele deve e será diferente.(...)

Diante dessa categoria que discorre sobre a disponibilidade para a inclusão, foi possível perceber nas respostas dadas pelos inquiridos, tabela 11, que o Colégio Militar com o intuito de incluir todos os alunos com necessidades educacionais, mudou a legislação do Colégio contemplando os alunos de inclusão, fornecendo a eles todos os materiais pedagógicos necessários para o seu êxito, contribuindo com as sugestões que foram dadas pelos profissionais da educação, que vem contemplar uma formação continuada que atenda toda a demanda dos alunos de inclusão.

Ferreira & Ferreira (2004) em consonância com os discursos dos inquiridos vem mostrar a necessidade dos Colégios se adequarem para atenderem de facto as diversas necessidades especiais que chegarão a eles na educação regular. Os autores buscam focar na preparação do ambiente e na necessidade de uma formação continuada para os professores.

E, por último, veio o seguinte questionamento: *Questão 12: Qual é a vantagem para um aluno sem deficiência estudar ao lado de um aluno com deficiência no Colégio Militar.* Verifica-se as respostas na tabela 12:

Tabela 12: Vantagem de um aluno regular estudar com um deficiente

Respostas	
P 1	(...) relação interpessoal, (...) nos permitem aprender diversas estratégias e elaborarem recursos que nós temos dentro de nós para que possamos de forma colaborativa desenvolver outras habilidades.
P 2	Bom. A única vantagem ao meu ver o sentimento de...de amor ao próximo de poder conviver com as diferenças sabendo que isso trás um bem está, naturalmente àqueles que desejam ver a harmonia né? Das pessoas então a sensação, o sentimento de servir ao próximo necessitado ou sentimento de servir ao próximo ao, o que mais precisa eu acredito que essa sensação certamente vai ocorrer. Vai, né? Trazer mais essa satisfação aos demais alunos regulares.
P 3	Acabar com o preconceito. (...)

P 4	A formação humana né? Agente vai ter. Esses alunos terão a oportunidade de conviver com as diferentes. Então, tem a possibilidade de tornarem pessoas mais solidárias, pessoas mais cidadão mesmo de pensar no outro, di...di...poder pensar o que ele pode fazer prá...prá ajudar, prá melhorar a convivência com esse, com o diferente.
P 5	Eu acho que a vantagem é para os dois.(...)As pessoas estão tão extremistas, as pessoas é... não estão abertas a colher o outro na sua diversidade. (...) E com a diversidade a gente cresce. Que esse é o ponto.
P 6	Quais as facilidades? (Repeti a questão) Bom é aprendizagem sempre, né? Na verdade, e até pela questão da tolerância mesmo. O ser humano, hoje, ele anda muito intolerante. Então, a partir do momento que eles começarem a vivenciar isso, é vai transmitir uma pessoa fora do colégio também.
S 1	A aprendizagem que ele terá, é que existe pessoas diferentes deles. Não pessoas menos ou mais que eles mais pessoas diferentes. Como é composto o universo é.... por pessoas diferentes. Cada um na sua individualidade e com a sua necessidade.
S 2	Crescimento pessoal, individual. É...é ...compreender a diversidade, respeitar as diferenças. Acho que o convívio em si, ele..ele faz brotar a humanidade. Assim,acho que quanto mais próximo ele tiver de pessoas com deficiência, mas agente valoriza as nossas potencialidades e mais agente respeita o próximo.

Em relação as respostas dos inquiridos, foi possível perceber que dentre as vantagens em estudar com alunos deficientes, os profissionais da educação elencaram as relações interpessoais, a convivência com as diferenças, a formação humana, a diversidade e o conhecimento pessoal evidenciando assim, uma aceitação por parte dos alunos em relação a inclusão.

Nessa linha, tanto Tessaro (2005) quanto Mantoan (2015) vem vantagens na relação entre os alunos regulares e os alunos de inclusão. Para os autores, essa relação proporciona um respeito e uma aceitação a diversidade.

2 Análise dos Resultados dos Dirigentes

Nesse capítulo, serão apresentados os resultados dos Dirigentes do Colégio Militar. A análise comporá fragmentos dos Dirigentes 1,2,3,4,5 e 6, tendo em vista que em todos os questionamentos, teremos os fragmentos do Dirigente D1, por possuir uma patente superior aos demais. Para clarificar os resultados, seguem sendo relacionados com os objetivos propostos na investigação.

Nesse sentido, em relação ao objetivo específico para nortear as perguntas dos Dirigentes, temos : **Compreender qual a visão e disponibilidade dos dirigentes para a Inclusão de alunos com Necessidades Educativas especiais no Colégio Militar**, encontraram-se os seguintes resultados :

Categorias : Visão sobre a inclusão

Assim, surge o primeiro questionamento da investigação: *Questão 01: O/a senhor/a poderia dizer, com suas palavras, o que é inclusão social?*

Tabela 13: O que é Inclusão Social?

Respostas	
D1	A inclusão está sendo feita aqui no Colégio... está caminhando por modelo próprio. (...) Então o modelo de inclusão do Colégio Militar de Brasília vai ser diferente dos outros colégios militares, ele tem característica próprias. (...) Adequação curricular no Colégio Militar e esse aqui em especial, ela envolve muito mais agentes de ensino do que aí fora, nas instituições públicas e privadas.
D2	A inclusão é a gente não ter preconceito com as diferenças entre nós. Nós vamos incluir o aluno e não é dando regras para um e regras para outro (...).
D3	X

D4	Inclusão social é tudo aquilo que faz o indivíduo se sinta inserido em determinado lugar.
D5	Inclusão social é tudo aquilo que faz o indivíduo se sinta inserido em determinado lugar, né? É ...seja na escola, seja no meio social, de forma que ele consiga participar também, né?
D6	X

Diante do exposto, percebe-se na tabela 13, que para os inquiridos ao buscarem definir a inclusão social, os mesmos relataram que há um modelo próprio de inclusão, desenvolvido pelo colégio militar que é diferente das demais unidades espalhadas pelo Brasil. Os dirigentes ainda salientam que há uma adequação significativa no currículo pedagógico da instituição, e que definem em suas falas que a inclusão social é não ter preconceito frente as diferenças.

Tal como exposto pelos inquiridos, verifica-se também que Camargos (2008) nessa mesma linha vem discorrer sobre a Inclusão Social como uma adversidade que está para além da diferença, para o autor, definir essa expressão é propor a todos, a vivência em comunidade, na qual a diferença não está para além da inclusão educacional.

Ainda sobre a categoria que contempla a visão de inclusão, foi perguntado aos dirigentes: *Questão 02: O que pensa sobre a Educação Especial no Sistema Militar?*

Tabela 14: O que pensam sobre a Educação Especial no Sistema Militar?

Respostas	
D 1	E ... eu acho que já está atrasado, né? (...) O comando do exército resolveu determinar que a educação inclusiva passaria a ser uma das prioridades do plano estratégico do exército a partir de 2013. Foram sendo definido metas e objetivos a serem cumpridos e cronogramas. O cronograma atual determina que a partir 2018, o Colégio Militar de Brasília e de Belo Horizonte, os dois integrantes do sistema passam a ser escolas inclusivas com limitações.
D 2	Eu acho que educação é isso aí, evolução. Agente está evoluindo e não tem como

	negar, né? A cada dia estamos vendo mais pessoas sendo incluídas nas escolas, e sendo incluídas no mercado de trabalho, e agente....é...a Educação é isso. Nós estamos formando cidadão de todos os níveis, tá certo?
D 3	X
D 4	Eu acredito que se já prá Educação Especial o colégio já tem resistência, abrir turmas especificamente prá aluno com necessidades específicas, eu acho que é um processo um pouco mais complicado.
D 5	É uma realidade hoje e agente precisa buscar muito mais a questão de qualificação dos professores aqui dentro. Apesar de que o colégio... ele tem muitas particularidades, né? Dos outros colégios. Agente vai ter que começar a se adequar para receber bem as pessoas deficientes.
D 6	(...) Uma pessoa com deficiência ainda não tem acesso as carreiras militares, então, a vertente assistencial, ela acaba prestando o apoio a família, sabendo que os militares são transferidos várias vezes e há uma dificuldade e tem um sistema pedagógico, às vezes, parecido.

Em relação à educação especial no Sistema Militar, os dirigentes acreditam que embora haja um plano estratégico e um cronograma de implementação de políticas públicas, o Colégio ainda possui resistência, porém é possível perceber que essa resistência está mais atrelada a falta de formação dos profissionais da educação.

Esses resultados corroborados por Mantoan e Prieto (2006) vem demonstrar que o ensino escolar no Brasil continua aberto a poucos, e essa situação atinge diretamente os alunos com deficiência. Embora haja uma organização e um planejamento que postula sobre a inclusão, sem as mudanças internas, as que colocam todos os profissionais da educação envolvidos em uma formação continuada, a resistência em incluir os alunos com necessidades especiais na educação regular, não será banida.

Categoria: Disponibilidade para a inclusão.

Já em relação ao terceiro questionamento feito aos dirigentes, que contempla a **categoria disponibilidade para a inclusão**: Questão 03: Como o Colégio vê a participação de alunos especiais em suas salas de aula

Tabela 15: Como o Colégio Militar vê os alunos Especiais?

Respostas	
D1	Os alunos de educação especial (...) nunca foram desassistidos. (...) Já executa algumas ações previstas exigências de laudo, é adequação curricular nós já fazemos algumas adequações do currículo.
D2	Eu acho que agente está aceitando bem
D3	X
D4	A gente sabe que esse aluno encontrará algumas barreiras. Prá quem conhece o Colégio Militar, sabe (...) que é um colégio meritocrático e é isso que o torna além de algumas outras ou várias características. (...) esse aluno encontrará sim, barreiras dentro da sala de aula (...).
D5	A gente verifica que é complicado a situação porque é feito aqui um apanhado geral daquilo que é importante para o aluno em situação de dificuldade cognitiva.
D6	Agente pelo menos, eu me lembro de alguns alunos com transtornos global do desenvolvimento, que tinha uma participação. claro que professor sabia das dificuldades dele. É sempre estava em contato com a família pedindo prá família manter fazendo o seu acompanhamento profissional fora do colégio, mas eles eram bem integrados a ,sua turma, participava das atividades. Lógico que eu vou dar o exemplo de aluno com autismo. Tinha alguns momentos que eu para respeitar. Ele não sentia vontade de falar em público, mas ele ao seu modo participava das atividades propostas pro aluno fazer.

As respostas dadas pelos inquiridos, na tabela 15 de uma forma geral vem sinalizar a possibilidade dos alunos especiais terem dificuldades no Colégio Militar. Isso porque

para os dirigentes o Colégio segue uma linha de meritocracia, ou seja, o aluno é valorizado sempre pelo seu mérito, com isso, incluir, adequar e fazer com que o sujeito com necessidades especiais se sinta inteiro no processo de ensino aprendizagem se torna mais difícil.

Mantoan (2006) dialogando com os inquiridos, propõe que as escolas comuns precisam se organizar para acolher de forma plena, todos os alunos que necessitam de uma educação de qualidade e que possa na escola regular, conseguir ser incluído de facto independente de uma meritocracia.

E a última pergunta feita aos dirigentes, que dialoga com a categoria de disponibilidade de incluir, vem provocar o seguinte questionamento: Questão 04: Os professores estão preparados para receber os alunos de Educação Especial no Sistema do Colégio Militar e como?

Tabela 16: Os professores estão preparados par receber os alunos de Educação Especial no Sistema do Colégio Militar

Respostas	
D1	Tá. A preparação para professor está aqui.(Bate no peito) – remete ao coração -, O Colégio está muito bem de capacitação. Nós temos quase 100 professores capacitados. Eu não conheço nenhuma escola do Brasil que tem 100 profissionais com cursos de extensão ou mestrado ou especialização em inclusão. Essa escola tem. O problema do nosso professor está aqui.
D2	Eu acho ainda, dependendo de como qual vai ser o problema do aluno. Não sei nem se agente podia falar problema né? Qual a deficiência do aluno? Tá? Porque tem deficiência que agente precisa aí de duas pessoas, de um ajudante, um enfermeiro. Então,acho depende dessa deficiência do aluno. É...agora, como eu falei: agente já tem aluno autista, agente tem muitos alunos com distúrbios diversos: TFES, TDA, TDH. Muitos alunos com depressão o que não seriam especiais, mas agente lida como então agente lida com variedades de problemas diversos.

D3	Olha...Agente é... eu tive contato com muitos professores passando em reuniões de coordenação, e agente vê a velha resistência que o profissional, no geral, não só professor tem para mudanças né? I...i.....há uma mudança de paradigma à partir do momento que ele, a escola e que se molda ao aluno e não mais o aluno que tem que se adequar aos moldes da escola. Então, é..... eu acho que além dessa preparação em termos de instruções e conhecimentos tinha que se trabalhar a sensibilização, porque a pessoa que tem contato com o deficiente na família, ela já é sensibilizado. Que inclusão vem de dentro para fora. Acho que primeiro agente precisa tocar nessas questões das pessoas perceberem diferentes respostas, o diferente é também trabalhar com instruções para trabalhar com essas diferenças. Eu acho que essa sensibilização ela faz falta. Eu acho que tem professores muito resistentes.
D4	Professora não. (riso). É ..eu estou sendo bem honesta com a senhora.Nós temos grupos de professores, que eu vejo segurança, que eu vejo aceitação, que eu vejo preparação, mas eu acredito que assim, um...uma parcela considerável de professores do CMB, eles precisam abrir o coração. Aquela história que eu contei anteriormente, não é? E se esses professores abrirem o coração, eu acho que a resistência diminuirá porque é uma realidade e o Colégio não poderá voltar atrás. É uma realidade que todos nós teremos de nos adequar.
D5	Os professores estão se preparando ainda, né? A gente não consegue atingir a totalidade, mas já tem um número razoável aqui de pessoas que estão se qualificando.
D6	É uma preparação constante. Nunca vamos estar prontos, mas também não estamos é...é... despreparados.

Para os dirigentes, os professores e os profissionais da educação estão preparados para receberem alunos com necessidades especiais, contudo, no decorrer da investigação não evidenciamos isso nas falas dos profissionais do Colégio. Os dirigentes afirmam na tabela 16, que os professores em sua maioria recebem formação continuada para trabalhar com os deficientes, eles ainda ressaltam que o Colégio mesmo oferecendo o curso de Libras, não quer dizer que todos venham a se comunicar em libras, porém as formações seguem para atender as especificidades da inclusão.

CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES

Incluir sem excluir um aluno com necessidades educacionais especiais, principalmente em um Colégio Militar, cuja estrutura de formação se encontra em um formato rígido de disciplina, tem sido um desafio para os professores, com isso, diante de todos os questionamentos que pairam tanto no contexto histórico quanto na prática inclusiva, nos deparamos com a seguinte pergunta de partida: *É possível identificarmos na formação dos professores do Colégio Militar de Brasília, conteúdos que versam sobre a inclusão de aluno com deficiência no sistema de ensino regular?*

Diante de tal questionamento, se fez mister buscar conteúdos que contribuíssem com a definição e a prática de se incluir sem excluir um aluno com necessidades especiais, em um contexto na qual o sujeito se encontra inserido. Buscou-se através dos instrumentos utilizados na investigação, avaliar a formação na Educação Inclusiva dos professores que se encontram inseridos em um Colégio Militar e a sua aplicação na sala de aula.

Assim, para responder ao objetivo geral: verificar até que ponto os professores sabem agir e se recebem formação para receber estes alunos especiais. Utilizou-se um guião de perguntas semiestruturadas aplicados aos professores e psicólogos, e uma entrevista com os dirigentes do Colégio Militar, inclusive com o dirigente Comandante Geral Militar. As respostas nos levaram a compreender melhor as angústias, e os anseios que perpassam no cotidiano escolar. Foi possível identificar a formação e a aplicação da teoria na prática, conforme foi discorrido ao longo do texto.

Dessa forma, conclui-se que o sucesso no processo de inclusão se dá com a perseverança e o comprometimento de todos os profissionais de educação, sejam eles os docentes, psicólogos e os dirigentes.

Em relação ao primeiro objetivo: **Compreender se o professor/psicólogo tem experiência, formação em educação especial ou suporte pedagógico para atuar na área e quais as dificuldades sentidas na sala de aula para a inclusão de alunos especiais.** Foram elencados para responder a esse objetivo, diversas categorias, tais

como: Experiência em Educação especial; Formação na área da Educação Especial; Suporte pedagógico para atuar na área e Dificuldades em sala de aula para a inclusão.

Através da análise da tabulação dos resultados da entrevista, percebeu-se que a grande maioria dos professores não tiveram anteriormente, uma formação para uma educação inclusiva. Essa busca e implementação só passou a acontecer nos últimos 10 anos, ou seja, aqueles que são formados há mais de 17 anos, não obtiveram nenhuma formação para o atendimento aos alunos com NEE.

Não foi diferente a percepção que tivemos quanto a experiência na Educação Especial, embora muitos tenham relatado trabalhar com algumas deficiências, como por exemplo, a deficiência física, a experiência com as demais necessidades especiais não se fez presente. Isso demonstra a dificuldade que os professores possuem para incluir um aluno especial na educação regular. Diante os factos narrados pelos inquiridos, o caminho para a inclusão dos alunos com NEE se dá pela formação continuada e pelo suporte pedagógico e físico da instituição de ensino regular. Com essas implementações, as dificuldades serão atenuadas, e a médio prazo, sanadas na sala de aula.

No que diz respeito ao **segundo objetivo específico: Buscar evidências sobre a visão dos professores sobre a inclusão e a sua disponibilidade para enfrentar esta realidade**, foram criadas **as categorias: Visão sobre a inclusão e Disponibilidade para a inclusão**.

Em relação as respostas dos inquiridos, sejam os professores quanto os psicólogos todos possuem uma visão ampla do que seria uma inclusão de facto. Embora conheçam algumas ferramentas para incluir o aluno com necessidades especiais, tais como: material especializado, aumento do horário para as atividades, a acessibilidade nos ambientes diversos da escola, os profissionais da educação ainda sentem dificuldade de incluir um aluno com necessidades especiais em uma sala de aula com uma planeamento para os alunos regulares. Para eles, apenas o desejo de incluir e os desafios que enfrentarão não serão suficientes para que a escola de facto faça essa inclusão. Eles

ainda defendem uma formação continuada que venha atender a todas as diversidades inclusivas, que vão desde as deficiências cognitivas/mentais aos deficientes físicos.

O último objetivo: Compreender qual a visão e disponibilidade dos dirigentes para a Inclusão de alunos com Necessidades Educativas especiais no Colégio Militar, as categorias: Visão sobre a inclusão e Disponibilidade para a inclusão, fez com que pudéssemos conhecer o que de facto o que os Dirigentes entendiam sobre a inclusão em um Colégio Militar.

Diante dos relatos expostos na análise, foi percebido que os dirigentes conhecem muito bem o que seria “incluir” um aluno com NEE na educação regular, bem como as legislações que as defende. Para os dirigentes, a inclusão já faz parte do Colégio há muitos anos, inclusive existe tanto um plano estratégico para se incluir, desde 2013, quanto um cronograma que vem contemplar, a partir das exigências dos laudos individuais dos alunos especiais, as adequações no currículo da educação. O Colégio também tem oferecido curso de Libras.

Contudo, mesmo diante desse preparo que os dirigentes pontuaram em suas respostas, e ainda, por acreditarem que seus profissionais (professores e psicólogos) estejam preparados, foi possível perceber que os profissionais que estão no maior tempo com esses alunos, ainda se sentem inseguros, tendo em vista que em cada tipo de deficiência há suas divisões, e que para atender a demanda de todos, os profissionais têm que está em constante aperfeiçoamento.

Por esse objetivo, concluímos através das respostas dos inquiridos que embora muitos profissionais se veem com medo de não conseguirem atender a demanda, faz-se mister salientar que há uma motivação constante no grupo que vem buscando alavancar todo o processo de inclusão, mesmo porque, o próprio Colégio vem disponibilizando subsídios teóricos e de formação para esse preparo contínuo.

Foi possível identificar todos os desafios que são muitos, elencados pelos professores e dirigentes, contudo, embora haja desafios, angústias e medos, todos os profissionais se encontram envolvidos, em busca de uma formação de qualidade e de uma educação que

possa proporcionar àqueles alunos com necessidades escolares especiais, condição de uma educação de qualidade e inclusiva.

Assim, a inclusão se faz real a partir do momento em que todos possam de facto compreender e fazer valer os direitos daqueles que necessitam de uma educação de qualidade e inclusiva. A democratização do ensino tem em seu pilar, o planejamento e as políticas públicas educacionais, que buscarão sempre atender as demandas dos alunos com NEE e que se encontram ainda excluídos da educação regular.

Limitações da investigação

A principal limitação desta pesquisa foi referente as informações que foram disponibilizadas, e o receio dos profissionais da educação em relatar o que de facto surge no processo de aceitação e inclusão de deficientes na escola, tendo em vista que o objecto de pesquisa, trata-se de um colégio com sistema de ensino rígido e com critérios de avaliação e conduta do aluno típico de uma estrutura militar.

Sugestões para futuras investigações

Apontamos para posteriores reflexões sobre o contexto de incluir sem excluir, as diversas diferenças existentes em um aluno inclusivo. Sugere-se um aprofundamento da investigação, utilizando também como amostragem, os familiares que compõe a teia do processo de ensino aprendizagem dos alunos especiais.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, J. (2009). *Educação inclusiva: jogos para o ensino de conceitos*. Campinas, Papyrus Editora.
- Ainscow, M. & Ferreira, W. (2003). *Compreendendo a educação inclusiva: algumas reflexões sobre experiências internacionais*. In D. Rodrigues, (org.). *Perspectivas sobre a inclusão: da educação à sociedade*. Porto, Porto Editora, pp. 103- 116.
- Alarcão, I. (2001). *Professor-investigador: que formação?* In: Campos, B. (Ed.), *Formação Profissional de professores no ensino superior*. Porto, Porto Editora, p. 21-31.
- Amado, J. (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em educação*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Aranha, M. S. F. (2004). *Educação inclusiva: transformação social ou retórica?* In: *Inclusão: intenção e realidade*. Org. Sadão Omote. Marília, Fundep, p.37-59.
- Barbosa, H.(2010). *Por Quê Inclusão?*. São Paulo.[Em linha]. Disponível em: <<http://www.defnet.org.br/heloiza.htm>>. [Consultado em: 30/08/2017].
- Bardin , L (2011). *Análise de Conteúdo*. S. Paulo: Edições 70.
- Bereta,M.S.; Viana,P.B.M.(2014). DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS. *Revista Pós-Graduação*. [Em linha]. Disponível em:<<http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/revposgraduacao>>. [Consultado em: 30/08/2010].
- Borges, L. F.F.(2010). *Um currículo para a formação de professores*. In: Veiga, Ilma Passos Alencastro e Silva, Edileuza Fernandes da (orgs.). *A Escola mudou. Que mude a formação de professores!* Campinas, SP: Papyrus.

Bereta, M.S; Viana, P.B.M (2014). OS BENEFÍCIOS DA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA EM ESCOLAS REGULARES . *Revista Pós-Graduação: Desafios Contemporâneos* v.1, n. 1, jun/.

Borges, M.C.; Pereira, H.O.S; Aquino, O. F. (2012).Inclusão versus integração: a problemática das políticas e da formação docente. *Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação*. [Em linha]. Disponível em:<15/07/12 file:///D:/Downloads/4394Borges.pdf>.[Consultado em: 12/01/2018]

Bueno, J. G. (1999). Crianças com necessidades educativas especiais, política educacional e a formação de professores: generalistas ou especialistas. *Revista Brasileira de Educação Especial*, vol.3, nº 5, 7-2.

Bueno, J.G. S.(1993). Educação especial brasileira: integração/segregação do aluno diferente. São Paulo, EDU/PUCSP.

CAAde. [Em linha] Disponível em: <[http:// WWW.caade.mg.gov.br/pdf/cartilha.pdf](http://WWW.caade.mg.gov.br/pdf/cartilha.pdf)>.[Consultado em: 10/02/2018].

Caldas, M. A. E.(1986). *Estudos de revisão de literatura: fundamentação e estratégia metodológica*. São Paulo: Hucitec.

Camargo, E.P.(2016). *Inclusão e necessidade especial: compreendendo identidade e diferença por meio do ensino de física e da deficiência visual*. São Paulo: Editora Livraria da Física.

Carvalho, R. E.(2000). *Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva*. Porto Alegre: Mediação.

Carvalho, R.E.(2002). *A nova LDB e a Educação Especial*. Rio de Janeiro:WVA.

- Carvalho, R. E.(2003). Experiências de assessoramento a sistemas educativos governamentais na transição para a proposta inclusiva. In: Movimento *.Revisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense*, Niterói, EDUFF, nº.1, pp 39-59.
- Carvalho, R.E.(2007). *Educação inclusiva: com os pingos nos "is"*. 3.ed. Porto alegre: Mediação.
- Carvalho, R. E. (2008). *Escola Inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. Porto Alegre: Mediação.
- Conselho Nacional de Educação (2001).*Diretrizes Nacionais para a Educação Especial*. Brasília: CNE.
- Correia, L. M. & Martins, A. P. (2002) .Uma escola para todos: Atitudes dos , professores perante a inclusão. *Revista Inclusão*, nº1. pp.13.
- Correia, L. (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais na classe regular*. Porto: Porto Editora.
- Correia, L. (2001). Educação inclusiva ou educação apropriada?In Rodrigues, D. (ED.), Educação e diferença. *Valores e práticas para uma educação inclusiva*. Porto. Porto Editora, pp123-142.
- Correia, L. (2003). *Educação especial e inclusão*. Porto, Porto Editora.
- Correia, L. (2008). *Inclusão e necessidades educativas especiais*. Um guia para educadores e professores (2ª Ed.) Porto, Porto Editora.
- Costa, V. A. (2011). Formação de professores e educação inclusiva às demandas humanas e sociais: para quê?. In Miranda, T. G; Galvão, T. A. F. (Org.) *O Professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares*. Salvador: EDUFBA, 2012.

- Creswell, J. W.(2010). Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto. Porto Alegre: Artmed.
- Crochík, J. L.(2002) *apontamentos sobre a educação inclusiva*. In Santos, G.A.; Silva, D.J.(Org.).São Paulo: casa do Psicólogo, 2002.p. 279-297.
- Diaz ,J.B.(2015). Estratégias de ensino aprendizagem. Petropólis, RJ: Vozes.
- Duarte, R.(2002). *Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de campo*. Departamento de Educação da Pontifícia universidade católica do Rio de Janeiro. Cadernos de Pesquisas, n. 115, p. 139-154- março.
- Dutra, Juliana. A. P. (2015).*Formação dos professores no Brasil*. In: anuário de produções Acadêmico-Científica dos docentes da faculdade Araguaia . V.3, 2015 p. 274-304.
- Ferreira, M.S. (2007). *Educação Regular, Educação Especial – uma história de Separação*. Porto: Edições afrontamento.
- Ferreira, J.A.O; Carneiro, R.U.C. (2016).Educação Inclusiva: O Trabalho Pedagógico Com Alunos Público-Alvo Da Educação Especial Do Ensino Fundamental Ii Na Sala De Aula Comum. Riaee – *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 11, n. esp. 2, p.969-985, 2016.[Em linha]. Disponível em:< <http://seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/viewFile/8937/5880>>.[Consultado em: 01/02/2018].
- Fonseca, V.(1997). *Educação Especial*. Porto alegre: Artmed.
- Fonseca, V. (2002).Tendências futuras para a educação inclusiva. *Inclusão*, 2, pp. 11-32
- Freire, P.(1998). *Comunicação ou extensão?* 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

- Glat, R.; Nogueira, M.L.L.(2002). Políticas Educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil. *Revista Integração*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Especial, ano 14, n°24.
- Glat R, Fernandes Ef.(2005) Da Educação Segregada à Educação Inclusiva: uma Breve Reflexão sobre os Paradigmas Educacionais no Contexto da Educação Especial Brasileira. *Revista Inclusão: MEC/SEESP*.
- Goffredo, V. L. F. S. de.(2001). *Como formar professores para uma escola inclusiva?* Rio de Janeiro, Faculdades Integradas de Jacarepaguá.
- González, J.A.T. (2002). *Educação e Diversidade: bases didáticas e organizativas*. Porto Alegre: Artemed.
- Gottfried, M. A. (2014). Classmates With Disabilities and Students' Noncognitive Outcomes. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, 36(1), 20–43.[Em linha]. Disponível em:< <http://doi.org/10.3102/0162373713493130>>.[Consultado em: 04/02/2018].
- Guimarães (2006, p.179).Inclusão: *Revista da Educação Especial/ Secretária de Educação Especial*. V.5, n.1 (jan/jul) – Brasília: Secretária de Educação Especial.
- Karagiannis, A.; Stainback, W.; Stainback, S.(1999). Fundamentos do ensino inclusive. In: Stainback, W.; Stainback, S.(Org.). *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed,p. 21-34.
- Leitão, F. (2010). *Valores educativos, Cooperação e Inclusão*. Salamanca, Luso-Española de Ediciones.
- Lima, L. (2002). *Atitudes: Estrutura e mudança*. In Vala, J. & Monteiro, M. (Ed.), *Psicologia social*. (5ª ed.). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, J. e Silva, H. S. (2010). *O professor faz a diferença: na aprendizagem dos*

alunos na realização dos alunos no sucesso dos alunos. Lisboa: Lidel.

Marchesi, A. (2001). A prática das escolas inclusivas. In: Rodrigues, D. (Ed.), *Educação e diferença: valores e práticas para uma educação inclusiva.* Porto, Porto Editora, pp. 77-91.

Matos, A., Cunha, M. I. & Cavalcanti, J. (2016). *Identidade profissional dos docentes de educação especial: processos de construção.* In :Educação Especial em Tese 25 anos a Formar Professores .[Em linha]. Disponível em <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2319/1/ed_espe_tese_ebook.compressed.pdf>,[consultado em 17 -01- 2017].

Mrech, L. M.(1999). *Psicanálise e Educação: novos operadores de leitura.* São Paulo: Pioneira.

Mrech, L.M.(2017). O que é educação inclusiva. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de São Paulo: São Paulo. [Em linha]. Disponível em: <http://www.inclusao.com.br/projeto_textos_23.htm>.[Consultado em: 10/12/2017].

Mantoan, M. T. E. (2016). *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna.

Mantoan, M.T.E.(2006). *Inclusão escolar: pontos e contrapontos.* São Paulo: Summus.

Mantoan, M. T. E.; Prieto, R. G.(2006). *Inclusão Escolar- Pontos e Contrapontos.* São Paulo. Summus.

Manzini, E. J. (1990).A entrevista na pesquisa social. Didática. São Paulo, v. 26/27 p. 154.

MEC. (1996). Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.* Brasília: senado.

da Educação. Inclusão: Revista da Educação Especial. V.4, n.1. Brasília, MEC/SEESP, 2008.

MEC SAADE.(2001). Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial. Brasília: CNE.

MEC. (2008). Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. In: Secretaria de Educação Especial/Ministério.

MEC.(2010). Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações de Educação especial.

MEC.(2010).Ministério da Educação Secretariada Educação Especial. Marcos político Legais da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: senado.

MEC.(2014). Ministério da Educação. Secretária de Educação Secretaria de Educação continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – Nota técnica nº 04/2014/MEC/SECADI/DPEE.

Mendes, E. G. (2002).Perspectiva para a construção da escola inclusiva no Brasil. In: *Escola Inclusiva*. Org.: Palhares, M.S. & Martins, S. C. São Carlos, EdUFSCar, PP.61-85.

Menestrina, T. C.; Menestrina, E.(1996). *Auto- realização e qualidade docente*. Porto Alegre: EST.

Minetto, M.F.(2008). *Currículo na Educação Inclusiva: entendendo esse desafio*/Maria de Fátima Minetto.2.ed. Curitiba: ibpex.

Mintler P.(2003). *Educação Inclusiva: Contextos sociais*. 1ª. Ed. Porto alegre: Artmed.

- Monteiro, A. P. H.; Manzini, E. J.(2010). *Mudanças nas concepções do professor do ensino fundamental em relação à inclusão após a entrada de alunos com deficiência em sua classe*. [Em linha]. Disponível em:<
<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v14n1/a04v14n1.pdf>>. [Consultado em: 30/08/2010].
- Monteiro, I (2000). *Percepções dos professores do Ensino básico acerca dos alunos com dificuldades de aprendizagem e/ou problemas de comportamentos: um estudo exploratório a propósito da inclusão educativa*. Dissertação de mestrado (não publicada), universidade do Minho: I.E.P.
- Monteiro, M. da S.(1998). A Educação Especial na perspectiva de Vygostky. In: FREITAS, Maria Teresa Assunção (Orgs.). *Vygotsky um século depois*. Editora da UFJF.
- Morgado, J. (2003). *Qualidade, Inclusão e diferenciação*. Lisboa, instituto Superior de psicologia Aplicada.
- Morgado, J. (2004), *Qualidade na Educação – um desafio para os professores*. Lisboa, Editorial Presença.
- Nóvoa, A.(1999). *Profissão Professor*. Porto. Porto Editora.
- Nóvoa.(1995). *António. Profissão professor*. 2 ed. Portugal: Porto Editora.
- Coelho, F.P (2012). *A formação e as atitudes de professores do ensino básico face à inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais na sala de aula*. Dissertação de Doutoramento apresentado à Universidade da Extremadura, Badajoz.
- Paraná.(2003). Conselho Estadual de Educação. Deliberação 02/2003, aprovada em 02 de junho de 2003. *Normas para a Educação Especial, modalidade da Educação Básica para alunos com necessidades educacionais especiais, no sistema de Ensino do Estado do Paraná*. [Em linha]. Disponível em

:<[Http://celepar7cta.pr.gov.br/seed/deliberacoes.nsf/publicadas](http://celepar7cta.pr.gov.br/seed/deliberacoes.nsf/publicadas)>. [Consultado em:10/10/2018].

- Passos, A.F.(2009). *Educação Especial: prática de aprendizagem, convivência e inclusão*. São Paulo: Centauro.
- Pereira, I e Serra, H. (2016) . *Um olhar sobre a inclusão:concepções e práticas educativas numa instituição de natureza privada*. In :Educação Especial em Tese 25 anos a Formar Professores .[Em linha]. Disponível em <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2319/1/ed_espe_tese_ebook.compressed.pdf>.[consultado em 17 -01- 2017]
- Presidência da República.(2008). *Decreto Nº 186, de 09 de julho de 2008*. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007.
- Presidência da República. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Imprensa Oficial.
- Presidência da República.(2007). *Decreto Nº 186, de 09 de julho de 2008*. Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007.
- Presidência da República.(2008). *Decreto Nº 6.571, de 17 de setembro de 2008*. Dispõe sobre o Atendimento Educacional Especializado. BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais da Educação Especial para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Educação Básica. Brasília, MEC/SEESP, 2008.
- Prodanov, C. C.(2013). *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale.*

- Rodrigues, D. (2006). Notas sobre investigação em Educação Inclusiva. In D. Rodrigues (Ed.), *Investigação em Educação Inclusiva*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Roldão, M. (2001). A formação como projecto: do plano-mosaico ao currículo como projecto de formação. In: Campos, B. (Ed.). *Formação profissional de professores no ensino superior*. Porto, Porto Editora, PP.6-20.
- Romanelli, O. de O.(1984). *História da Educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis/RJ: Vozes.
- Rosa, R. S.(2017). A Inclusão Escolar de Alunos com Necessidades Educativas Especiais em Escola de Ensino Regular. [Em linha]. Disponível em: <www.contemporaneo.org.br/artigos/artigo196.pdfEducação>. [Consultado: 30/08/2017].
- Stainback, W.; Stainback, S.(Org.).(1999). *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artmed,p. 21-34.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*.Porto, porto Editora.
- Sanches, I. (2005). *Compreender, agir, mudar, incluir*. Da investigação-acção à educação inclusiva. Revista Lusófona de Educação, 5, PP.127-156.
- Sampieri, R.H; Fernández, C. Lucio, M.D.P.(2013). *Metodologia de Pesquisa*. Porto Alegre: Penso.
- Sant’ana Im. (2005). Educação inclusiva: concepções de professores e diretores. *Psicologia em Estudo*.
- Sasaki, R. (2010). INCLUSÃO – REVISTA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL. Secretaria da Educação Especial, out. 2005; jan./jul.

- Saviani, D. (2009). Formação de professores: aspectos históricos do problema no contexto brasileiro. *Rev. Bras. Edu. [online]*. Vol. 14, nº 40, p.143- 155.
- Santos, A.G. (2010). *O COORDENADOR PEDAGÓGICO E AS REUNIÕES PEDAGÓGICAS – POSSIBILIDADES E CAMINHOS*. Encontro de Ensino e Pesquisa em Extensão do SENAC. [Em linha] Disponível em: <http://www.faculdadesenacpe.edu.br/encontro-de-ensino-pesquisa/2011/IV/anais/comunicacao/034_2010_ap_oral.pdf>. [Consultado em:10/02/2018].
- Selau, B. (2007). *Inclusão na sala de aula*. 1ºed. Porto alegre: Evangraf.
- Severino, A.J.(2016). *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo:Cortez.
- Silva, L.N; Freitas, L.A.;Dutra, L.C.S.(2014). Inclusão Escolar: Dificuldades E Desafios Da Inclusão Nas Séries Iniciais Em Uma Escola Pública. *Revista Modalidade*. http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_4datahora_24_10_2014_17_46_06_idinscrito_1020_e858a327a47207eb7af28bfd4f8b8f06.pdf
- Sharma, U., Forlin, C., & Loreman, T. (2008). *Impact of training on pre-service teachers' attitudes and concerns about inclusive education and sentiments about persons with disabilities*. *Disability & Society*, 23(7), 773–785. Disponível em: <<http://doi.org/10.1080/09687590802469271>>. [Acessado em: 10/12/2017].
- Silva, M. (2002). *A inclusão de alunos com necessidades educativas especiais e a análise de necessidade de formação contínua de professores*. *Inclusão*, 2, PP.33-48.
- Silva, M. (2009). Da exclusão à inclusão: concepções e práticas. *Revista lusófona de Educação*, 13.
- Silva, Smith, C.; Strick, L. (2001) *Dificuldades de aprendizagem de A a Z: um guia completo para pais e educadores*. Porto Alegre: Artmed.

- Sousa, M. G.da S. (2008). *A formação continuada e suas contribuições para a profissionalização de professores dos anos iniciais do ensino fundamental de Teresina- Pi: revelações a partir de histórias de vida*. 130 f. Dissertação Mestrado em Educação -UFPI.
- Souza, I.A.(2016). *Estatuto da pessoa com deficiência: curatela e saúde mental*. Belo Horizonte: Editora D'Plácido.
- Stainback, S.; Stainback, W. (1999). *Inclusão – um guia para educadores*. São Paulo; Artmed.
- Tessaro, N.S et al. (2005). Inclusão escolar: visão de alunos sem necessidades educativas especiais. *Psicol. esc. educ.* v.9 n.1 Campinas jun. 2005. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000100010>.[Acesso em: 10/12/2017].
- Fernandéz, J.T.(2009). Competências Docentes. Professorado. *Revista de Curriculum y formación Del profesorado*, 13(2). Disponível em:< [www.urg.es/~ recfpro/p=453](http://www.urg.es/~recfpro/p=453)>. [Acesso em: 10/12/2017].
- UNESCO (1994). Declaração de Salamanca e enquadramento da acção na área das necessidades educativas especiais.
- Vaz Freixo, M. J. (2011). *Metodologia Científica – Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Veiga, I. P. A. (2009). *A aventura de formar professores*. Campinas, SP: Papyrus.
- Vygotsky, L.S.(1993a). *The fundamental of defectology: problems of abnormal psychology and learning disabiliies*. In Rieber, R, W; Carton, A. S. (Ed.). *The collect works of L. S. Vygotsky*. V. 2. New York: Plenum.

Xavier, A. G. P.(2002). Ética, técnica e política: a competência docente na proposta inclusiva. *Revista Integração*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Especial, ano 14, n°24.

Zabalza, M. (2013). *Diversidade e Currículo*. Lisboa, Ministério da Educação.

ANEXOS

ANEXO 01 – AUTORIZAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO

Ao Sr Diretor de Ensino do
Colégio Militar de Brasília
Cel. Alexandre da Hora

Eu, Lanzilina Netto Duque, Mestranda na Universidade Fernando Pessoa, em Portugal, do Mestrado de Educação Especial, venho respeitosamente solicitar autorização para realizar meu trabalho de pesquisa, junto ao Colégio Militar de Brasília.

Minha pesquisa intitulada A formação dos professores e a inclusão de Alunos Especiais no Colégio Militar tem como objetivo compreender se a formação dos professores do colégio Militar os prepara para a inclusão de alunos com deficiências . Esta pesquisa será sustentada numa entrevista aos professores e gestores que trabalham ou trabalharam com alunos especiais.

Gostaria que me fosse afirmado e assegurado que tenho direito a realizar minha pesquisa nesta instituição.

Também gostaria de ter assegurado o registro em papel e ou digital (sonoro e de imagem) que serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após sua conclusão.

Por isso, peço consentimento para realizar o estudo em causa.

Brasília, _____.

Lanzilina Netto Duque

ANEXO 02 –DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO



DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

TÍTULO DA PESQUISA: A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES E A INCLUSÃO NO COLÉGIO MILITAR DE BRASÍLIA (responsável pelo projeto: Lanzilina Netto Duque)

Eu _____, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da minha participação na investigação que ora será apresentada, bem como do estudo a ser desenvolvido. Foi-me dada a oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive respostas satisfatórias.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou sobre objetivos e os métodos empregados na pesquisa, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Foi-me ainda assegurado que os registros em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão. Além disso, a identidade dos entrevistados será resguardada e nomes fictícios serão utilizados.

Por isso, consinto em participar no estudo em curso.

Data: ____/____/20__

Assinatura do Responsável pelo participante no projeto: _____

Participante da pesquisa: _____

Assinatura:

Comissão de Ética da universidade Fernando Pessoa

ANEXO 03 –QUESTIONÁRIOS PARA DIRIGENTES E PROFESSORES



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Lanzilina Netto Duque

**GUIÃO DE PERGUNTAS PARA OS DIRIGENTES
DO COLÉGIO MILITAR**

**TEMA: “FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INCLUSÃO DE ALUNOS
ESPECIAIS NO COLÉGIO MILITAR”**

Normas da Pesquisa Académica

- 1) A presente pesquisa visa fins unicamente académicos, não sendo a mesma realizada para fins de pesquisa de mercado ou afins;
- 2) O (A) entrevistado (a) deverá participar dessa pesquisa por livre e espontânea vontade. Qualquer tipo de coação, se descoberta posteriormente, invalidará automaticamente a mesma;
- 3) O resultado da pesquisa estará à disposição dos entrevistados para uma posterior consulta no centro académico da referida instituição;

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UFP

Este questionário tem como finalidade obter informações sobre . O mesmo será utilizado exclusivamente para fins académicos e como parte de Pesquisa em um Mestrado em Inclusão na Educação da Universidade Fernando Pessoa. O anonimato e a confidencialidade das informações prestadas estão garantidos. O preenchimento é feito assinalando a alternativa escolhida e explicando-a sempre que for necessário.

Questão 1- O/a senhor/a poderia dizer, com suas palavras, o que é inclusão social?

Questão 2- O que pensa sobre a Educação Especial no sistema Militar?

Questão 3- Como o Colégio Militar vê a participação de alunos Especiais em suas salas de aulas?

Questão 4- Os professores estão preparados para receber os alunos de Educação Especial no sistema do colégio Militar e como?

QUESTIONÁRIO – PROFESSORES



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Lanzilina Netto Duque

GUIÃO DE PERGUNTAS PARA OS PROFESSORES DO COLÉGIO MILITAR

**TEMA: “FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INCLUSÃO DE ALUNOS
ESPECIAIS NO COLÉGIO MILITAR”**

Normas da Pesquisa Académica

- 1) A presente pesquisa visa fins unicamente académicos, não sendo a mesma realizada para fins de pesquisa de mercado ou afins;
- 2) O (A) entrevistado (a) deverá participar dessa pesquisa por livre e espontânea vontade. Qualquer tipo de coação, se descoberta posteriormente, invalidará automaticamente a mesma;
- 3) O resultado da pesquisa estará à disposição dos entrevistados para uma posterior consulta no centro académico da referida instituição;

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

MESTRADO EM EDUCAÇÃO – UFP

Este questionário tem como finalidade obter informações sobre . O mesmo será utilizado exclusivamente para fins acadêmicos e como parte de Pesquisa em um Mestrado em Inclusão na Educação da Universidade Fernando Pessoa. O anonimato e a confidencialidade das informações prestadas estão garantidos. O preenchimento é feito assinalando a alternativa escolhida e explicando-a sempre que for necessário.

Questão 1 - Quanto tempo o/a senhor/a tem de magistério?

Questão 2 - Qual a sua formação e qual é a sua área de atuação?

Questão 3 – Durante sua formação acadêmica, o/a senhor/a teve noções básicas de Educação Especial?

Questão 4- O/a senhor/a entende por inclusão social?

Questão 5- Quanto tempo o senhor/a trabalha com aluno de Educação Especial no sistema militar?

Questão 6- Quais as dificuldades e desafios enfrentados na Educação Especial?

Questão 7- Qual a sua visão de integração e inclusão na Educação Especial?

Questão 8- Como o/a senhor/a se sente diante da possibilidade de receber aluno deficiente?

Questão 9- Qual é o tipo de suporte pedagógico que o/a senhor/a recebe para atuar com aluno de Educação Especial?

Questão 10- O/a senhor/a já participou de encontros, reuniões com outros professores organizados pelo colégio com o objetivo de troca de experiências bem sucedidas ou não para atuar com aluno de Educação Especial?

Questão 11- O/a Senhor/a poderia dizer algumas sugestões no sentido de tornar eficaz a inclusão de um aluno com deficiência na escola regular do sistema militar?

Questão 12- Qual é a vantagem para um aluno sem deficiência estudar ao lado de um aluno com deficiência no Colégio militar?

ANEXO 04 – RESPOSTAS DOS QUESTIONÁRIOS

PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO / PROFESSORES E PSICÓLOGOS

Questão 1 - Quanto tempo o/a senhor/a tem de magistério?	
P1	Mais ou menos uns 20 anos.
P2	Uns... Ah... Hum... Uns 25 anos
P3	Magistério? Em torno de ...vinte, desde os 18 anos...Eu tenho 45. É 27anos? 27 anos.
P4	Eu tenho....25 anos. 25...26.
P5	Eu já tenho...Eu estou no magistério há exatos 17 anos.
P6	Tenho 8 anos
S1	Professora, eu não sou professora.sou psicóloga.
S2	Eu não sou da área de magistério. Eu sou psicólogo. Trabalho aqui na seção Psicopedagógica do colégio há 5 anos.

Questão 2 - Qual a sua formação e qual é a sua área de atuação?	
P1	x
P2	Eu sou formado em letras Português/Inglês pela faculdade... Universidade do CEUB de Brasília Distrito Federal.
P3	Eu fiz Letras na Universidade do Rio de Janeiro - Português-Inglês e aqui pro exército eu fiz Inglês então, magistério em Inglês.
P4	Eu sou licenciada em Matemática-licenciatura plena, Bacharel em Direito, e eu sou mestranda em Educação, especialista em metodologia de Ensino Superior e especialista em Inclusão. E a minha área de atuação aqui no Colégio é..com altas habilidades do projeto de desenvolvendo talentos e como professora de desenho/geometria, foi o concurso que eu fiz aqui.
P5	Eu sou...a formação inicial toda a formação ou acadêmica? Tá. Eu tenho graduação em Letras, licenciatura plena em Língua Portuguesa e Literatura. Eu tenho especialização em Literatura e Língua Portuguesa, Educação Especial inclusiva, Mestrado em educação e Doutorado em Educação
P6	Sou pedagoga com gestão educacional e atualmente estou na supervisão escolar e apoiando a seção de Educação Especial.

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INCLUSÃO DE ALUNOS ESPECIAIS NO COLÉGIO MILITAR

S1	Já atuei por 9 anos na área gestão de pessoas e há 6 anos eu atuo no consultório e o meu contato é... é nessa área de ensino aprendizagem, e que eu atendi muito com os alunos com transtornos globais do desenvolvimento é...com alunos com transtorno funcionais específicos. Então, não sou da área de magistério, eu sou psicóloga.
S2	Eu sou Psicólogo e trabalho com Psicologia escolar.

Questão 3 – Durante sua formação acadêmica, o/a senhor/a teve noções básicas de Educação Especial?

P1	É... Não. É...Nada que eu me recorde.
P2	Não. Nenhum. Ah. Bom... A minha área de atuação é inglês
P3	Tive básicos e fiz um estágio lá no Rio de Janeiro, lá no Benjamin Constant, que trabalha com cegos. Nós tivemos que fazer uma aulas lá . Vê como era as aulas deles. Nós tivemos que preparar uma aula de Inglês para eles.
P4	Não. Minha formação acadêmica, terminei em 94. Naquela época na minha faculdade, nem se falava em Educação Especial.
P5	Na graduação não. No mestrado também não, porque a minha área de pesquisa não foi na Educação Especial. Eu fui ter o primeiro contato mesmo academicamente, Estudar Educação Especial , primeiro contato foi em 2014, quando eu fui estudar. Quando eu fiz um curso de extensão sobre transtornos globais do desenvolvimento que hoje chamam de transtornos invasivos do desenvolvimento, o autismo, né? Eu fiz um curso de 300 horas, por minha conta, interesse meu mesmo na área, e depois, eu fiz uma especialização inclusiva. Aí sim, eu fui ter contato com a área da inclusão. Mas essa...essa especialização lato senso, eu a fiz em 2015 e conclui em 2016, por minha conta.
P6	Sim. Inclusive agente tem uma disciplina exclusiva de Ensino Especial.
S1	Sim, durante a faculdade, 5 anos de faculdade onde agente tem disciplinas relacionadas a Educação Especial Inclusiva, onde agente tem o contato com todos os transtornos possíveis, não é? E durante a minha especialização de mais 4 anos, como foi na área clínica,eu tive bastante contato com todos os transtornos.
S2	Sim. Era a disciplina que eu fiz, era uma disciplina só semestral. Era as pessoas com necessidades especiais-PNE, o nome da disciplina.

Questão 4- O/a senhor/a entende por inclusão social?

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INCLUSÃO DE ALUNOS ESPECIAIS NO COLÉGIO MILITAR

P1	Inclusão social...é ... é uma maneira pelo qual é.. o professor e a turma é... apoia de forma plena a participação da pessoa que tem necessidades especiais
P2	Séria Ah... No meu entendimento abrir as portas da escola para todos as pessoas com qualquer deficiência física e mental, intelectual, espiritual enfim qual quer dificuldade de aprendizagem. Séria da oportunidade a todos de ter acesso ao ensino.
P3	A inclusão é agente não ter preconceito com as diferenças entre nós. Então, Nós vamos incluir o aluno e não é dando regras para um e regras para outro porque aí você estaria excluindo os alunos. É incluir todos os alunos na mesma regra.
P4	A inclusão é muito ampla. Agente tem as várias vertentes que geralmente quando se fala em inclusão pensa diretamente em deficiência. Mas agente tem várias vertentes. Agente tem a inclusão do índio que é uma minoria de seus e que precisa seus direitos da garantia dos seus direitos. A do negro, por conta do longo período de escravidão. Agente precisa trabalhar com essa inclusão do negro, porque a competitividade da...de sociedade, ele não entra com o mesmo pé que o homem branco por ter sido escravizado por muitos longos anos. Agente tem também a inclusão das pessoas com baixa renda, pessoas com baixa instrução. É extremamente amplo,né?
P5	Olha. Se você pensa no termo inclusão social, eu acho que ele...ele... abre vários leques. Eu poderia pensar em inclusão social no sentido de incluir as pessoas menos favorecidas economicamente. Eu poderia pensar na inclusão social pensando nas minorias que de certa forma estão desconsiderados, nos processos de interação, mas pensando na escola, eu penso que a inclusão social pode também estar ligada aos alunos com necessidades especiais ou as pessoas com deficiências. É ...os termos em alguns lugares, eles variam nesse aspecto. Mas eu penso que a inclusão, independente da forma como ela seja, ela sempre vai ser um ato social. Porque de uma certa forma você está dando visibilidade para alguém que é desconsiderado no todo. É muitas vezes desconsiderado até mesmo nas políticas públicas. Então eu penso então, que toda inclusão de certa forma é social também, porque ela...ela...se dirige a um quadro social e dá visibilidade a ele.
P6	Inclusão social é tudo aquilo que faz o indivíduo se sinta inserido em determinado lugar, né?É ...seja na escola, seja no meio social, de forma que ele consiga participar também, né?
S1	Inclusão Social na minha percepção, e relacionada especificamente a escola ou não de uma forma bem abrangente? De uma forma bem abrangente a Inclusão social para mim é quando agente consegue eliminar todas as barreiras de uma pessoa que tenha algum tipo de necessidade específica seja ela física ou cognitiva, esse aluno ou essa pessoa consegue, ou esse indivíduo consegue ser inserido socialmente em algum contexto, seja na escola, seja na comunidade a qual ele faz parte ou qualquer ambiente
S2	Social. Inclusão social. Inclusão social é dar....ah, desculpe, é dar condições

	igualitárias as pessoas e a sociedade respeitando as suas diferenças.
--	---

Questão 5- Quanto tempo o senhor/a trabalha com aluno de Educação Especial no sistema militar?

P1	Eu acredito que não de forma explícita, mas dentro do processo da minha entrada aqui no colégio há nove (9) anos atrás.
P2	Eu nunca trabalhei no...no ensino no colégio militar eu nunca trabalhei com qualquer aluno que tivesse alguma deficiência
P3	Ah... eu acho que sempre(riso), sempre. Eu acho que desde sempre, né? Sempre nós temos os alunos que são TDH, TDA e aí foi sempre.
P4	Aqui no sistema é.. na verdade,eu acho que trabalho desde o dia que eu entrei no Colégio. Agente trabalha com aluno é...nas suas diferenças, né? mas...é... não se falava muito em educação especial. Então, agente tem esse vulto depois de 2000 e.....na minha vida depois de 2012,que foi quando eu comecei a estudar o tema, mas, que no Colégio,eu acho que 2014 e 2013.
P5	Olha, oficialmente, agente não pode dizer que oficialmente, até porque o colégio ainda está na transição prá Educação Inclusiva, mas o primeiro registro que eu tenho de ter recebido formalmente da escola, ter sido informado que eu estava recebendo algum aluno que tinha uma necessidade educacional diferenciada foi em 2006, quando eu recebi o primeiro aluno laudado com dislexia, e com déficit de atenção e hiperatividade. Hoje, agente sabe que dislexia, o TDA, o TDH, entram nos transtornos funcionais. Eles não entram nas deficiências, que são considerados deficiência física, deficiência intelectual e os transtornos do espectro autismo. Mas em 2006, eu comecei como professor a ter contato com alunos enquadrados com transtornos funcionais. Em 2014, nós recebemos um aluno com o laudo de transtorno do espectro autista, no sexto ano. É ... aí nós começamos a trabalhar com ele, embora a escola não tivesse ainda nada, é ...em termos de documentos oficiais para de tratamento diferenciado para esse aluno. Mas nós tivemos que a duras penas que trabalhar com ele. Em 2015, eu recebi um aluno laudado com DPAC o transtorno do processamento auditivo central. Não chega a ser uma deficiência, mas é um transtorno que cria grandes problemas para aprendizagem, principalmente na questão da Língua Portuguesa. Então, assim, desde 2006, nós estamos recebendo, principalmente, esses alunos com transtornos funcionais, agora com um quadro que é considerado, pelo menos na Legislação Brasileira das deficiências, foi esse aluno em 2014, enquadrado no autismo no transtorno do espectro autista. Três anos mais de 2006 para agora, 11 anos. De certa forma, que agente vem recebendo. Em 2005, foi muito interessante. Recebi uma aluna que usava aparelho auditivo. Ela tinha uma dificuldade de fala, mas nunca foi feita naquele ano, até por ser tão distante assim, não foi feito nada diferente para ela. Agente só foi informado de que ela

FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A INCLUSÃO DE ALUNOS ESPECIAIS NO COLÉGIO MILITAR

	usava o aparelho, e ela se sentava na primeira carteira. É só isso também.
P6	Agente iniciou tem dois anos nos estudos. Esse ano de fato agente começou a receber os alunos de Educação Especial.
S1	Desde setembro do ano passado. Então, no Colégio Militar de Brasília sou muito nova. Não é mais com o aluno de aluno de Educação Inclusiva no consultório, eu já trabalho há 6 anos.
S2	É de modo oficial a Educação Inclusiva no colégio, ela ainda e em processo de capacitação, mas de modo extra oficial, nós tínhamos alunos bem antes...Eu já lidava com alunos que tinham alguma dificuldade e até deficiência. Eu lembro de aluno é... com hemiplegia, que já passou aqui pelo colégio. Agente tinha alunos esquizofrênico, que já passou pelo colégio. Então, agente teve vários tipos de pessoas com transtornos diferentes que o colégio já tinha. Já eram alunos nossos e que já tinham essa marca da Educação Inclusiva e da Educação Especial.

Questão 6- Quais as dificuldades e desafios enfrentados na Educação Especial?	
P1	Eu acho que ..uma das princi...é uma das principais dificuldades que agente encontra é além da formação é teórica na área pois nós precisamos de modelos práticos e de depoimentos de pessoas que trabalham na área e que deram certo. É ...conseguiram é resolver questões de forma satisfatória e que os alunos foram de fatos incluídos no sistema e conseguiram superar suas limitações.
P2	Ah... è... Séria ao meu ver a preparação é do próprio sistema em preparação dos professores. Habilitar professores adequar as próprias dependências físicas das escolas, prá poder receber, Ah... A esses alunos que não são... É.... que Tinha alguma dificuldade Na aprendizagem, na locomoção, enfim qualquer outro distúrbio, então eu creio que seria tanto a preparação tanto intelectual tanto do corpo docente quanto da própria estrutura física da instituição.
P3	Eu acho que o maior desafio é justamente justamente você não ter preconceito. É você tratar as diferenças de modo, né? Os pais não aceitam isso. Os pais querem diferenças né?. Então, eu vejo problema com os pais porque eles acham que eles tem mais direitos né? É....é... a própria formação do professor também, porque são muitas variáveis.
P4	Eu acho que os desafios é você se reinventar a cada dia. Porque cada pessoa que você recebe é diferente. Você pode receber um TGD hoje e amanhã você recebe outro TGD, e são indivíduos muito diferentes. Então é você ...é... se moldar se reestrutura cada dia para poder contar. É...é reinventar a cada dia para trabalhar as diferenças.
P5	Olha, eu acho que são vários. O primeiro deles, que para mim se torna mais complicado é quando a família fica no quadro de negar a deficiência. Então, a família nega que a criança tem deficiência porque na verdade, aquela

	<p>deficiência de uma certa forma, ela quebra toda uma expectativa. Ela quebra todo um desejo que foi criado em relação aquela criança. Então, eu acho que o primeiro grande problema que agente tem é esse: quando a família nega, porque você vê claramente que a criança precisa de um atendimento diferenciado, mas a família não aceita. Depois que a família vive essa aceitação, ela vive o luto, porque querendo ou não de certa forma, que é um luto, que ela vive. Vem um outro ponto: a família corre o risco de superproteger demais essa criança. E ela é uma criança que tem que ser educada, como as outras crianças. Ela tem que receber limites, a diferença é que muitas vezes a informação para ela ser transformada..... é dada de uma forma diferente. Você vai ter que aceitar um tempo diferenciado que ela tem. Isso são os desafios que eu vejo na família, e existem também, os desafios, que eu vejo nas que existem nas instituições, porque da mesma forma que a família tem um ideal de filho e nega o filho com deficiência porque ele quebrou esse ideal, o professor também. O professor e a escola tem uma visão idealizada de aluno. Então, todo aluno, mesmo que ele não tenha nenhuma deficiência, mas que ele está fora, ele rompe, que ele quebre esse ideal, ele cria conflito. Então, nossos primeiros passos, muitas vezes, ou é negar a deficiência dessa criança e achar que aquilo não existe que aquilo é exagero, que... ou agente querer....é aceitar que existe a diferença mas não querer fazer o trabalho diferenciado. E aí vem o terceiro, a terceira grande questão que eu acho que é a escola repensar o seu currículo para aquela criança, para atendê-la nas suas necessidades, para realmente educá-la como um ser completo, ser total, um ser diferenciado. Eu acho que essa é um grande desafio porque a escola, muitas vezes, tem que receber um aluno especial, um aluno com deficiência mas ele não quer mudar as suas rotinas para aquele aluno no sistema militar, eu vejo isso muito forte porque é um sistema que ainda valoriza muito o mérito individual. E aí, a todo momento, por exemplo: agente... ah...fulano de tal tem uma deficiência X, então a prova dele não pode ser uma prova discursiva. Ele tem que fazer uma prova objetiva. Isso já vira um cavalo de batalha, mas o quê que os pais dos outros alunos vão dizer por que ele está fazendo uma prova diferente. Mas é necessidade dele. Há alunos que dependendo do grau de deficiência que eles tenham ou do transtorno que eles tenham, seja qual for. De repente, ele faz a prova oralmente ou ele nem tem que fazer a prova ou ele tem que ser avaliado de outras formas. Eu vejo que os grandes desafios que agente tem é esse. Agente quer aceitar que tem que receber a criança com deficiência, mas agente não quer adaptar os nossos as práticas as nossas avaliações faz ele precisar. O papel é dito que agente tem que adaptar, mas na prática encontra muita resistência, e não é só dos professores. Muitas vezes, do professor a resistência é mais por não saber como fazer. Ele se sente inseguro. É normal que ele se sintam assim. Ele se sente inseguro, mas você vê que muitas vezes você até tem uma... uma resistência de algumas cabeças até mesmo da própria gestão que não querem mudar os processos que acham que o processo vai ficar melindrado quando, na verdade, o mais importante que o processo é o aluno. É agente não pode esquecer isso.</p>
P6	<p>Os desafios são muitos, né? Na verdade, e a maioria das pessoas não tem conhecimento do que está por vir e nem agente também, é agente ouve muito na teoria, mas na prática, agente só vai descobrir quando começar a receber a</p>

	<p>individualidade, né? Porque agente agente verificar ali que tem uma necessidade especial física dum aluno, que ele não tem uma perna, por exemplo, mas já vai ser diferente de um aluno que não tem braço, então cada um agente vai tratar de uma forma individual e é, dá medo na verdade. É receber esses alunos sem que te o conhecimento real de como que se que se trabalha.</p>
S1	<p>Aqui no colégio Militar de Brasília, eu acredito que seja, principalmente, a mudança de alguns paradigmas e agente tem alguns conceitos que já estão culturalmente arraigados, então modificar esses conceitos prá que as pessoas passem a trabalhar com essas...com esses novos conceitos de Educação inclusiva, mesmo sendo em se tratando um colégio bem tradicional. Essa para mim, ..minha ...minha... é a maior dificuldade trabalhar com esses novos conceitos e fazer com que as pessoas se conscientizem com relação a isso.</p>
S2	<p>Tá. Desafios nossos é... cada pessoa é uma pessoa dentro do seu transtorno, então, ainda que se leia muito sobre o tema, nós tenhamos critérios diagnósticos, cada pessoa vai ter uma forma diferente de dispor, apresentar esses diagnósticos, esses sintomas dela. Então, é um conhecer individualmente, cada pessoa e traçar um plano que melhor atenda. Só que é um trabalho que não dá para fazer individualmente, agente precisa reunir a equipe de docentes, trabalhar com pedagogos, com coordenadores de ano e pensar numa estratégia que melhor acolha a pessoa que tem aquele transtorno. E não o transtorno em si que é muito genérico inclusive. É um atendimento customizado, individualizado para pessoa dentro daquele transtorno que ela apresenta.</p>

Questão 7- Qual a sua visão de integração e inclusão na Educação Especial?

P1	<p>É as questões é...referentes ao processo de inclusão são mais profundas do que o processo de é..de integração. Integrar seria simplesmente abrir as portas da escola e receber estes alunos. E inclusão seria esse processo de estender as potencialidades daqueles que a escola adentra.</p>
P2	<p>Ah... Bom. Integração eu diria... É... seria é..trazer todos para o sistema. Sabendo que a inclusão nem sempre é... Ocorre é... principalmente, com relação a comunidade de surdos que tem a sua própria comunidade que não se ver incluídos, integrados no sistema regular de ensino. Então, eles não se sentem incluídos, pelo contrário para nós, podemos chama de inclusão, para eles seriam uma exclusão. Eles querem serem incluídos, mais dentro da sua própria comunidade tendo suas próprias escolas, né? Então para surdo enfim, eu falo por que fiz estudo nessa área da inclusão que eu diria ah... De surdos. Eu vejo assim uma certa diferença e uma certa dificuldade de incluir a todos,tá. E fazer todos ficarem intergrados enfim.</p>
P3	<p>Visão.....é.... então, para mim a integração e a inclusão tem que andar juntos.O</p>

	aluno tem que tá integrado e incluso na aula. Participando, fazendo as atividades, tendo as avaliações. Então, tem que tá junto.
P4	A integração é você fazer meio que de conta... . Você coloca o aluno na escola mas você não adapta a escola para atender as necessidades reais daquele menino. E a inclusão não. A inclusão é você colocá-lo e dar condições para ele se desenvolver. É ... é de forma mais plena possível.
P5	É que na verdade são duas coisas bem diferentes, né? Na integração, você vai receber muitas vezes o aluno é... num turno e no outro turno ele vai ter uma atividade diferenciada voltada para o tipo de deficiência que ele tem ou mesmo no próprio turno, ele vai ter alguns momentos com os colegas e os momentos fora. Eu acho que agente não pode nem santificar um nem demonizar o outro. Agente tem que ter bom senso e pensar em cada caso. De repente, para determinados alunos, dependendo do grau de deficiência que eles tenham, a integração funcione. Prá outros não. Em alguns casos, eu ainda sou partidário da inclusão. A partir do momento que eu resolvi aceitar, agente, eu aceito a criança no todo e adapto as atividades para ela. Só que às vezes, existem algumas diferenças intelectuais que u....u....u..a pessoa ela fica na escola até com uma certa idade, já está mais velho que os outros, então talvez por conta dessa diferença, que muitas vezes, não é intelectual, mas existe uma diferença física que às vezes, você em numa turma de 4ª série, pegar um exemplo aqui 5º ano , os meninos na faixa etária de 10 e e um aluno com deficiência intelectual com 15,16. Fisicamente há uma distância entre eles porque a questão intelectual, então, talvez se perceber se há necessidade talvez, com esse aluno de melhor integração. Mas eu acho que cada caso tem que ser analisado. Mas eu penso assim, se agente resolveu dar m salto, se nós resolvemos que somos inclusivos, então nós vamos fazer integração inversa. Tem que fazer inclusão. E a inclusão é acertar, é agregar, é acolher. I...i...i... claro, adaptar o currículo para a necessidade, mas não excluir aquela criança, aquele aluno, aquele estudante de atividade nenhuma, ele vai fazer dentro das possibilidades dele. Ele vai ser incluído em tudo.
P6	Integração está muito mais voltado para o indivíduo dentro do local mais ele não participa do processo. A inclusão não. A inclusão ele vai tá participando do processo. E ele é ativo do sistema e e ele vai se sentir realmente de fato incluído quando ele est participar das atividades propostas e não ele ficar ali no canto isoladamente desenvolvendo uma atividade diferente do dos demais colegas.
S1	Bem meu conceito de integração, então, é .. na verdade, é....é ...são palavras similares, mas tem diferenças consideráveis, então, é para mim a diferença de integração e inclusão, hoje em dia, agente deva trabalhar, ou deve ser trabalhado com inclusão, porque eu aceito o aluno é a fala especificamente da escola,.A escola se prepara para esse aluno. Como eu falei, integração, o aluno é que tem que mudar comportamentos para se integrar a esse novo contexto. Na inclusão não. A escola, ela, ela se prepara, faz toda uma mudança para receber esse aluno. Então, parte-se do pré suposto que quando trabalho com aluno de inclusão, agente, esse... esse aluno, ele não tem uma dificuldade ou necessidade específica e sim é a escola quem precisa é... trabalhar essas

	adequações.
S2	<p>Eu acho que a inclusão é ... se for para diferenciar, eu não entendi muito bem a pergunta. Diferenciar a integração e inclusão ou..ou como que a senho....(repeti a questão)</p> <p>É ...eu acho que a inclusão, ela se torna um termo mais abrangente do que integração. A integração, posso pensar do aluno estar no colégio, onde estão todos os outros, é.. mas ele não necessariamente está frequentando as mesmas aulas e convivendo com nos mesmos espaços. O termo inclusão para mim é mais abrangente. Então o aluno numa escola inclusiva, ele frequenta às aulas com os outros alunos que são ditos entre aspas normais, que não tem nenhuma dificuldade maior, e ele tem essas atividades no contra turno, né? Enquanto que integração diria a possibilidade de uma escola comportar uma classe de pessoas, é .. com algum deficiência, uma necessidade específica, não necessariamente, frequentando o mesmo espaço, tendo os mesmos acessos que uma pessoa com deficiência, com alguma dificuldade. Pelo menos é assim que eu visualizo essa questão.</p>

Questão 8- Como o/a senhor/a se sente diante da possibilidade de receber aluno deficiente?

P1	<p>É..como eu disse na primeira questão. Agente já trabalha nesta perspectiva desde o começo desde minha atuação aqui no Colégio Militar. Não de forma explícita, mas trabalhamos com algumas deficiências, principalmente com questões relacionadas aos comportamentos, como déficit de atenção, como entre outras coisas menores (entre aspas). Mas é.. nós sentimos que ainda não estamos preparados para receber toda sorte de alunos com deficiências especiais. O colégio só agora começou a tomar conta dessa questão preparando material fazer e salas,e fazer treinamento dos professores. Mais ainda: é coisa muito nova ainda no colégio.</p>
P2	<p>Totalmente despreparado. Por que eu creio que escola ainda está engatinhando nesse processo e falta muito ainda para nós termos é... Está é... Capacidade de recebermos. Estou vendo algumas mudanças, é... Principalmente no aspecto da locomoção. Tudo. Muita coisa está sendo feita para receber aluno que vem com alguma deficiência física tipo né? De locomoção, seja cego seja cadeirante, então existe algum...há investimento sendo feito, ainda pouco, mais eu volto a dizer falta .. falta bastante, falta tudo. Poderia dizer com relação a preparação do corpo docente. O corpo docente, eu vejo que está despreparado para qualquer tipo de inclusão nesse momento.</p>
P3	<p>É... eu ainda assim....como eu disse: agente já tem vários alunos né? Que ...não com casos mais diferentes. Ou com casos diferentes que precisa de alguém com apoio. Agente sempre tratou. Eu tive até um aluno autista dentro de sala. Né? i...agora eu sinto um pouco de receio porque justamente os pais tem que tá adequado e aceite as ..as regras do jogo né? Então os pais também tem que confiar na gente. Então, isso que eu ainda me sinto receosa.</p>
P4	<p>Eu... Eu particularmente me sinto motivada. Porque o professor, ele já tem um</p>

	<p>...uma especificidade que é não ter nenhum igual ao outro. E com o aluno deficiente, com o aluno diferente, agente vai ta a cada dia se reinventando, né? Então, assim, será algo mais trabalhoso com certeza porque vai ter que sair do lugar comum e trabalhar de acordo com a necessidade do aluno, e não mais com a forma pronta como agente vinha fazendo na escola.</p>
P5	<p>Eu...como eu disse na outra resposta, eu sempre fico com uma certa ansiedade. Não porque eu não queira receber a criança, mas sempre pensando assim: será que eu vou ter condições de trabalhar com ele da melhor forma. Eu acho que o professor precisa ter esse suporte da escola, portanto a escola tem que se preparar para dar esse suporte. Precisa ter a equipe do atendimento educacional especializada, que não vão trabalhar com alunos nos outros horários vão ser pessoas que vão pensar práticas para que eu possa trabalhar melhor com aquele aluno, né? Então, eu fico muito ansioso nesse aspecto. Uma outra coisa que me preocupa é o número de alunos em sala de aula, porque prá eu trabalhar com uma criança dependendo da deficiência que ela tenha ou do transtorno que ela tenha. Ela vai demandar mais tempo de mim. Eu não posso ter uma sala cheia. Isso é um problema que agente vive, né? As salas são superlotadas. A escola tem que repensar o seu conceito de disciplina porque muitas vezes, não é porque as crianças estão em movimento que elas estão indisciplinadas. Talvez a atividade pede aqui. i... então, eu penso assim é ...eu... eu fico com muita ansiedade. Até hoje se não recebi diretamente o aluno com deficiência no sentido de fazer um trabalho diferente porque até então, a escola não tinha se organizado para isso. Acredito que daqui prá frente, agente vai ter que receber e trabalhar nisso. Mas eu só espero que eu não fique desamparado e abandonado institucionalmente, porque aí isso é cruel comigo e é cruel com aquele aluno, né? Hoje Eu penso assim: talvez se eu recebesse uma criança com autismo dentro do transtorno do espectro autista, eu consiga trabalhar mais um pouquinho melhor pelo pouquinho que eu já li. Mas eu queria que pelo menos a escola se organizasse numa estratégia de matrícula para eu saber no ano anterior, no finalzinho do ano anterior: olha você vai receber um aluno com espectro autista. Você vai receber um aluno com deficiência intelectual. Para que eu possa pelo menos ler. Que venha com um histórico das conquistas que ele já teve. Que eu possa dialogar com quem já foi professor dele e se possível para saber o que dá certo e o que não dá. O que agente tem que pensar também, que estamos dando com seres humanos. Essas crianças, esses adolescentes, eles não podem ser tratados como seres de um...de um...de um experimento.O trabalho com eles tem que ter continuidade. Então eu acho assim. Eu ...Eu...fico ansioso neste aspecto. Eu não quero ser abandonado institucionalmente, porque não adianta nada a escola dizer para mim: mas nós estamos dando curso, nós temos o sistema tal, se as pessoas não veem para me ajudar. Eu preciso disso.</p>
P6	<p>Ansiosa(riso). É o que agente comentou antes, né? É porque agente não sabe o que vai enfrentar, lidar. Aprende-se muito na teoria mais na prática é que agente vai descobrir como funciona realmente.</p>
S1	<p>É...eu me sinto um pouco insegura., mas feliz pelo colégio está trabalhando com isso de insegurança por talvez é... o colégio ainda tem um grupo pequeno</p>

	pensando é.. a respeito disso.
S2	A possibilidade , ela sempre foi presente, na verdade. Ela...ela existe e ao mesmo tempo demanda da gente uma é..uma constante abertura e revisão das nossas práticas. Então, eu me sinto, na verdade, é inspirado em continuar tentando me capacitar em acolher, e é essas dificuldade , e tentar junto com a equipe pensar em estratégias para ajudar prá...prá acolher essa pessoa que chega. Eu me sinto inspirado na verdade.

Questão 9- Qual é o tipo de suporte pedagógico que o/a senhor/a recebe para atuar com aluno de Educação Especial?

P1	É ainda do meu ponto de vista é uma coisa escassa, porque a necessidade é urgente e essa necessidade demanda de conhecimentos mais profundos sobre a área. Então precisamos de forma urgente trabalhar é... esses conteúdos, discutir práticas em rodas de conversas que sejam com a educação motivada e que frequentemente e que nós tenhamos encontros para que as pessoas possam relatar suas experiências e trocar saberes.
P2	Ainda não. Com exceção, talvez de oferecimento de algum curso né? De Libras que a escola tem procurado trazer é ... é... Toda via é... ainda falta muito para que os professores um com outro talvez , esteja começando a estudar. Uma coisa é você estudar e outra coisa e você dominar a linguagem de sinais algo que leva muito tempo, anos até prá que um professor, que o professor esteja habilitado a dar uma aula é... Ou se tornar interprete talvez de algum outro professor. Então, nós estaríamos muito alguém nesse processo.
P3	Agente tá tendo capacitações. Já teve <i>workshops</i> . O Colégio oferece curso de Libras grátis. O colégio também é... oferece cursos departicular.dentro de uma lista que o professor pode fazer sem custo nenhum.
P4	O suporte pedagógico, eu acho que hoje, aqui na escola ele é um pouco deficitário. Agente que meio tem que ser mais independente e procurar fazer leituras, procurar se inteirar de práticas exitosas porque a escola em si no momento, eu... eu... não vejo que ela apresenta é ... muitas condições. Apesar de que foi oferecido cursos de especialização, então de formação continuada. mas eu acho que poderia ter mais oficinas, ter mais palestras para preparar, para ajudar o profissional nessa nova caminhada.
P5	Bom, como eu ainda não recebi aluno, oficialmente nesta perspectiva, é digamos eu ainda não tive suporte. O que eu sei que tem aqui na escola e que está sendo criado uma sala de recursos, está sendo criado uma seção de atendimento educacional especializado mas quê que eu vejo que ainda esta tendo um desvio muito grande do que é essa sala de recurso. As pessoas estão achando que essa sala de recursos é uma sala pro professor de recurso trabalhar com aquele aluno como se fosse uma integração e nós não estamos

	<p>na perspectiva de integração. Aquela sala é prá aquele professor que tem que pensar práticas para que eu possa utilizar em sala com meu aluno. Então eu acho que está tendo um descompasso, aqui pelo menos, dentro dessa instituição. Nessa visão eu acredito que não seja nem proposital. As pessoas ainda estão muito na linha do erro e do acertar.mas eu penso o seguinte o seguinte: se eu receber um aluno, eu preciso é... receber instrumentos pedagógicos que possam ser úteis para educação dentro do transtorno da deficiência que ele tenha. Então se, sei lá, se de repente um aluno de baixa visão, cego, que eu receba braille, que eu receba materiais que ele possa ter. A folha com letra com fonte maior né? Mas, então a escola,ela tem que se preparar para isso também. Vou dar um exemplo: agente tem um aluno do oitavo ano que não é meu aluno. Ele tem a síndrome de Irlei. Na síndrome de Irlei, ele teria que ter...ele teria que receber as folhas com cores diferentes porque com contraste do branco com o preto na síndrome de Irlei dificulta a leitura para criança mesmo quando ela usa óculos. Infelizmente, ele não recebe as notas de aula impressa na folha verde. Então, quer dizer isso não básico mas eu acho que tem que acordar para isso. Perceber que receber aluno com Educação Especial inclusiva. Beleza, cada aluno vai ter que se adequando e o professor vai precisar das tecnologias que... que... nem sempre é computador e tudo, às vezes para o aluno é um lápis mais grosso, é uma folha com fonte maior. Eu já vi algumas situações dessa. Eu tive um aluno uma vez que ele, e hoje ele está no 2º, que no dia da prova de Língua Portuguesa, ele quebrou os óculos. Ele tinha 7 graus de miopia. Ele não tinha condições de fazer a prova. Eu fui até a sessão técnica e pedi qui...qui...que ficou aquele drama se ia..como que ia fazer para imprimir aquela prova para ele com a fonte maior. Queriam que o menino fizesse a 2ª chamada. Na época, o meu chefe era uma pessoa de visão. Assim, uma pessoa maravilhosa. Ele falou assim: você tem a prova aí <i>in pendrive</i>? Tenho. Vamos imprimir aqui mesmo. Agente imprimiu a prova com fonte 20. O menino fez a prova. Então, quer dizer, agente tem que estar atento. Que são coisas banais. Isso é uma tecnologia. Prá aquele menino era necessário naquele momento.</p>
P6	<p>Então, o colégio vem oferecendo é... há mais de dois cursos de qualificação, capacitação dentro dessa área. Agente já viu alguns atendimentos educacional especializado. Agora está tendo Libras e diversas palestras que o colégio vem oferecendo também há algum tempo. Além da pós-graduação que também já foi oferecido pelo colégio.</p>
S1	<p>Atualmente, eu faço um curso de especialização. Então, eu busco esse suporte pedagógico fora do colégio e aí é querendo ou não parte de suporte também é dado quando agente conversa com pessoas que já tem um certa experiência, ou então a troca de conhecimentos também me dá esse suporte.</p>
S2	<p>O colégio tem oferecido é.. algumas capacitações. Eu cheguei conversar com o gestor de capacitação e na pessoa dele, mais especificamente na seção de atendimento especial especializado, eles têm um planejamento de atividades nas quais os docentes vão se voluntariando a fazer o curso, agora tem o curso de pós-graduação em educação inclusiva da Uninter. É....já tivemos</p>

	seminários, tivemos jornadas. O colégio vem oferecendo oportunidades de cada com o perfil, a pessoa vai se voluntariando de acordo com esses eventos.
--	---

Questão 10- O/a senhor/a já participou de encontros, reuniões com outros professores organizados pelo colégio com o objetivo de troca de experiências bem sucedidas ou não para atuar com aluno de Educação Especial?

P1	Ainda não. Embora ah... eu tenha ficado um período ausente do colégio com uma licença de 2 (dois) anos, mas ouvi notícias que isso aconteceu no colégio. Mas eu não tive a oportunidade de participar. Somente de palestras expositivas sobre as questões principalmente ligadas a avaliação desses alunos ao adentrarem no Colégio Militar.
P2	Sim. Alguns né? A escola tem começado já oferecer alguns encontros: Seminários. Dando pelo menos... Abrindo a mente dos professores para entrar nesse mundo, nesse processo. Tá Somente alguns seminários, né? esporádicos né? Que a gente teve a oportunidade de participar nisso estamos dando o primeiro passo.
P3	Sim. Agente teve ano passado, em 2016 um <i>workshop</i> .
P4	Já. Eu já...eu já fui visitar o Centro de Ensino. O Centro de de Altas Habilidades em Taguatingá. Já participei de seminário de Altas Habilidades que o colégio me proporcionou e já fui é... fiz visitas no....no....na sala de ensino especial de Sobradinho II, também com...com..., assim trabalhando pelo Colégio, inclusive com viaturas, com a companhia dos meus chefes.
P5	Eu particularmente, não. Mas já houve momentos em que o colégio trouxe pessoas, professores que trabalham em outras instituições. Eu, infelizmente, não tive a oportunidade. Foi feito um seminário, que se eu não me engano ano passado, que vieram professores de outras escolas para essa troca. Mas por minha conta por duas vezes. Aqui em Brasília tem um grupo chamado Desabafa autista, que se reúnem pais, mães e professores de alunos autistas. Eles se reúnem um vez por mês em cada lugar e as pessoas vão trocar experiências. Eu fui assistir a um desses encontros, e depois eu procurei na escola classe, da 405 norte uma professora que trabalhava com autismo , e eu tive sorte de ela ter sido levada pró grupo centro espírita que eu trabalho com evangelização de crianças, e ela foi falar de experiências como professora para o grupo da escola. Acabei dando com a sorte de ter recebido isso por fora. Mas a escola promoveu sim. Eu não tive a possibilidade de ir todos os horários. Eu estava dando aula e não tinha professor para o meu lugar então. Mas de uma certa forma eu tentei ir atrás. Também pelo menos ouvi algumas pessoas que trabalham com a educação especial inclusiva para pensar um pouco o quê que é isso.
P6	Sim. Teve um seminário de Educação da DEPA que foi realizado em Juiz de Fora. Lá, agente encontrou com outros profissionais da área prá conversar e e aconteceram algumas oficinas que agente pode discutir ali também

	experiências vividas.
S1	Sim. Agente já participou de alguns seminários. O colégio também já proporcionou com a participação de alunos, profissionais em eventos fora do colégio com seminários sobre surdez que teve ano passado. Então, alguns encontros profissionais fora do colégio com profissionais do CAIS, agente teve um encontro com profissionais do INES. Lá no Rio de Janeiro, e com os profissionais da APAE que trabalha com deficiências múltiplas, com APADA que é associação de cegos é..é.. a ABPC, associação brasileira de cegos. O colégio, ele vive constantes proporcionando essas interações.
S2	Sim, sim,sim. Agente tem uma parceria com o Cais- que é Centro de atençõma pessoa surda aqui de Brasília. E ...e.. a sempre que tem algum evento,,né? Ainda que não seja de modo oficial, conversa informal com esses profissionais acabam possibilitando troca de experiências.
Questão 11- O/a Senhor/a poderia dizer algumas sugestões no sentido de tornar eficaz a inclusão de um aluno com deficiência na escola regular do sistema militar?	
P1	Eu acho que primeira, a primeira questão importante é trabalhar com o processo de inclusão e não com o resultado da inclusão. Então, quando se discute, por exemplo, inicialmente a questão da avaliação. Ah... é... como se o objetivo fosse tocar a sensibilidade dos professores prá que eles fossem mais lenientes no processo de avaliação. Então o foco deve ser no processo que é ... o que acontece durante o processo e quais são os alcances e as fronteiras que precisam ser erguidas para que haja de fato aquisição de conhecimento plena.
P2	Eu gostaria que você repetisse a pergunta. Bom a minha primeira e talvez até a única sugestão nesse momento seria é... Chama todos, o corpo docente e pensa num... Num processo a capacitação. Se não houver isto de nada adianta toda a preparação física então minha sugestão nesse momento. E que não e fácil por que temos que ter tempo para isso, e temos portanto uma formação preparação capacitação do corpo docente. Para mim essas as necessidades básicas do momento.
P3	Sugestões?Eu acho que ah...eu....eu acho que agente tem que implementar muitas coisas aqui na sala, muitos projetos, muito, muito mais capacitação, visitas a outras instituições para ver como é que é.
P4	Uma sugestão? É... eu acho que agente começar atuando com o que agente tem. Porque agente já tem aluno. Agente tem uma aluna cadeirante. Então, ela já é realidade, né? Então ouvindo muito essa aluna nas suas limitações, partindo dela, das opiniões dela, das sugestões dela, é que agente vai poder se mobilizar para poder fazer alguma coisa prá...prá adaptar né? Inclusive na Educação Física que é uma parte do Colégio que não está adaptada. É... agente vê algumas situações da própria estrutura física. Eu acho que também a questão de...de sensibilizar os colegas porque, às vezes, só nós professores. Mas quem vai tá em contato diário com os alunos deficientes são os nossos alunos. Então, eles também precisam estar sensibilizados.

P5	<p>Eu acho que a primeira coisa eu tenho que pensar que toda essa legislação que existe que ampara os colégios militares, prá aquele aluno, ela tem que ser flexibilizada primeira coisa porque aqui nós temos aquela questão: o aluno reprovou um ano se ele reprova no segundo ano, ele é jubilado. Ele sai da escola. Eu não concordo com isso, mas é o que existe na escola institucional. Não me cabe discutir isso. Por exemplo: se eu receber um aluno de educação especial, eu tenho que pensar que o tempo de aprendizagem dele é outro. Talvez, é interessante que ele fique mais um ano numa série, 2 ou não, mesmo ele não tendo atingido nota ou conceito que ele siga com os colegas porque a maturidade é emocional. Aquela..., toda aquela relação que estabelece com os colegas é muito importante do que ele ficar retido na série. Então, eu acho que a primeira coisa é pensar: nós estamos flexibilizando mesmo? Outro ponto que isso é muito importante: ter muito cuidado prá que seja enquadrado como público da Educação Especial, quem é público da Educação Especial inclusiva, prá gente não correr o risco aí, de um aluno que de repente, que eles tem outros tipos de problemas, a família não está dando conta de acompanhar a aprendizagem desse menino, e começa a dizer que esse menino é aluno da Educação Especial. Claro que agente sabe que por lei, eu não preciso de laudo. Se a família chegar Prá mim e disser “olha ele tem tal coisa”, eu tenho que começar a dar atendimento, mas agente não pode abrir mão desse laudo. Não vou deixar de ir atendendo, mas atrás de que agente está atendendo uma que precisa. Prá não correr o risco de eu estar atendendo uma criança que não é da Educação Especial, e estar deixando de atender uma outra que seja. Então, isso é outra questão muito,né? Que agente tem que ser forte. A formação para os professores não pode ser só acadêmica. Eu falo isso porque fiz aquele curso especialização da especial da Educação Especial comé já pensando com o trabalho da escola, quê que eu vejo hoje. Se eu ficar só no campo da teoria, se eu não fora atrás da prática, se eu não for conversar com quem atua, se eu não for ver como é que é atuação, não vai adiantar. Claro que o trabalho só quando ele aparecer é que eu vou conseguir fazer direito. Mas essa troca com convivência é muito importante, senão você fica só no campo teórico. Então, eu acho que a escola tem que estar muito atenta a isso, e principalmente, a escola tem que repensar a sua filosofia de educação. À partir do momento que ela decidiu que ela vai abrir às portas para o aluno da Educação Especial, agente tem que trabalhar melhor com os nossos afetos aqui dentro. Os nossos afetos não são tão bem trabalhados aqui dentro. Agente tem que saber que a palavra chave na Educação Especial Inclusiva é acolhimento. E, quando eu olho pro tamanho dessa escola, eu fico pensando se ela está pronta prá acolher. Quando eu vejo o tamanho dela aqui.</p>
P6	<p>Repete a pergunta. Ah...primeiramente agente precisa é.. incentivar os professores a participarem prá prá que realmente funcione, né? Porque agente vê como em qualquer outro lugar muitas pessoas são resistentes às mudanças, né? Às vezes, em medo de se comprometerem e isso virar contra a pessoa. Então, o primeiro passo, eu acho que é a motivação, né? Incentivar realmente os profissionais mais a quererem a aprender prá poder auxiliar a Educação Inclusiva e segundo, são as capacitações mesmo que já ocorrendo, né? Prá que os professores possam participar para trabalhar com essas pessoas.</p>

S1	Eu acho que a primeira...a senhora me perguntou sobre a sugestão? A primeira sugestão que eu dou é as pessoas que, na verdade, não seria somente a SAEE – seção de atendimento educacional especializado ou professor dentro da sala de aula que trabalhará com esse aluno. Na verdade, em todo o colégio do CA ao comandante digamos, ENTÃO, A primeira sugestão que eu dou que as pessoas abram o coração prá aceitar essa nova realidade e aí, a partir do momento que esses corações forem abertos, eu acho que o processo, ele fica menos resistente. Agente passa a lidar com menos obstáculos, obstáculos terão porque é algo muito novo pró sistema, mas é...se todo mundo estiver disposto e empenhados a contribuir, colaborar, eu acho que a resistência fica bem menor.
S2	Hum... as sugestões pelo menos, eu não sei se consigo elencar são muitas. Mas ...é ...uma ...revisão de algumas questões talvez, mais meritórias, porque o aluno que tem uma dificuldade ou uma deficiência é... ele provavelmente não, não. O sistema de avaliação dele deve e será diferente. Consequentemente, os alunos aqui são classificados de acordo com as notas. É ...é ..já se pensa em fazer um sistema de menção. É...é.. diferente da nota Para esse aluno ou prá ele não concorrer é..é.. com os outros nas outras questões di..di...di..amar, de di legião, tem-se que se revisar algumas coisas principalmente na ordem meritória, para o aluno ter justa oportunidade de galgar alguma coisa no colégio.

Questão 12- Qual é a vantagem para um aluno sem deficiência estudar ao lado de um aluno com deficiência no Colégio militar?

P1	Eu acho que do meu ponto de vista das relações interpessoais, os nossos encontros, os conjuntos, nos permitem aprender diversas estratégias e elaborarem recursos que nós temos dentro de nós para que possamos de forma colaborativa desenvolver outras habilidades então...tanto no aluno com deficiência quanto daquele que (entre aspas) não tem deficiência e podem se mutuamente, ajudar uns aos outros.
P2	Bom. A única vantagem ao meu ver o sentimento de...de amor ao próximo de poder conviver com as diferenças sabendo que isso trás um bem está, naturalmente àqueles que desejam ver a harmonia né? Das pessoas então a sensação, o sentimento de servir ao próximo necessitado ou sentimento de servir ao próximo ao, o que mais precisa eu acredito que essa sensação certamente vai ocorrer. Vai, né? Trazer mais essa satisfação aos demais alunos regulares.
P3	Acabar com o preconceito.
P4	A formação humana né? Agente vai ter. Esses alunos terão a oportunidade de conviver com as diferentes. Então, tem a possibilidade de tornarem pessoas mais solidárias, pessoas mais cidadão mesmo de pensar no outro, di....di....poder pensar o que ele pode fazer prá...prá ajudar, prá melhorar a convivência com esse, com o diferente.

P5	Eu acho que a vantagem é para os dois. É o aluno com deficiência, ele vai principalmente, abrir o olhar dele pro outro e perceber que as pessoas são diferentes e que ele precisa aprender porque o mundo é diverso. Nós somos diferentes, agente está num momento do mundo. As pessoas estão tão extremistas, as pessoas é...não estão abertas a acolher o outro na sua diversidade. Então, eu acho que prá ele o ganho já é fundamental e por sua vez pro aluno da Educação Especial ele tem a chance também de perceber que o mundo é diferente que existe outras pessoas diferentes e ele vai aprender e ele vai ensinar muito com isso. Então eu acredito que você tem chance de ter uma criança que tem as suas limitações, mas que ela vai avançar até um pouco além do que ela avançaria se ela ficasse só com outras crianças da mesma deficiência ou se ela ficasse só em casa como acontecia muito a...a...muitos anos com Educação Especial. Ambos trocam porque vão perceber que o mundo é diverso. E com a diversidade, agente cresce. Que esse é o ponto.
P6	Quais as facilidades? (Repeti a questão) Bom é aprendizagem sempre, né? Na verdade, e até pela questão da tolerância mesmo. O ser humano, hoje, ele anda muito intolerante. Então, a partir do momento que eles começarem a vivenciar isso, é vai transmitir uma pessoa fora do colégio também.
S1	A aprendizagem que ele terá, é que existe pessoas diferentes deles. Não pessoas menos ou mais que eles mais pessoas diferentes. Como é composto o universo é... por pessoas diferentes. Cada um na sua individualidade e com a sua necessidade.
S2	Crescimento pessoal, individual. É...é ...compreender a diversidade, respeitar as diferenças. Acho que o convívio em si, ele..ele faz brotar a humanidade. Assim,acho que quanto mais próximo ele tiver de pessoas com deficiência, mas agente valoriza as nossas potencialidades e mais agente respeita o próximo.

DIRIGENTES - CORONEL

Questão 1 - Quanto tempo o/a senhor/a tem de magistério?	
NOME	RESPOSTA
D1	Magistério. Nenhum. Eu não sou professor.

Questão 2 - Qual a sua formação e qual é a sua área de atuação?	
NOME	RESPOSTA
D1	Eu sou militar. Curso superior. Mestrado e tenho outros cursos. De administração e pós-graduação na área empresarial. Especialmente de Colégio militar 17 anos de Colégio Militar. Duas chefias ensino aqui e Belo Horizonte.

	Entrevista aos dirigentes de Educação
--	---------------------------------------

Questão 3 - O/a senhor/a poderia dizer, com suas palavras, o que é inclusão social?

NOME	RESPOSTA
	<p>A inclusão está sendo feita aqui no Colégio está ... está caminhando pro modelo próprio. Nós...não. Nós... é chegamos a conclusão esse ano que os modelos que agente tentou importar tipo CAS DF, GDF, esses modelos que agente eles não, é ... eles não atendem as exigências da DEPA. Então o modelo de inclusão do Colégio Militar de Brasília que vai ser diferente dos outros Colégios Militares, ele tem características próprias. Tá. Existem diferenças significativas em vários elementos. Por exemplo: é... a equipe multidisciplinar do colégio não tem as mesmas funções que da equipe multidisciplinar nas escolas públicas. Dois. Adequação curricular no Colégio Militar e esse aqui em especial ela envolve muito mais agentes de ensino do que aí fora, nas instituições públicas e privadas. É...é...ah..o funcionamento das salas de recursos multifuncionais, ela vai atender características muito peculiares do colégio que diferencia o colégio do funcionamento das salas de recursos das escolas públicas.</p> <p>E por aí vai. Então, por se muito, muito específico ter características muito peculiares, agente está caminhando por modelo próprio.</p>

Questão 4- O que pensa sobre a Educação Especial no sistema Militar?

NOME	RESPOSTA
Coronel	<p>E... Eu acho que já está atrasado né? Né... Esse movimento que é... é esse movimento que começa como uma imposição legal e que é fruto de um... De um... de um prazo expirado de preparação das escolas é... agora todo mundo resolveu se mexer para se torna inclusivo.</p> <p>A DEPA fruto de... de..de disso. Desse movimento que começou lá fora e também pela constatação de que dentro dos colégios militares já tem um efetivo significativo de alunos especiais portadores de transtornos mais diversos. Resolveu em 2013 determinar..a DEPA não, o exército,né? O comando do exército resolveu determina que a educação inclusiva passaria ser uma dos...das prioridades do plano estratégico do exército a partir 2013. Foram sendo definidos metas e objetivos a serem cumpridos e cronogramas. O cronograma atual determina que a partir 2018 o colégio militar de Brasília e o de Belo Horizonte, os dois integrantes do sistema passam a ser escolas inclusivas com limitações</p>

Questão 5- Como o Colégio Militar vê a participação de alunos Especiais em suas salas de aulas?

NOME	RESPOSTA
------	----------

	<p>Os alunos de educação especial, na verdade, nunca foram desassistidos. Eles sempre tiveram... Uma assistência é um apoio. Quem fazia isso era... é até hoje que agente ainda não é uma escola inclusiva e a seção psicopedagógica e que... Que... Que... Já executa algumas ações previstas exigências de laudo, é adequação curricular nós já fazemos algumas adequações do currículo, então, na verdade esses alunos eles sempre tiveram apoio. É que agora nós vamos sistematizar dentro da educação especial</p>
--	---

Questão 6- Os professores estão preparados para receber os alunos de Educação Especial no sistema do colégio Militar e como?

NOME	RESPOSTA
	<p>São dois conceitos diferentes: Educação especial e educação inclusiva. Tá. E... Ai no GDF- governo do Distrito Federal, por exemplo: à educação especial ela está no contexto de escolas é...Que são assim vocacionais para determinar determinado tipo de deficiência. Assim, está voltada para uma deficiência. Por exemplo: CAS sendo só de surdos. O contexto da escola inclusiva e que é o nosso modelo de sistema do colégio militar é fazer com que esse aluno ele... ele...é... habite o ambiente escolar, ou seja, ele vai ter que...ele vai ter que conviver é... Aprender os conteúdos, a se desenvolver ali todo sua... o seu processo de aprendizagem junto dos outros alunos. Isso tem um ganho... Isso tem um ganho, mais também trás alguns problemas para colégio,tá? Qual é o ganho? O aluno no meio de alunos de ditos normais. Ele... A interação dele, o amadurecimento dele, pode ter uma alavancagem. Qual é a não ganho? Qual é a dificuldade? a dificuldade é você dar uma aula, o professor dá uma aula, uma metodologia, uma didática que atinja todos os alunos ao mesmo tempo. Os normais e os portadores de transtornos, mais eu vejo isso muito positivo. Mais isso cria problema para colégio.</p> <p>A preparação do professor não no cognitivo nem intelectual.A preparação para professor está aqui. (Ele bate no peito) Você está gravando isso mais você está vendo a minha sinalização. Eu já falei isso prum... prum aluno de doutorado da UNB ele chegou comigo e disse assim: Qual é a dificuldade dos professores é... com relação a educação inclusiva? Ele esperava que eu falasse que era capacitação. Não. O colégio está muito bem de capacitação. Nós temos quase 100 professores capacitados. Eu não conheço nenhuma escola no Brasil que tem 100 profissionais com cursos de extensão ou mestrado ou especialização em inclusão. Essa escola tem. O problema do nosso professor está aqui: Coração. Tá que o professor ele... ele... Ele até sabe o conteúdo mais ele não se sensibiliza. E pra gente fazer a escolha. Educação inclusiva e muito complicada, e desafiador. Para você enfrentar é preciso ter coração.</p>

DIRIGENTES

Questão 1- O/a senhor/a poderia dizer, com suas palavras, o que é inclusão social?	
NOME	RESPOSTA
D2	A inclusão é agente não ter preconceito com as diferenças entre nós. Nós vamos incluir o aluno e não é dando regras para um e regras para outro aluno..... Aí você vai excluindo o aluno. É incluir todos os alunos na mesma regra.
D3	X
D4	Inclusão Social na minha percepção, relacionada especificamente a escola ou não de uma forma bem abrangente? De uma forma bem abrangente a Inclusão social para mim é quando agente consegue eliminar todas as barreiras de uma pessoa que tenha algum tipo de necessidade específica seja ela física ou cognitiva, esse aluno ou essa pessoa consegue, ou esse indivíduo consegue ser inserido socialmente em algum contexto, seja na escola, seja na comunidade a qual ele faz parte ou qualquer ambiente.
D5	Inclusão social é tudo aquilo que faz o indivíduo se sinta inserido em determinado lugar, né?É ...seja na escola, seja no meio social, de forma que ele consiga participar também, né?
D6	X

Questão 2- O que pensa sobre a Educação Especial no sistema Militar?	
NOME	RESPOSTA
D2	Eu acho que educação é isso aí, evolução. Agente está evoluindo e não tem como negar, né? A cada dia estamos vendo mais pessoas sendo incluídas nas escolas, e sendo incluídas no mercado de trabalho, e agente....é...a Educação é isso. Nós estamos formando cidadão de todos os níveis, tá certo?
D3	X
D4	Educação Especial e não Educação Inclusiva. Eu acredito que se já prá Educação Especial o colégio já tem resistência, abrir turmas especificamente prá aluno com necessidades específicas, eu acho que é um processo um pouco mais complicado. Então o Colégio não está preparado para trabalhar com Educação Especial, e eu não vejo num futuro nem curto e nem a longo prazo. Eu acho que agente tem que consolidar primeiro isso. O conceito de Educação Inclusiva as praticas sobre Educação \inclusiva prá...prá fortalecer essas práticas e não pensar já na Educação Especial.
D5	É uma realidade hoje e agente precisa buscar muito mais a questão de qualificação dos professores aqui dentro. Apesar de que o colégio... ele tem muitas particularidades, né? Dos outros colégios. Agente vai ter que começar a se adequar para receber bem as pessoas deficientes.

D6	Eu penso que ela..ela .. o Colégio Militar na verdade, a vertente assistencial e preparatória e preparatório para as carreiras militares mais uma pessoa com deficiência ainda não tem acesso as carreiras militares, então, a vertente assistencial, ela acabaq prestando o apoio a família, sabendo que os militares são transferidos várias vezes e há uma dificuldade e tem um sistema pedagógico, ás vezes parecido, similar dentro as religiões, nas quais os alunos é transferido, então, então essa assistência é familia militar. Eu acho que é uma das maiores vantagens em se oferecer para essas famílias esse tipo de ensino, então, prestar assistência, se em ...não lembro de toda a pergunta mais é...é.. possível, é necessário e se faz a diferença para essa família que passa por muitas transferências ao longo de sua carreira.
----	--

Questão 3- Como o Colégio Militar vê a participação de alunos Especiais em suas salas de aulas?	
NOME	RESPOSTA
D2	Eu acho que agente está aceitando bem.
D3	X
D4	Agente sabe que esse aluno encontrará algumas barreiras. Prá quem conhece o Colégio Militar, sabe que é um colégio tradicional que trabalha com bastantes notas. Não é? É um colégio meritocrático e é isso que o torna além de algumas outras ou várias características. É isso que o torna um colégio Militar- o que não é pior nem melhor do que outros colégios. É um colégio diferente. Então, esse aluno, ele encontrará sim, barreiras dentro da sala de aula, mas eu acredito que se fale bem aprendizagem essas barreiras podem não ser sanadas ou supridas, com as salas de recursos, com o atendimento no contra turno. Esse aluno terá complementação do que ele não conseguiu ter na sala de aula regular.
D5	Participação? (Riu e fez sinal para parar) Continuação Então, agente conta atualmente, com adequação curricular. Então, esses alunos que apresentam alguma dificuldade, o colégio monta esse, essa adequação curricular para que ele possa caminhar até o final do 3º ano. Agente verifica que que é complicacado a situação porque é feito aqui um apanhado geral daquilo que é importante para o aluno em situação de dificuldade cognitiva. Fora a sociedade também vai ter que fazer algumas alterações prá poder receber esses alunos, uma vez que eles já trazem uma adequação no ensino médio já mais adiante.
D6	Agente pelo menos, eu me lembro de alguns alunos com transtornos global do desenvolvimento, que tinha uma participação. claro que professor sabia das dificuldades dele. É sempre estava em contato com a família pedindo prá família manter fazendo o seu acompanhamento profissional fora do colégio, mas eles erambem integrados a ,sua turma, participava das atividades. Lógico que eu vou dar o exemplo de aluno com autismo. Tinha alguns momentos que eu para respeitar. Ele não sentia vontade de falar em público,

	mas ele ao seu modo participava das atividades propostas pro aluno fazer.
--	---

Questão 4- Os professores estão preparados para receber os alunos de Educação Especial no sistema do colégio Militar e como?	
NOME	RESPOSTA
D2	Eu acho ainda, dependendo de como qual vai ser o problema do aluno. Não sei nem se agente podia falar problema né? Qual a deficiência do aluno? Tá? Porque tem deficiência que agente precisa aí de duas pessoas, de um ajudante, um enfermeiro. Então, acho depende dessa deficiência do aluno. É...agora, como eu falei: agente já tem aluno autista, agente tem muitos alunos com distúrbios diversos: TFES, TDA, TDH. Muitos alunos com depressão o que não seriam especiais, mas agente lida como então agente lida com variedades de problemas diversos.
D3	Olha...Agente é... eu tive contato com muitos professores passando em reuniões de coordenação, e agente vê a velha resistência que o profissional, no geral, não só professor tem para mudanças né? I...i.....há uma mudança de paradigma à partir do momento que ele, a escola e que se molda ao aluno e não mais o aluno que tem que se adequar aos moldes da escola. Então, é..... eu acho que além dessa preparação em termos de instruções e conhecimentos tinha que se trabalhar a sensibilização, porque a pessoa que tem contato com o deficiente na família, ela já é sensibilizado. Que inclusão vem de dentro para fora. Acho que primeiro agente precisa tocar nessas questões das pessoas perceberem diferentes respostas, o diferente é também trabalhar com instruções para trabalhar com essas diferenças. Eu acho que essa sensibilização ela faz falta. Eu acho que tem professores muito resistentes.
D4	Professora não. (riso). É ..eu estou sendo bem honesta com a senhora.Nós temos grupos de professores, que eu vejo segurança, que eu vejo aceitação, que eu vejo preparação, mas eu acredito que assim, um...uma parcela considerável de professores do CMB, eles precisam abrir o coração. Aquela história que eu contei anteriormente, não é? E se esses professores abrirem o coração, eu acho que a resistência diminuirá porque é uma realidade e o Colégio não poderá voltar atrás. É uma realidade que todos nós teremos de nos adequar.
D5	Os professores estão se preparando ainda, né? Agente não consegue atingir a totalidade, mas já tem um número razoável aqui de pessoas que estão se qualificando, fazendo as capacitações que o colégio vem oferecendo. Como eu informei anteriormente: pós-graduação, alguns cursos menores, e as palestras que agente oferece. É 100%? Não. Não estão preparados. E é a experiência que vai fazer com eles se preparem.
D6	Essa é uma pergunta capciosa. É uma preparação constante. Nunca vamos estar prontos, mas também não estamos é...é.. despreparados. Melhor resposta.

